



S237 Santos, Maria Stella de Azevedo.

Ejonile. Maria Stella de Azevedo Santos, Graziela Domini Peixoto. / Salvador, 2013.

248 p. (Odu Adajo – Coleção de destinos ; v. 2)

ISBN

1. Religião. 2. Candomblé. 3. Cultura afrodescendente. 4. Odu. I. Peixoto, Graziela Domini. II. Título.

CDU: 299.6



QDU ÀDÁJQ
Coleção de Destinos

Ejonile

Tradição Oral
Maria Stella de Azevedo Santos

Tradição Escrita
Graziela Domini Peixoto



Salvador • Bahia • Bahia • 2013

Pèlẹ̀ to ọ̀wọ̀ ọ̀mọ̀ èku baba wá

Baba ati iyá mi, ki tobi mi, ló jọ, gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Ọ̀ba Biyi gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Olufan Deiyi gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Ọ̀ṣun Miwà gbà mi efiedeno

Iyáloríṣa Iwin Tona gbà mi efiedeno

Àwọ̀n Èsà ki ẹ̀lèsè Olorun, gbà mi efiedeno

Àwọ̀n ẹ̀gun ki ẹ̀lèsè Olorun, gbà mi efiedeno

Èṣu, Bòni Bodè, yágo

Ògún Àkòró, gbà mi o

Ọ̀balúàiyé, gbà mi o

Ọ̀dẹ̀ Arolé, gbà mi o

Iyá Ọ̀ṣun, Lodò, Ìdè gbà mi o

Yansān, Iyá Mesān Ọ̀run, gbà mi o

Ìyẹ̀mọ̀njá, Iyá Tāràgba Omi, gbà mi o

Şàngó, Ọ̀ba Kòso gbà mi o

Baba Olófọ̀n ati Oşàgiyàn, gbà mi o

Ọ̀rúnmilà, gbà mi o

Peço ao meu criador, **Olorun**, que, com compaixão, respeito e força pura, coloque em ordem a minha espiritualidade, pois sou sua filha.

Meu pai e minha mãe, que me deram nascimento e me educaram, mas que já se foram, protejam-me, tenham paciência comigo.

Iyáloríṣa Óba Biyi, proteja-me, tenha paciência comigo.

Iyáloríṣa Olufan Deiyi, proteja-me, tenha paciência comigo.

Iyáloríṣa Òṣun Miwà, proteja-me, tenha paciência comigo.

Iyáloríṣa Iwin Tòna, proteja-me, tenha paciência comigo.

Todos os **Ésà** que são servos de **Olorun** protejam-me e tenham paciência comigo.

Todos os ancestrais, que são servos de **Olorun** protejam-me e tenham paciência comigo.

Peço licença a **Èṣu**, Aquele que ocupa e protege a porta da cidade.

Ògún, Aquele que usa capacete, receba-me e proteja-me.

Ọbalúaiyé, Senhor da Terra, receba-me e proteja-me.

Òṣósi, Aquele que surge quando é chamado através do som, receba-me e proteja-me.

Mãe **Òṣun**, Senhora do Rio, que é dona do bracelete de amarração, receba-me e proteja-me.

Yansān, Mãe das nove dimensões, receba-me e proteja-me.

Ìyèmonjá, Mãe das águas, que é amadurecida e fala francamente, receba-me e proteja-me.

Şàngó, Rei de **Kòso**, receba-me e proteja-me.

Pai **Olófòn** e Pai **Oṣàgiyàn**, recebam-me e protejam-me.

Ọrúnmilà, receba-me e proteja-me.



■ Sumário

Introdução.....	9
A Coleção Ọdú Àdájọ como ferramenta	13
Proposta de leitura da Coleção Ọdú Àdájọ.....	17
Àkọşo – Prefácio	19
Èjọnile Méjì	23
Àmi Ọdú - Insignia do Ọdú	27
Gênero.....	30
Elemento.....	32
Ètìtẹ Alẹ ou Ìlà-Ifá - Sinais de Ifá	33
Ìwọ-Ọrun - Ponto Cardeal.....	35
Wájì - Cor.....	38
Ajọba - Regência.....	40
Ara Ènià - Corpo Humano.....	41
Ìtúmọ Ọrukọ - Significado do Nome	42
Kiki - Saudação	43
Ìtan-Àtowodowo - Fecundação.....	45
Ìtan de 1 a 80.....	46

Èdá-Òkúta - Reino Mineral.....	133
Èdá-Ewéko - Reino Vegetal	135
Èdá-Èlémi - Reino Animal	158
Ìjoba Aráiyè - Reino Hominal	167
Ìjoba Òrun - Reino Divinal	171
Sentenças	191
Àfọṣẹ - Relato do Jogo.....	197
Ẽwò - Interdito	203
Comportamentos Adequados	205
Elementos de Èbọ	210
Colocação de Èbọ	217
Nomes a serem chamados	218
Ọfò - Encantamentos.....	225
Simbologia.....	231
Fontes Bibliográficas.....	246

■ Introdução

A Coleção **Qdú Àdájó** tem como objetivo primordial contribuir para que a religião trazida pelo povo africano para o Brasil seja mais bem compreendida e, assim, possa ser mais respeitada. O preconceito é fruto do desconhecimento e gera conflitos que interferem na vida individual e coletiva. Explorando a filosofia da religião dos **oríxa**, sem precisar devassar seus mistérios (os quais interessam apenas a seus sacerdotes, por serem eles os responsáveis pela execução dos rituais), pretende-se dar uma contribuição no sentido de ajudar para que a distância entre as pessoas, decorrente de desavenças religiosas, possa tornar-se cada dia mais insignificante. Essa coleção se destina, portanto, a qualquer pessoa que busque ter uma visão mais ampliada da existência, aos estudiosos de culturas diversas e, principalmente, aos iniciados da religião que é conhecida no Brasil pelo nome de candomblé.

É da natureza humana o hábito de tentar planejar a vida, o que termina por fazer com que o homem busque formas de penetrar no desconhecido futuro. Uma das formas muito utilizadas é a

adivinhação, que consiste na tentativa de predizer o que está por vir. O povo africano, não fugindo a essa regra, também tenta desvendar o que está encoberto através da interpretação dos complexos sistemas oraculares que possui. Por terem esses oráculos origem divina, optou-se por chamá-los de sistemas divinatórios, ao invés de adivinatórios. O sistema divinatório mais completo do referido povo é o Corpo de **Ọdú** de **Ifá**, que é um conjunto culturalmente codificado, que permite a obtenção de revelações sobre importantes situações consideradas vitais, como: doenças e morte; condição social, profissional, afetiva e econômica; calamidades e perdas em geral. As respostas reveladas que o sistema divinatório dá ao consulente têm como objetivo contribuir para que este adquira uma qualidade de vida capaz de lhe proporcionar a longevidade necessária ao cumprimento da missão que a ele foi confiada pelos seres superiores. Acredita-se que a felicidade vem da paz e que esta só é conseguida quando a consciência pode dizer: missão cumprida. O conhecido “povo de santo” (como são conhecidos os adeptos do candomblé) absorveu a crença africana que considera o mundo como sendo permanentemente influenciado pela força dos ancestrais e das várias divindades conhecidas como **oríṣa**, as quais são comandadas pelo Deus Supremo: **Olorun/Olódúmaré**.

O Sistema Divinatório de **Ifá**, o qual foi entregue ao **oríṣa Ọrúnmìlà** pelo próprio **Olorun**, é considerado um oráculo pelo fato de as respostas obtidas para as perguntas feitas serem sempre inspiradas pelos deuses consultados. **Ọrúnmìlà** é a divindade, enquanto **Ifá** pode ser tanto a divindade, quanto o sistema divinatório a Ele associado. É ao Corpo de **Ọdú** inserido no referido sistema que os **babalawo** – sacerdotes guardiões dos

mistérios – reportam-se para orientar as pessoas que os procuram. Os epítetos de **Òrúnmìlà** fornecem os dados necessários para a compreensão deste **oríxa: Gbáiyé-Gbòrun** – Aquele que vive tanto no **Òrun** como no **Aiyé** e, assim, pode servir de intermediário entre os homens e o deus supremo – **Ọgbón-ìmó** – Aquele que representa a sabedoria e o conhecimento – **Èlẹ̀bẹ̀ Ìpilé** – Advogado, desde a origem, do destino dos homens. Sobre **Òrúnmìlà** é dito: **O okiki pa ọjó iku dà = Ele** confunde a morte e consegue alterar sua data. **Òrúnmìlà** é, assim, a divindade oracular que pode orientar os sacrifícios, oferendas e reformas comportamentais necessárias para modificar o que pode ser modificado no destino de cada um, a fim de que acontecimentos infelizes possam ser evitados ou retificados.

A Coleção **Ọdú Àdájọ** tem por base o mais importante sistema divinatório do povo **yorubá**, o Jogo de **Ifá**, que deu origem ao **Mérìndinlogun**, o conhecido Jogo de Búzios, oráculo africano mais utilizado no Brasil. No início dos tempos, os oráculos africanos só foram ensinados por **Òrúnmìlà** a Seus discípulos, os quais eram apenas do sexo masculino. Um dia, porém, **Ọsun** cismou que gostaria de ser divinador também. **Òrúnmìlà** negou, veementemente, o pedido da deusa. Mas **Ọsun** não é de se deixar convencer tão facilmente e apelou para **Èṣu**: o melhor amigo de **Òrúnmìlà**. **Èṣu** não se dispôs a trair o amigo. Inconformada, e sendo uma poderosa feiticeira, a dona dos rios preparou uma porção mágica, conseguindo fazer com que **Èṣu** promettesse que Lhe ensinaria a fazer uso de oráculos. Quando o efeito da porção passou, **Èṣu** ficou arrasado, mas era tarde, Ele já tinha feito a promessa. **Èṣu** só teve tempo de trocar a posição dos **ọdus**, tentando com isto convencer **Òrúnmìlà** de

que não tinha caído na armadilha preparada por **Òṣun**, pois o oráculo transmitido estava todo confuso, com os **odú** todos trocados de posição. É por essa razão que o **odú Ófun Méjì**, por exemplo, encontra-se na 16ª posição em **Ifá** e na 10ª posição no **Mérìndinlogun** (onde é conhecido pelo mesmo nome); já o **odú Eṣonile Méjì** se encontra na 1ª posição em **Ifá** (onde é chamado de **Eṣi-Ogbé**) e na 8ª posição no **Mérìndinlogun**. Surgia, assim, o **Mérìndinlogun**, o Jogo de Búzios que **Òṣun**, consequentemente as mulheres, “ganhou” o direito de manusear. Afinal, o rio e a vida correm para frente.

■ A Coleção Ọdú Àdájọ como ferramenta

A busca pela ampliação do conhecimento deve ter como interesse principal o aprimoramento pessoal, visando uma ampliação das capacidades enquanto ser humano. A Coleção Ọdú Àdájọ pretende ser composta por dezesseis volumes, que correspondem aos dezesseis ọdu. A edição de cada volume segue a ordem de chegada dos ọdú de acordo com o Sistema Oracular de Ifá, pois só assim a relação entre os ọdú pode ser bem entendida. A nomenclatura utilizada, no entanto, é a do **Mérìndinlogun**, uma vez que esta é mais conhecida pelos brasileiros. Ficando, portanto, os volumes dispostos da seguinte maneira:

Volume 1 – Ọfún Méjì (ọdú nº 16 em Ifá, onde é chamado também de Ọfún, que corresponde ao nº 10 no Mérìndinlogun).

Volume 2 – Èjọnile Méjì (ọdú nº 1 em Ifá, onde é chamado de Èjì-Ogbé Méjì, que corresponde ao nº 8 no Mérìndinlogun).

Volume 3 – Èjìlògbòn Méjì (ọdú nº 2 em Ifá, onde é chamado de Ọyèkú Méjì, que corresponde ao nº 13 no Mérìndinlogun).

Volume 12 – Ikà Méjì (odú nº 11 em **Ifá**, onde é chamado também de **Ikà Méjì**, que corresponde ao nº 14 no **Mèrìndinlogun**).

Volume 13 – Èjì Ọkọ Méjì (odú nº 12 em **Ifá**, onde é chamado também de **Ọtúropò Méjì**, que corresponde ao nº 2 no **Mèrìndinlogun**).

Volume 14 – Aláfia Méjì (odú nº 13 em **Ifá**, onde é chamado também de **Ọtùwà Méjì**, que corresponde ao nº 16 no **Mèrìndinlogun**).

Volume 15 – Ọgbéogùndá Méjì (odú nº 14 em **Ifá**, onde é chamado de **Iretè Méjì**, que corresponde ao nº 15 no **Mèrìndinlogun**).

Volume 16 – Ọşẹ Méjì (odú nº 15 em **Ifá**, onde é chamado também de **Ọşẹ Méjì**, que corresponde ao nº 5 no **Mèrìndinlogun**).



■ Proposta de leitura da Coleção Ọdú Àdájọ

Sugere-se que a Coleção Ọdú Àdájọ seja lida por inteiro (de maneira superficial ou profunda, a depender do interesse do leitor), pois assim se tem uma visão global do Sistema Oracular de Ifá, do qual foi gerado o Mèrìndinlogun. O volume de maior interesse do leitor deve ter uma dedicação especial, com uma primeira leitura completa, a fim de que o ọdú descrito no referido volume seja bem entendido, e depois se transforme em uma espécie de livro de cabeceira. Não só esse volume, mas a obra completa fica como fonte de consulta para quando necessário. O fato de todas as palavras em yorubá terem sido colocadas com a grafia correta é uma forma de preservar a língua. As palavras em yorubá não têm plural, esta é a razão que faz com que o leitor encontre no texto, por exemplo: os ẹbọ, os oríṣa. Para que o leitor vá aprendendo, gradativamente, a língua “religiosa” usada no candomblé de nação kètu, é bom entender um pouco sobre a pronúncia de alguns sinais: ẹ (é); ọ (ó); ṣ (x).

Como o conteúdo da Coleção Ọdú Àdájọ, em sua grande parte, derivou da oralidade, foi utilizada uma bibliografia mínima. Em razão do uso desse tipo de transmissão de conhecimento é que são encontradas divergências de pronúncia e tradução dos orin

(cântico), **adúrà** (rezas), **ọfọ** (feitiço), entre os terreiros/templos de candomblé. O fato de uma comunidade religiosa de culto aos **oríša** cantar uma música de um jeito e a outra comunidade cantar de forma diferente não quer dizer que uma esteja correta e a outra não, mas é importante que se busque sempre, e de maneira mais límpida possível, pronunciar o **yorubá** corretamente, assim como entender o que é dito de forma condizente com os fundamentos, e não aleatoriamente.

Aconselha-se que os **ẹbọ** identificados na Coleção **Ọdú Àdájọ** só sejam realizados por iniciados, principalmente por aqueles que tenham “caminho” para executar este tipo de ritual. Nunca, em hipótese nenhuma, deve ser feito por não iniciados, uma vez que os corpos destes não foram devidamente preparados para manipular energias mágicas, isto é, não possuem o **àṣẹ** (energia) necessário para a realização desse preceito; como também não possuem conhecimentos que impeçam de que graves erros sejam cometidos. Realizar tarefas que não foram solicitadas ou indicadas, só serve para atrapalhar o destino daquele que se permite fazer o que não é preciso que ele faça.

■ Àkóṣo – Prefácio

Ser iniciada aos catorze anos de idade fez com que eu tivesse a vantagem da inocência. Sem saber da responsabilidade que me esperava, eu brincava de caçador. Afinal, fui consagrada para o **oríṣa Ọṣósi** – a divindade caçadora. Em minha mocidade, pude conciliar a profissão com a religião, cuidando do ser humano como enfermeira sanitária durante trinta e cinco anos, quando me aposentei, ao tempo em que servia também aos deuses. Curiosamente, alguns mais velhos insistiam em me repassar os conhecimentos que possuíam sobre os fundamentos do candomblé. Em uma época em que nossa tradição era transmitida apenas oralmente, Bida de **Ìyèmonjá**, por exemplo, contrariava o costume e de maneira obstinada mandava que eu anotasse nossas conversas. Muito tímida e respeitosa, não era fácil fazer o que ela mandava. Com o passar do tempo, entendi que os mais velhos queriam munir-me de conhecimentos, pois cada dia eu recebia mais informações. Só em 19 de março de 1977, quando fui escolhida **ìyáloríṣa** do terreiro de candomblé onde fui iniciada – o **Ilé Àṣẹ Opo Afonjá**, na Bahia, é que pude enfim compreender o porquê de toda aquela atenção para comigo.

Nos anos que se seguiram, não apenas os mais velhos, mas também pessoas mais novas me enviavam importantes materiais

gistrar de maneira escrita os conhecimentos, mas também a de garimpar pessoas que pudessem colaborar conosco. Fica, então, minha gratidão ao empenho de **Olú Àládé** – José de Ribamar Feitosa Daniel –; **Ọba Tóbiwá** – Ângela Botelho – e **Nipaişę** – Rose Vermelho –.



■ Eḡonile Méjì

Eḡonile Méjì é o 1º na ordem de chegada ao **Áiyè** no Sistema Oracular de **Ifá**, onde é conhecido pelo nome de **Eḡi-Ogbé Méjì**, e o 8º **odú** no **Mérìndinlogun** (Jogo de Búzios). O número **1** simboliza o “homem de pé”, o homem ativo que caminha rumo à ascensão, por isto também símbolo de verticalidade, de bastão, de cajado; O número **8** é símbolo de completude, advinda da aquisição de um forte senso de justiça, que favorece o equilíbrio.

O **odú Ófun** (16º em **Ifá**, que corresponde no **Mérìndinlogun** ao nº 10) foi criado a partir do **Eḡmi** de **Olorun**, isto é, do Sopro de Deus Supremo. O Ar Divino, **Ófun**, liberou o Fogo Divino e deu nascimento a Seu “filho” **Eḡonile**. Percebe-se, assim, que **Eḡonile** tem forte ligação com **Ófun**: um **odú** hermafrodita, considerado mãe e pai de **Eḡonile**, que por fatores diversos foi o último **odú** a chegar à Terra (ver volume 1 desta coleção). **Eḡonile** foi o primeiro a sair do **Òrun** e vir para o **Áiyè**, mas Ele não pode ser visto como “superior” a **Ófun**, já que um filho não deve ser considerado superior ao pai ou à mãe. Quando esses dois **odú** aparecem no Jogo de Búzios, o sacerdote deve levantar-se três vezes, reverenciando-Os com a expressão **Ẹ̀pà Baba!** Exclamação de surpresa ou temor, através da qual se pede clemência a **Oṣàlá**. Quanto ao consulente, este deverá receber a orientação de tomar banhos com **ewé èrọ** (folhas de calma) e de vestir-se

com roupas claras durante oito (**Eḡḡḡḡḡḡ**) ou dez dias (**Ófun**). Apesar da forte ligação com o AR (**Ófun**), o elemento de **Eḡḡḡḡḡḡ** é o FOGO. Esse **ḡḡḡ** está relacionado com o movimento e a purificação pelo fogo, pois seus elementos são fogo sobre fogo, o que indica um dinamismo tão intenso que pode surperestimular os instintos, levando-os a causar interferência negativa no que diz respeito à conquista do maior objetivo dos regidos por **Eḡḡḡḡḡḡ**: alcançar as últimas etapas do processo iniciático.

Eḡḡḡḡḡḡ é o primeiro **ḡḡḡ** em **Ifá**: é o início da caminhada iniciática simbolizada pelo **ḡḡḡḡḡḡḡḡ** de **Oṣàlá** – o cajado do peregrino. Os regidos por **Eḡḡḡḡḡḡ** têm fortes possibilidades de alcançarem as últimas etapas do processo iniciático – a sublimação –, representada nos mitos de **Eḡḡḡḡḡḡ** pelo processo de evaporação. É por essa razão que esse **ḡḡḡ** fala tanto em maturidade. Os “filhos” de **Eḡḡḡḡḡḡ** só conseguem o grandioso feito de atingir a última etapa do processo de evolução caso não sejam desvirtuados pelo orgulho, sentimento que causa desequilíbrio, simbolizado pelos mancos e aleijados, nem pela cegueira, símbolo de impedimento de visão da verdadeira realidade das coisas que leva à busca por um mundo ilusório.

Na Terra, **Eḡḡḡḡḡḡ** é filho de **Oṣàlá** com **Ãfin** (**ãfin** = albino), que tem como tabu o sal, o qual é extraído do mar pelo processo de evaporação. Essa substância é considerada “um fogo liberto das águas”. **Eḡḡḡḡḡḡ** faz uso do simbolismo do sal, no que diz respeito à aridez, para falar de infertilidade. Problema muitas vezes causado por impotência de um dos cônjuges. A infertilidade e a impotência são as causas das sérias dificuldades de relacionamento entre casais que esse **ḡḡḡ** apresenta. A compensação faz

com que **Ejõnile** seja um **ødú** capaz de resolver problemas desse tipo. Infertilidade, gravidez e partos difíceis são problemas a serem resolvidos através dos **ẹbọ** indicados por **Ejõnile**. Afinal, é Ele o responsável por todo tipo de movimento, principalmente os que levam à renovação. É função de **Ejõnile** comandar o movimento de rotação, que é o giro em voltas sucessivas em torno de um eixo. No caso específico da rotação da Terra, esse giro se dá em torno dos polos Oeste para Leste, em 23 horas, 56 minutos e 4 segundos, isto é, um dia. **Ejõnile Méjì** é, pois, o Senhor do Dia, responsável pela RENOVAÇÃO que faz surgir um novo dia e a cada dia um novo movimento.

Ejõnile sugere muita proteção. Protege a vida e por isto é tão perseguido pela morte, que para os regidos pelo referido **ødú** é comum acontecer através de objetos cortantes, emboscadas, atentados, suicídio e por nascimento de **àbíkú**. Os filhos de **Ejõnile** são também perseguidos pela morte por serem vítimas de inveja, devido à generosidade que possuem e a capacidade de serem muito prestativos.

Ejõnile é o **ødú** patrono da cabeça, que não se deixa enganar pelas aparências, como fazem os olhos. Vem daí a necessidade de os filhos de **Ejõnile** realizarem, constantemente, o ritual **Borí**. Foi Ele quem revelou para **Òrúnmìlà** como fazer para que as divindades tivessem cabeça e a divindade Cabeça tivesse um corpo permanente. É sempre para a esposa de **Ejõnile** (representada neste livro por **Ìyèmọ̀njá**, esposa de **Oşàlá**) que as cabeças dos animais são oferecidas. E foi por receber as cabeças dos animais, dadas a Ele pelos outros **ødú**, que **Ejõnile** foi coroado o maior entre todos os outros.

Èjọ significa cobra e **ẹjọ** significa fofoca. Aí está uma das razões pela qual a serpente é comumente relacionada com traição, injúria, fofoca; problemas que acontecem muito em **Èjọnilẹ**. Em compensação, foi através desse **ọdú** que **Òrúnmìlà** encontrou Sabedoria, que fornece a possibilidade de combater todos os males, inclusive o hábito de se fazer fofoca. Foi o **ọdú Èjọnilé** o responsável por fazer com que **Òrúnmìlà** e **Èṣu** se tornassem amigos inseparáveis, como também inseparáveis devem ser os casamentos dos regidos por **Èjọnilé** (ver **Ìtúmò Òrukọ**).

■ Àmi Qdú Insígnia do Qdú

A ferramenta de poder do **òdú Èjònile** é o cajado, que é usado por **orísa Okó, Èṣu, Onílè** e, principalmente, por **Oṣàlá**. O **òpaṣṣòṣòrò** é o cajado de **Oṣàlá**, que é confeccionado, atualmente, com metal branco: prata, estanho ou alumínio. É com esse cajado que o Grande **Orísa** se apóia para caminhar. O cajado é o apoio do peregrino. No caso específico de **Èjònìlè**, a caminhada é tão longa, uma vez que prevê a completude do processo iniciático, que o cajado ajuda a manter o corpo em equilíbrio, já que este é danificado pelas dificuldades da caminhada, muitas vezes ocasionando problemas ósseos e de articulações, chegando até mesmo a provocar problemas de deficiência motora. Um dos mitos de **Ifá** conta de onde veio o primeiro cajado usado por **Oṣàlá**: foi do galho da árvore **Ìrókò** que **Olórun** fez o primeiro **òpaṣṣòṣòrò**.

- Tudo começou quando dois homens de nomes **Akile** e **Akòle** começaram uma briga que terminou por envolver a todos, envolveu até mesmo os **orísa**. **Èṣu** se meteu na confusão soprando um pó misturado com terra que aumentou ainda mais a agitação, pois causou uma grande tempestade. Essa tempestade ficou sendo chamada de **adarùn**, o toque de guerra que atrai os **orísa** para o **Àiyé**. **Akile** e **Akòle** foram mortos pela tempestade e todos os

oríṣa ficaram arrasados, inclusive os **funfun**. Só a árvore **Ìrókò**, que tinha sido plantada pelos **oríṣa funfun**, e por isso veste-se de branco e come milho branco, não ficou arrasada. Foi ela quem ajudou **Oṣàlá** quando este foi pedir socorro a **Olorun**. A Divindade Suprema tirou um galho de **Ìrókò** e fez o cajado para **Oṣàlá** poder voltar ao **Àiyé** com mais conforto e segurança, garantindo-Lhe que os problemas já estavam resolvidos por lá. A árvore **Ìrókò** passou a ser **Igi Olorun**, árvore cujas raízes descem do **Ọrun**.

Enquanto o **ogò** de **Èṣu** é um bastão nodoso, que Lhe serve como instrumento de defesa e de ataque, isto é, uma arma mágica, o **opaṣṣòrò** de **Oṣàlá** simboliza o eixo do mundo, o bastão do peregrino, do pastor: **Oṣàlá** é o peregrino que seguro em Seu bastão (**opaṣṣòrò**) tem em Sua vida mitológica relatos de várias viagens empreendidas, as quais possuem o objetivo intrínseco de buscar “o bem e a verdade”, a paz, a imortalidade. Sentimentos que resumem a busca do centro espiritual. Viagens que foram coroadas com o alcance do objetivo, expresso pelo pássaro que fica em cima do **opaṣṣòrò**, demonstrando que o espírito foi atingido, ou melhor, o espírito foi reencontrado e está livre para realizar incríveis e inimagináveis viagens. Para **Oṣàlá** se canta: **Ajale borí ọla fò rí kan. Ājo firì rìn = Ajale** é superior, segue adiante para encontrar Seu centro. Na jornada, Ele é o mais idoso a caminhar.

Oṣàlá é peregrino:

- “O peregrino faz as suas viagens não no luxo, mas na pobreza; coisa que responde à idéia de purificação. O bastão ou bordão simboliza ao mesmo tempo a prova da resistência e o despojamento. Todas essas condições preparam para a iluminação e para as revelações divinas que serão a recompensa no término da viagem” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 709).

Oṣàlá é o pastor, o mestre iniciador, que guia os carneiros – os Iniciados. **Oṣàlá** é o “mestre indispensável na Iniciação. Servir-se do bastão para ‘empurrar para frente o animal’ não significa que o mestre deve bater com ele no discípulo - seria deturpar o verdadeiro sentido do bastão -, mas sim que o discípulo avança apoiando-se nele, apoiando-se nos conselhos do mestre” (Em: www.13profecias.com.br).

Oṣàlá segura o **ṣpaṣṣòṛṛṣ**: símbolo de eixo do mundo – *axis mundi* –, de pilar cósmico que une os diversos mundos.

■ Gênero

○ **Ọdú Eḡḡonile** é **ṭọkṭonrin** = masculino.

Quem conhece a complexidade e a coerência do sistema de ordenação de mundo do candomblé entende que “a magia é lógica”, como Mãe Stella costuma dizer a seus filhos. O candomblé se baseia no pensamento africano, que no que diz respeito a gênero é muito bem explicado por José Flávio Pessoa de Barros: “no pensamento africano de maneira geral, a sexualidade e as relações por elas supostas, ‘a maneira pela qual elas se definem simbólica e praticamente, a naturezas dos dinamismos sociais elementares, dos quais elas são o ponto de origem’, macho e fêmea, ficam sendo a base lógica dos sistemas de classificação” (BARROS e PALLESTRINI, 1993, p. 51). Macho e fêmea formam um par, de oposição e complementariedade, que permeia todo o referido sistema. Ele é encontrado nas divindades do panteão **yorubá**, onde os **oríṣa** são considerados masculinos (**ṭọkṭonrin**) e femininos (**obo-**rin****), dependendo das características que possuem. As plantas também são classificadas como: **ewé apá ọtún** (folhas do lado direito) e **ewé apá ọ̀sì** (folhas do lado esquerdo), querendo dizer que elas possuem características consideradas masculinas (**gùn/excitantes**) ou femi-

ninas (**èrò**/calmantes). A maioria das tradições, inclusive a **yorubá**, relaciona o lado direito ao gênero masculino e o lado esquerdo ao gênero feminino. Elbein dos Santos, em seu livro *Os Nago e a Morte*, diz: “Ambas as categorias são igualmente importantes e suas funções têm valores equivalentes e complementares. Assim, por exemplo, um indivíduo está constituído de elementos da direita, herdados de seu pai, e de seus ancestrais masculinos, e de elementos de esquerda, herdados de sua mãe e de seus ancestrais femininos” (SANTOS, 1977, p. 70).

Quando se fala em gênero de **òdu**, compreende-se que é de maneira ampla. O masculino e o feminino não são vistos enquanto expressões da sexualidade individual, e sim como representantes de aspectos necessários para que se alcance o movimento e a unidade, tanto no micro como no macrocosmo. O Oráculo de **Ifá** trazido pelos africanos para o Brasil, do qual derivou o **Mèrìndinlogun**, é composto por dezesseis **òdú** principais, sendo considerados oito masculinos e oito femininos, que se completam entre si. Um desses **òdú** – **Òfun Méjì**, no entanto, não deveria entrar nessa classificação, uma vez que Ele é tido como hermafrodita – o Grande Pai e a Grande Mãe de todos **òdu**.

■ Elemento

O elemento de **Ejõnile** é o FOGO, que está relacionado à **Oṣàlá**, conseqüentemente, ao espírito, ao sol, ao ouro. É o fogo purificador que produz a iluminação. Para que se entenda melhor a relação de **Oṣàlá** com o fogo, buscar-se-á recursos no estudo das Religiões Comparadas: "A maior parte dos aspectos do simbolismo do fogo está resumida na doutrina hindu... Agni, Indra e Surya são os fogos...terrestre, intermediário e celeste, isto é, o fogo comum, o raio e o Sol" (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 440). O sol é o espírito criador de toda a matéria. **Oṣàlá** é o Pai da Criação, por isto comparado ao sol (**órun**). "... se consideramos o espírito como um ponto central (seguindo o exemplo do Sol), então a criação representa um movimento de afastamento desse ponto central e de penetração na área que o rodeia, tal como o Sol transmite sua energia na forma de pontos eternos de luz que se condensam gradualmente, alcançando primeiro uma forma etérica e depois uma forma material. No estágio final, eles criam uma forma de vida, como um ser humano, um animal, uma planta ou uma pedra. Quando essa forma morre, os materiais que a constituem são liberados, e se tornam rarefeitos, transformando-se em energias que são atraídas de volta para o ponto central" (UYLDERT, 1990, p. 167).

■ Ètìtẹ̀ Alẹ̀ ou Ìlà-Ifá Sinais de Ifá

Fogo		
Fogo		
Sinais de Ifá		
do odú Eḡḡonile		
Méjì		

Sobre os sinais que representam o **odú Eḡḡonilé Méjì** é dito que lembra um verme: animal extremamente simplificado, que não possui órgãos diferenciados nem órgãos perceptivos, mas que mesmo cego e sem pernas segue reto para diante. Verme [Aran (Ìtan 73)], que veio para a Terra através de **Eḡḡonilé**, é um animal primordial feito de células idênticas, assim como o referido **odú** que é identificado por quatro traços verticais idênticos. O estado larvário do verme, que simboliza a força da vida que renasce sempre, reforça a ideia de passagem

para o estado superior buscado pelos iniciados, principalmente pelos regidos por **Èjọnilẹ Méjì**.

O seguinte poema tenta explicar a condição de se ser humano (Graziela Domini):

Isto é Ser Humano

Nem branco, nem preto...

Bege.

Nem deitado, nem em pé...

Ser caído que se ergue.

Nem criança, nem adulto...

Adolescente.

Nem passado, nem futuro...

Presente.

Nem flor, nem erva daninha...

Tipo de verme que não se arrasta.

Caminha.

Meio anjo, meio animal.

Intersecção do bem e do mal.

Nem sagrado, nem profano...

Isto é ser

HUMANO.

■ Ìwò-Òrun Ponto Cardeal

Direção Espacial de Èjṣṣṣṣ Méjì: Gábàsí ou Ìlà-Òrun – LESTE

Ìwò-Òrun – literalmente, umbigo do universo – é o nome que os **yorubá** usam para se referir às quatro direções que formam o espaço: Norte (**Àríwá**), Sul (**Gúsù**), Leste (**Gábàsí** ou **Ìlà-Òrun**) e Oeste (**Yámà**). Os pontos cardeais estão diretamente relacionados à noção de “espaço” e à noção de cosmo, que é o universo organizado com tudo o que já foi criado e com suas infinitas potencialidades. Os pontos cardeais, juntamente com os pontos colaterais e os subcolaterais, representam as direções no espaço, sendo através deles que se dá a orientação. “O espaço é, na simbólica, o quadro no qual o mundo saído do caos se organiza, o lugar onde se desenvolvem todas as energias” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 73).

Segundo a tradição **yorubá**, em cada dia o Deus Supremo criou quatro **òdu**, fazendo surgir as 16 principais predestinações do Sistema Oracular de **Ifá**. Cada um dos 16 **òdú** tem nos pontos cardeais, colaterais e subcolaterais seu local de adoração, nos quais são depositadas oferendas, a fim de que se tenha uma boa orientação (**ìtóni**) de caminho.

- “A orientação total do homem exige... um triplo acordo: a orientação do sujeito animal com relação a ele mesmo; a orientação espacial, com relação aos pontos cardeais terrestres; e, finalmente, a orientação temporal com relação aos pontos cardeais celestes. A orientação espacial se articula sobre o eixo Este-oeste, definido pelo nascer e pôr-do-sol. A orientação temporal se articula sobre o eixo de rotação da Terra, ao mesmo tempo Sul-Norte e Embaixo-Em cima. O cruzamento desses dois eixos maiores realiza a cruz de orientação total. A concordância, o homem, das duas orientações, animal e espacial, põe o homem em ressonância com o mundo terrestre imanente; a das três orientações, animal, espacial e temporal, com o mundo supratemporal transcendente pelo meio terrestre e através dele” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 309).

Direção Espacial de Èjọnìlẹ Méjì

Ponto Cardeal LESTE

- O Leste é chamado de **Ìlà-Òrun**, significando portal para o mundo divino, pois a palavra **ìlà** expressa uma linha, uma marca que distingue diferentes espaços e tempo (**Ìlà** = Linha, uma marca que distingue diferentes espaços ou tempo; **Òrun** = “Céu”) ... O Leste é também chamado de **Gábàsí**, indicando que para se alcançar uma evolução espiritual mais elevada é preciso ultrapassar o estágio evolutivo em que a pessoa se encontra, perseguindo este objetivo com pressão e força, mas de maneira va-

garosa, tendo domínio sobre si mesmo, sem se permitir divagações, nem incoerências (**Ga** = Alto, elevado; **Gà** = Abrir algo tendo que fazer pressão sobre; **Gàbà** = Desconexo, incoerente; **Gàba** = Exercer domínio sobre; **Sĩ** = Vagrosamente, forçadamente).

Ao LESTE está vinculado o AR, elemento de **Òfun Méjì, òdú** que é pai e mãe de **Èjònile Méjì** que tem o FOGO como Seu elemento (ver vol. 1 da Coleção **Òdú Àdájò**). O FOGO está sempre vinculado ao AR. Afinal, sem oxigênio existente no ar o fogo não pode ser produzido. O Leste é branco como as brumas da alvorada, mas carrega em si um pouco do vermelho claro e brilhante dos raios solares do amanhecer e das penas (**ekòdidé**) do papagaio-africano, as quais dão nobreza e respeitabilidade a quem faz uso delas, como foi o caso de **Oṣàlá**. No ponto cardeal Leste encontra-se o **aṣẹ** de purificação, nascimento/renascimento, renovação; de energia e movimento.

■ Wájì Cor

A cor representativa do **òdu Èjónilé** é, principalmente, a cor BRANCA, mas a cor AZUL também tem sua influência devido a relação deste **òdu** com o **oríṣa Oṣagiyán**, assim como também o VERMELHO-CLARO, representando a luz do dia, afinal, **Èjónilé** é o Senhor do Dia.

BRANCO – A cor branca é composta de luz sobre luz [fogo sobre fogo (ver Elemento)]. O **òdú Èjónilé** estimula o processo iniciático, principalmente para aqueles que já despertaram para a necessidade de reencontro com sua essência divina – seu **oríṣa**. Branca é a cor que o **abiyan** (literalmente traduzido como aquele que tem parentesco por afinidade) do candomblé se veste. Na verdade, branca é a cor com a qual se vestem os candidatos à iniciação de diferentes tradições iniciáticas. Candidato é uma palavra que deriva de cândido e significa aquele que é alvo, inocente, não podendo por isto ser condenado por nenhuma infração das Leis Universais, uma vez que ainda não adquiriu o ‘Conhecimento’ advindo das ‘Revelações’ que ocorrem no decorrer do processo iniciático e, principalmente, com a completude do mesmo. Cândido também se refere a puro, condição que precisa ser adquirida desde o início da peregrinação em busca da Iluminação, até seu final. O processo de purificação do início da caminhada é feito através da água, mas o do final da mesma necessita que seja feito pelo fogo.

AZUL – Cor da conta **ségi**, usada juntamente com contas de cor branca para formar o colar dos sacerdotes do **orísa Oṣàgiyàn**, que adquiriu o direito de usar esta conta de grande valor quando pode ter uma cabeça nem muito quente, nem muito fria, uma cabeça moderada (ver **Ìjọba Ọrun/Oṣàgiyàn**). O azul é, portanto, a cor da temperança, da moderação que o iniciado vai adquirindo, a fim de que seus apetites e paixões sejam usados com parcimônia. Afinal, o calor do fogo não deve queimar, deve aquecer e iluminar.

VERMELHO-CLARO – Vermelho tem sua origem na palavra de origem latina **vermillus**, um pequeno verme (ver **Ètìtẹ Alẹ e Ìtan 73**) do qual é extraído o corante carmim. Vermelho-claro é a cor típica do “sol diurno”, que encoraja a enfrentar um novo dia e a dar continuidade à jornada. É também o vermelho da sedução, que **Oṣàlá** muito se utiliza, através da pena **ekọdidé**, quando Ele necessita ser reconhecido como alguém especial, glorioso.

■ Ajoba Regência

Ejõnile rege o movimento de rotação da Terra e tudo que acontece durante o dia. Ele é o Senhor do Sol. Rege as cabeças dos homens, conseqüentemente seus pensamentos, e também as cabeças dos animais. **Ejõnile** rege tudo o que se move, pois fala da peregrinação que o homem faz em busca de seu centro.

■ Ara Ènià Corpo Humano

O **ọdú Èjónilé** tem forte relação com a cabeça (crânio e cérebro) e a coluna vertebral, além de tudo que de branco existe no corpo: sêmem, saliva, suor, medula, dentes, ossos...

■ Ìtúmò Ọrukọ

Significado do Nome

Ẹ̀jì-Ogbé = Faz o casal renascer e conviver bem. É por isso que se diz: **Ẹ̀jì mọ́ gbé ni ogbé ẹ̀ni kó** = Aquele que junta novamente o casal que está perdido, fazendo-o renascer e conviver muito bem.

Ẹ̀jì-Ogbé = Ele acorda alguém, muito bem, iluminando-a (acordar alguém no sentido de despertar para as coisas que estão acontecendo em seu redor).

Ẹ̀jì-Onilẹ̀ = Aquele que desperta alguém, colocando-o no chão (com os pés no chão), na Terra. O que quer dizer que acorda as pessoas para que vivam a realidade e não as ilusões.

Ẹ̀jìonílẹ̀ = O **ọ̀dú** Oito é disponível.

Ẹ̀jìonilé = Problemas em casa.

Ẹ̀jìonilẹ̀ = Problemas (focas) na Terra.

Ẹ̀jìonílẹ̀ = O casal é o dono da casa.

■ Kiki

Saudação

Saudação 1:

Baba Èjìonílé àlá lẹ̀kun mọ̀ ni lẹ̀kun, ọ̀ kọ̀ lólá.
Ọ̀mo ọ̀dú àbò sù, eni kọ̀ ẹ̀ ilẹ̀.
Ilé kẹ̀ ri ẹ̀ ìkà mu.
Ilé kẹ̀ ọ̀mọ̀ ló rí adifa fún dẹ̀sẹ̀.
Àna pẹ̀rò ti bà be lé dì agògò.

Tradução 1:

Mestre Èjìonílé, que tem visão plena, que ilumina
a cada dia o amanhã.

Escudo dos filhos dos destinos nebulosos.

Aquele que ilumina e preenche os filhos que acalmam a casa,
descobrimo e fazendo desaparecer a crueldade.

Os filhos que descobrem e modificam os erros, acalmam a casa,
colocando-se sob os cuidados de sacerdotes de Ifá.

Nas lutas entre casais, ou entre mais pessoas,
encoraja a pedir, antecipadamente, renascimento, encantamen-
to e proteção para o lar.

Saudação 2:

Mi kan Eḡḡ-Ogbé,
Ku li ma nun nu mi o!

Tradução 2:

Salve Eḡḡ-Ogbé,
Que os caminhos da morte não a conduzam a nós!

■ Ítan-Àtowodowo Fecundação

Ìsélè = ‘Ser abnegado, que é cuidadoso e habilidoso’, primeiro homem criado, foi convocado por **Olorun** para fazer uma oferenda com 8 **akása** brancos, 8 argolas de chumbo, 8 pedras lisas brancas e 8 búzios. Elementos que deveriam ser colocados dentro de uma grande cabaça aberta, junto com um animal de quatro patas de cor branca. Tudo isso posto no alto de um morro gramado. Dessa oferenda surgiu **Ejònile Méjì** e deste **òdú** surgiu **Kinàmã**, o fiel “escudeiro” de **Ejònile**, cuja tradução do nome quer dizer: Aquele que deve costumeiramente flagelar-se (ver **Èdá-Ewéko/Àtòrì**).

■ Ìtan de 1 a 80

Ìtan 1

A Chegada de **Èjónilé** a Terra

Èjónilé revelou para **Òrúnmìlà** como fazer para que as divindades tivessem cabeça e a divindade Cabeça tivesse um corpo

No **Òrun**, **Èjónilé** era chamado de **Onomiorógbó** = 'Ele é fogo que usa água'. No início, as divindades não eram completas porque nenhuma delas tinha cabeça. **Òrúnmìlà** convocou **Àmure** = 'Sacerdote de **Ifá** que faz uso de água fresca, para fazer algo a fim de que as divindades se tornassem figuras completas fisicamente'. Foi indicado a **Òrúnmìlà** que fizesse uma **ìtoro** (prece), esfregando as duas mãos e elevando-as para cima, com o intuito de obter uma cabeça. Além disso, foi indicado que Ele fizesse sacrifício com quatro **obì**, **odù** (pote de barro), uma esponja e sabão. Os **obì** deveriam ser mantidos inteiros, em Seu altar de **Ifá**, para o caso de um visitante inesperado aparecer. A divindade Cabeça – **Orí** – também buscou o referido **awo**, a fim de prosperar. **Àmure** indicou para **Orí** o mesmo que foi mandado **Òrúnmìlà** fazer: uma prece. Além disso, foi dito para Ele servir Seu Guardiã com quatro **obì**. Entretanto, **Orí** não tinha dinheiro para comprar os **obì**.

Òrúnmìlà fez Seu **ẹ̀bọ** completo, deixando os quatro **obì** em Seu altar de **Ifá**. **Èṣu** tratou de contar para todos no **Òrun** que **Òrúnmìlà** tinha quatro **obì** bonitos em Seu altar e estava procurando por uma divindade perfeita para quebrá-los. Começando por **Ògún**, todas as divindades foram tentar realizar a divina tarefa. **Òrúnmìlà** lhes dizia que nenhuma delas era suficientemente forte para quebrar aqueles **obì**, os quais eram encantados. Influenciadas, as divindades se sentiram fracas e perturbadas. Quanto a **Oríṣa N'Lá** – Grande **Oṣàlá** –, **Òrúnmìlà**, respeitosamente, preferiu entretê-Lo com diferentes **obì**, desculpando-se pela peraltice de **Èṣu**, dizendo que aqueles **obì** não foram feitos para serem quebrados.

Orí precisava de **obì**. **Orí** foi também até a casa de **Òrúnmìlà**. Cabeça era a única divindade que não havia ainda tentado abrir os misteriosos **obì**. **Òrúnmìlà** recebeu **Orí**. Ele pegou o pote de barro, encheu-o com água e usou a esponja e o sabão para lavar **Orí**. **Òrúnmìlà** secou **Orí** e O levou para Seu templo, pedindo-Lhe que abrisse os **obì** que havia tempo estavam aguardando por Ele. **Orí** ficou agradecido e rezou para **Òrúnmìlà**. Depois **Orí** usou os **obì** para realizar Seu sacrifício, rezando para ter prosperidade, uma residência permanente e cheia de seguidores. **Orí** usou tanta força para abrir os **obì** que o estrondo ecoou por todo **Òrun**. Ao ouvirem o alto som, as divindades concluíram que todos os **obì** haviam finalmente sido separados. Elas ficaram muito curiosas para saber quem teve a tal força necessária que **Òrúnmìlà** tinha dito. Foi **Èṣu** quem confirmou que os **obì** haviam sido divididos por **Orí**.

As divindades passaram a considerar **Orí** como a mais forte entre todas e, por isto, Mão, Pé, Corpo, Estômago, Peito, Pescoço, etc., que antigamente eram divindades e tinham identidades

distintas, decidiram unir-se e viverem juntas à Cabeça. Unidas, colocaram Cabeça em cima do conjunto formado e, no templo de **Òrúnmìlà**, Cabeça foi coroado como Rei do Corpo. É por conta de todo esse ritual feito por **Òrúnmìlà**, para que Ele pudesse ter sorte, que Cabeça pode hoje tocar o chão.

Ìtan 2

O porquê de **Eḡḡonílè** ser chamado de **Èjì-Ogbé** em **Ifá**

O nascimento de **Eḡḡonílè** e Seu primeiro trabalho na Terra: salvar o casamento de Seus pais, evitando que se envenenassem mutuamente,

Oṣàlá já estava morando na Terra e estava desejoso de ter filhos. O que Ele não sabia era que Sua mulher não compartilhava de Seu desejo. Entretanto, mesmo contra a própria vontade, a esposa de **Oṣàlá** – **Àfín** – ficou grávida. A tensão que havia entre o casal aumentou ainda mais. Finalmente, a criança nasceu. E como não tinha comida em casa, **Oṣàlá** saiu para buscar alimento. Ele demorou muito a voltar e Sua esposa, que já estava insatisfeita, ficou ainda mais furiosa, achando que seu marido não cuidava bem dela. A situação estava tão ruim entre o casal que **Àfín** pensou em morrer para que aquela aflição terminasse de vez. Depois teve outra ideia, tão ruim quanto à primeira: colocar vinho-de-palmeira, **ēwò** de **Oṣàlá**, dentro do pote onde a água de beber era guardada. Assim ela fez e saiu, deixando seu filho pequenino em casa.

Quando **Oṣàlá** retornou, não encontrou Sua esposa. Foi então preparar uma sopa para ela. Enquanto a comida cozinhava, o Grande

Oríṣa foi até Seu quarto buscar água no pote, sem saber que aquela água se constituía em um veneno para Ele. Todavia, Seu filho de apenas um dia de vida, deitadinho ainda, contou o que sua mãe tinha feito. **Oṣàlá** não bebeu a água. Indignado, resolveu vingar-se colocando **ìyò** na sopa, pois o sal era veneno para **Àfín**. É por isso que se diz: “**Oṣàlá ko mu ẹmu. Àfín ko jẹ ìyò**” = **Oṣàlá** não bebe vinho-de-palmeira. **Àfín** não come sal.

Oṣàlá deixou a comida para Sua esposa e foi jogar **ayò** com Seus amigos. Quando **Àfín** pegou a sopa para comer, seu filho também a alertou do perigo, dizendo que seu pai tinha colocado sal nela. **Àfín** fez um escândalo tão grande, dizendo que seu marido estava tentando matá-la, que atraiu a atenção de todos, até mesmo das divindades. **Oṣàlá** foi chamado e mesmo acusado manteve-se calmo. Uma conferência entre os deuses se formou de repente. **Ògún** pediu a **Àfín** para relatar o ocorrido. Ela contou tudo, dizendo que quem a alertou sobre o envenenamento tinha sido seu filho. As divindades duvidaram de **Àfín**, mas nada disseram. Foi pedido a **Oṣàlá** que se defendesse das acusações, que todos consideravam que eram infundadas. Contrariando as expectativas, **Oṣàlá** tudo confirmou, acrescentando o fato de que anterior à Sua atitude, **Àfín** tentara envenená-Lo com vinho-de-palma e que Ele só conseguiu salvar-se porque tinha sido alertado pela criancinha.

Todos saudaram a misteriosa criança, dizendo: “**Ẽjì mọ gbé ni ogbé ẹni kó**” = Aquele que junta novamente o casal que está perdido, fazendo-o renascer muito bem. No sétimo dia, quando **Oṣàlá** e **Àfín** foram dar o nome ao filho, decidiram chamá-lo de **Ẽjì-Ogbé**, significando Dupla Salvação, pois os dois pais renasceram.

Èḡḡ-Ogbé e Eḡḡḡḡ são os nomes que **Onomiorógbó** recebeu na Terra, pois no **Òrun Eḡḡḡḡ** era chamado de **Onomiorógbó**, nome que também pode ser assim traduzido: Ele é diferente, é uma pessoa jovem em idade, mas completamente amadurecida. Isso porque, enquanto ainda vivia no **Òrun**, **Eḡḡḡḡ** pedia a **Olorun** para vir morar na Terra, pois queria ser um exemplo de benevolência para os seres humanos. Com um pedido desse, **Olorun** não pode negar a permissão e realizou a vontade de **Onomiorógbó**.

Ìtan 3

Primeiro milagre de Eḡḡḡḡ no Àiyé: o milagre do mercado

Eḡḡḡḡ crescia realizando uma série de coisas misteriosas. O primeiro milagre aconteceu quando Ele estava com a idade de quinze anos: Sua mãe O levou ao **óbun**, único mercado existente naquele tempo. Era lá que os comerciantes do **Òrun** e do **Àiyé** negociavam tudo, não só mercadorias como também habilidades, ofícios, objetos de divinação, etc. Quando **Eḡḡḡḡ** caminhava para o mercado, encontrou uma mulher que Ele logo identificou que estava passando por um problema. Perguntou-lhe, então, o que ela tinha. Angustitada e precisando desabafar, a mulher começou a contar-Lhe o que estava acontecendo.

Eḡḡḡḡ a tranqüilizou dizendo que Ele conhecia seus problemas melhor do que ela mesma. **Eḡḡḡḡ** contou à mulher algo inesperado: ela tinha estado grávida por três anos, sem que a gravidez se desenvolvesse. Ele lhe pediu para fazer um sacrifício com dezesseis caracóis, uma galinha, um pombo, cinco **obì**

saudáveis e mel. Ele também lhe pediu para usar um bode, **àkara** e **èkọ** para fazer sacrifício para **Èṣu**. A mulher obedeceu às recomendações de **Ẹjónílè**, que lhe garantiu a resolução de seus problemas, dizendo que após o parto ela deveria levar uma pequena serpente da família da jibóia, chamada **ọká**, para dar de presente em agradecimento a **Ọ̀rúnmìlà**, juntamente com caracol e outros elementos que fossem de Seu agrado.

Ìtan 4

O milagre do aleijado e do cego

A caminho do mercado, **Ẹjónílè** ainda encontrou um **múkùn** (deficiente físico) chamado **Aro**. **Ẹjónílè** disse que ele tinha um problema, mas o deficiente respondeu que não tinha problema algum e que era o jovem **Ẹjónílè** quem tinha. Ele, então, apontou Seu bastão de divinação para as mãos e as pernas do deficiente que, imediatamente, começou a caminhar. **Aro** reconheceu que não estava tratando com um garoto, e sim com um grande sacerdote. **Aro**, de joelhos, agradeceu à **Ẹjónílè** por curá-lo de uma deformidade de nascimento. **Ẹjónílè** aceitou o agradecimento e o alertou a nunca mais esconder seus problemas (**múkùn** = fazer queixas) e que nunca se esquecesse de agradecer a **Ọ̀rúnmìlà**. **Ẹjónílè** diz: “Se alguém esconde sua doença, a doença o esconderá dentro do chão.”

Durante Sua caminhada para o mercado, **Ẹjónílè** encontrou ainda um homem cego que negou também seus problemas. **Ẹjónílè** fez outro milagre e curou o cego que ficou muito alegre, mas **Ẹjónílè** o avisou para providenciar sua iniciação como um

seguidor de **Òrúnmìlà**, a fim de minimizar suas dificuldades com a humanidade. Ele também o avisou a servir a própria cabeça com um galo, assim que chegasse a sua casa. **Eḡḡḡḡḡ** fez todos os milagres sem pedir nenhuma recompensa.

Esse ìtan também é contado através do **oḡú Odì** mostrando que foi um antílope que saltando no deficiente o curou, enquanto que o cego foi curado pelo salto de um galo.

Ìtan 5

A morte e a fofoca em **Eḡḡḡḡḡ**

A mãe de **Eḡḡḡḡḡ** retornou do mercado sem Ele. Quando **Eḡḡḡḡḡ** resolveu voltar, encontrou **Òfòrò** = 'Esquilo' na estrada. Novamente, ele percebeu um problema em alguém e resolveu ajudar aquele ser, indicando que ele oferecesse um bode para **Èṣu**, pois assim evitaria que suas palavras o destruíssem. Esquilo achou **Eḡḡḡḡḡ** jovem demais para lhe dar orientações. **Òfòrò** disse: "Se **Eḡḡḡḡḡ** quer carne para comer, não vai ser através de mim."

Perto daquele local, **Eḡḡḡḡḡ** também viu **Òkà** = 'Serpente' e lhe avisou que Morte (um **oríṣa** masculino na cultura religiosa **yo-rubá**) seria levado a ela por um vizinho muito falador. **Eḡḡḡḡḡ** recomendou que Serpente servisse sua cabeça com um caracol, em um lugar secreto, proibindo que alguém replicasse suas orações enquanto estivesse realizando o ritual **Borí**. **Eḡḡḡḡḡ** ainda encontrou **Àgogo-Igun** = 'Espesso Arbusto' e também mandou que ele desse um bode em sacrifício para **Èṣu**, a fim de evitar um problema sem motivo. O mesmo sacrifício foi indicado para **Òpè** = 'Palmeira', tendo em vista que seu pescoço não

fosse quebrado. Apenas Palmeira fez o sacrifício sem demora.

Ejónílè ajudou a todos e foi para Sua casa. Essa jornada ao mercado **Ojígbòmèkúnnèmí** durou perto de três meses. A estadia de **Ejónílè** em Sua casa, entretanto, durou pouquíssimo tempo, pois logo recebeu a notícia que a mulher que Ele tinha encontrado em Seu caminho de ida ao mercado estava entrando em trabalho de parto e Ele precisava socorrê-la com o uso de um encantamento. Tudo deu certo e a mulher pariu um menino. O pai da criança foi caçar a fim de alimentar sua esposa. Serpente ficou sabendo do que estava acontecendo e compreendeu o que **Ejónílè** tinha previsto: correu para servir sua cabeça privadamente, na casa de **Ilo**. Aconteceu que, repentinamente, Esquilo apareceu na casa de **Ilo** e começou a dizer “**àşę**”, enquanto Serpente dizia suas orações. Serpente disse que ninguém deveria responder as suas orações. Esquilo saiu correndo e começou a cantar: “**Ọká jóko pẹpẹ ré pé**” = Serpente sentou no altar, a fim de mudar a pele (renovar-se).

O marido da recém-parida, que estava caçando, ouviu Esquilo gritando e começou a rastrear sua posição. Serpente percebeu o perigo e matou Esquilo. O caçador cortou uma forquilha de Espesso Arbusto (**Àgogo-Igun**) para iluminar o interior do mesmo. Foi aí que ele viu Serpente no chão e pode, enfim, matá-la. Ao lado de Serpente já estava Esquilo, também morto. O caçador juntou todo aquele alimento e levou para sua mulher.

A forquilha cortada era de Arbusto que estava impedindo que Palmeira recebesse ar fresco: Palmeira foi salva, pois foi o único ser que fez todos os sacrifícios no momento certo. A boca de Esquilo o matou e ainda atraiu a morte para Serpente.

Ìtan 6

Como Eḡḡḡḡḡ sobreviveu à ira dos mais velhos e pode readquirir tranqüilidade mental

Eḡḡḡḡḡ ajudou a todos que O procuravam (e eram muitos!). Eḡḡḡḡḡ ajudou, principalmente, as mulheres grávidas. Ele ficou bastante popular devido à Sua benevolência. Passou a ser, então, muito admirado, mas também muito invejado pelos **babalawo** mais velhos, que não conseguiam compreender as atitudes bondosas de Eḡḡḡḡḡ. Durante o sono, Eḡḡḡḡḡ teve a revelação do que estava tirando Sua tranqüilidade, e logo que acordou foi divinar. Os sacerdotes de **Ifá** que fizeram divinação foram: **Ãjògòdòlẹ̀ ẹ̀fo ni mọ̀ pé ifami** = 'A solicitude reconhece o preguiçoso, coloca pele de cobra que se desprende periodicamente e um saco de sal, a fim de fazer com que o inimigo aspire e a boa sorte volte'; **Şìgidi si agidi lépè** = 'Vingança e castigo, quando é necessário, contra pessoa obstinada que tem o poder de invocar o mal sobre outra pessoa'; **Ọşẹ̀ mi ọjà gbá gbòn** = 'Agitar a injúria e ofensas com choques violentos, como se varre o mercado'; **Abuké lẹ́kan lo ọ̀delidẹ̀** = 'O corcunda já caça com mais maturidade'.

O sacrifício indicado foi um cesto de caracóis para o **Ifá** de Eḡḡḡḡḡ. Ele não tinha dinheiro para comprar os caracóis, mas nem por isto deixou de fazer o sacrifício indicado. Todas as pessoas que tinham sido auxiliadas Lhe trouxeram os caracóis. O líquido deles foi retirado e misturado com folhas de **ẹ̀rọ** (calma), para que Eḡḡḡḡḡ se banhasse.

Eḡḡḡḡḡ teve paz!

Eḡḡḡḡḡ se regozijou, cantando: “**Ọru kọ iró, èrè rò ru**

òru kó iró èrè rò” = A notícia não evaporou, ganhei o relato que ferveu mas não evaporou, ganhei uma notícia que me foi relatada.

Ìtan 7

Ejónilè retorna para o Òrun

Antes mesmo de **Ejónilè** fazer o sacrifício, os outros **odú** já tinham ido fazer queixas a **Olorun**, dizendo que **Ejónilè** estava interferindo no meio de sobrevivência Deles. Atuando gratuitamente, **Ejónilè** introduzia um novo código de sobrevivência, o qual não correspondia aos costumes da Terra. Além de que, **Ejónilè** ficava sem vida própria, já que todo Seu tempo era dedicado a servir aos outros. Essas atividades humanitárias realmente incomodaram os altos sacerdotes tradicionais, que planejaram até matar **Ejónilè**.

Diante das queixas, **Olódumarè** enviou, então, um Cavaleiro Celeste para buscar **Ejónilè**. O Cavaleiro trocou Suas vestes por outras e foi até a casa de **Ejónilè**, fingindo ser um pedinte desempregado a procura de trabalho. **Ejónilè** disse que Ele não tinha emprego para oferecer, pois Sua própria ocupação era prestar serviços gratuitos para as pessoas do mundo. Não deixou, entretanto, de convidá-lo para tomar café da manhã com Ele. O “pedinte” explicou que não estava qualificado para comer no mesmo prato que **Ejónilè** comia e que se contentaria em comer o resto da comida Dele.

Na verdade, **Ejónilè** nem conseguiu fazer Sua refeição matinal porque estava sendo procurado para socorrer a filha única de um

casal, a qual tinha sofrido convulsão. **Eḡjónilẹ** não negou auxílio e saiu seguido pelo “pedinte”. Ele curou a menina e logo foi chamado para salvar uma mulher grávida, cujo parto estava difícil. Ela bebeu água com **iyerosùn**, enquanto **Eḡjónilẹ** repetia um encantamento. Tudo foi resolvido e **Eḡjónilẹ**, juntamente com Seu visitante, foi para casa. Já passava do meio-dia e a dupla ainda não tinha tomado o desjejum. Quando os dois estavam chegando à casa, encontraram um grupo de pessoas esperando por ajuda para resolução de uma disputa. Mais uma vez **Eḡjónilẹ** auxiliou a todos, só ficando livre para comer a primeira refeição quando o sol estava quase se pondo. Novamente convidou o visitante para comer, e este insistiu em comer depois Dele. O visitante foi até a sala e colocou Seu uniforme de Cavaleiro Celeste. Foi só então que **Eḡjónilẹ** percebeu que ali se encontrava um mensageiro vindo do **Òrun** e quis saber qual a mensagem que a Divindade Suprema Lhe tinha enviado. Logo que ficou sabendo que **Olorun** queria vê-Lo, **Eḡjónilẹ** partiu imediatamente da Terra.

Assim que chegaram ao **Òrun**, o Deus Supremo pediu para **Onomiorógbó** (nome celeste de **Eḡjónilẹ**) explicar-Lhe os reais motivos dos problemas causados por Ele. Quando **Eḡjónilẹ** já ia ajoelhar-se para dar uma explicação, o Cavaleiro Celeste explicou que o comportamento de **Eḡjónilẹ** na Terra era uma tentativa nobre de realizar o mesmo comportamento que Ele tinha enquanto vivia no **Òrun**. **Olorun** entendeu que as denúncias feitas contra **Eḡjónilẹ** eram fruto de inveja e ciúme. **Eḡjónilẹ** recebeu a ordem para voltar ao mundo a fim de continuar Suas boas obras, com a condição de cobrar, na justa medida, honorários pelos Seus serviços, podendo, entretanto, continuar a ajudar gratuitamente os necessitados.

Ainda no **Òrun**, **Ejónilè** decidiu encontrar os **awo** celestes que fizeram a consulta oracular quando Ele partiu para a Terra pela primeira vez. Ele se encontrou com: **Ẹdun ewé kòkò méjì njà wòn sara wòn pelẹ nje pelẹ nje** = ‘Quando duas folhas de **kòkò** estão brigando, o machado as arranca e elas são deixadas para trás ou transplantadas para serem comidas’; **Ejò méjì njá wọ sã rá wọ lọ rojú rojú** = ‘Quando duas serpentes estão lutando, elas se enrolam e rastejam suavemente, por um tempo’.

Os **awo** aconselharam **Ejónilè** a oferecer outro bode a **Ẹṣu**, a fim de que pudesse encontrar uma linda mulher para casar na Terra, de maneira casual. E disseram que quando o previsto já tivesse acontecido, Ele deveria dar para **Ẹṣu** um bode ainda maior que o outro, a fim de que Sua mulher Lhe trouxesse força e prosperidade. Os **awo** ainda O alertaram a nunca deixar essa mulher partir, pois se isto ocorresse Ele ficaria pobre novamente. **Ejónilè** fez o sacrifício e retornou para a Terra, onde os suplicantes já estavam perguntando o porquê de **Ejónilè** ter dormido por tanto tempo naquela manhã.

Ìtan 8

O casamento de **Ejònile**

Ejònile acordou de Seu sono misterioso e a primeira pessoa que viu foi uma bela mulher de cor clara chamada **Ejì-Aló** = ‘Chuva e fogo’. Ela era filha de um chefe muito importante de **Ìfẹ** e tinha aparecido para se oferecer em casamento. **Ejònile** se apaixonou e se casou com ela. Todavia, **Ejònile** se esqueceu de dar o grande bode para **Ẹṣu**. Casaram-se logo e a mulher

deu a luz a um menino que já era inválido ainda no útero. Confirmando o provérbio que diz que “santo de casa não faz milagre”, Eḡḡḡḡḡ curou muitos deficientes físicos, mas não pôde curar Seu próprio filho.

Eḡḡḡḡḡ-Aló não suportou a ideia de ter gerado um filho inválido e foi embora, deixando a criança para ser criada por Eḡḡḡḡḡ, que ficou muito ocupado cuidando de Seu filho que foi renegado pela mãe. Ao sentirem a falta de Eḡḡḡḡḡ, os oríḡḡḡḡ O visitaram para saber o motivo de Sua ausência. Ele explicou que Sua esposa O havia abandonado com uma criança inválida para cuidar. Solícitos, os oríḡḡḡḡ se ofereceram para ir buscar uns awo no Òrun. Eles trouxeram: Èḡḡḡḡ wé kò kò méḡḡḡ = ‘Aquele que não acha bom a tristeza entre casais’, Èḡḡḡḡ jí méḡḡḡ jà = ‘O Oito acorda o casal que quer brigar’.

Os awo alertaram Eḡḡḡḡḡ do grande bode que Ele havia se esquecido de dar a Èḡḡḡḡ depois que casasse na Terra, que era o que impediria que Ele fosse abandonado pela esposa. O bode, então, foi dado a Èḡḡḡḡ e os awo puderam curar o filho de Eḡḡḡḡḡ com um remédio preparado para lavar as pernas da criança. Apesar de tudo resolvido, Eḡḡḡḡḡ-Aló não voltou para o marido, pois ela tinha contraído matrimônio com Olùwarè (palavra que significa apenas: o homem, a pessoa em questão). Com uma porção do remédio usada para curar a criança, foi feito um àḡḡḡ para que Eḡḡḡḡḡ conseguisse que a esposa retornasse para casa. Entretanto, Eḡḡḡḡḡḡḡ preferiu usá-lo para se vingar do que tinha sido feito contra Ele: chamou Sua ex-esposa e o marido dela para encontrá-Lo em um lugar secreto e usou o àḡḡḡ recebido para conjurar os dois, fazendo-os se abaixarem até que se unissem em um só corpo, trocando-os de posição para que nunca mais se lembrassem de nada.

Ìtan 9

O segundo casamento de Ejonile

Ejonile perdeu Sua primeira mulher e caiu em penúria. Assim mesmo conseguiu casar-se pela segunda vez. Ele não pode ficar sozinho. E foi assim que **Ejonile** terminou casando com uma feiticeira cordial, que transmitia muita calma. O nome dela era **Wère** = 'Aquele que traz bênçãos', quando realiza limpeza (Ìtan 21). Quando o casal conseguia um rato, um peixe, uma galinha ou uma cabra para comer, **Ejonile** dava a cabeça para a esposa. Com o passar do tempo, o casal melhorou financeiramente, a ponto de construir a própria casa e educar bem os filhos. Em agradecimento, **Ejonile** decidiu oferecer um grande banquete, no qual uma vaca seria servida como alimento para outros sacerdotes que eram membros de Sua família. Todavia, **Ejonile** cometeu um grande erro: não ofereceu, como era de costume, a cabeça do animal para Sua esposa. Magoada e se sentindo injustiçada, **Wère** arrebatou a cabeça para si. Os sacerdotes a repreenderam, porque a cabeça não era parte da vaca a ser dada a uma mulher. A cabeça da vaca então foi tomada dela. **Ejonile** não reagiu defendendo a esposa e ela se retirou da sala de banquete para o quarto.

Após ter passado três dias sem que **Ejonile** se desculpasse, **Wère** pegou seus objetos pessoais e foi morar com seu irmão **Ìrókò**, que deu Seu santuário para ela. **Ejonile** saiu de casa em busca da esposa. Ele encontrou **Wère** na casa de seu irmão. Ainda bastante magoada e chorosa, ela disse a seu esposo que quando os dois eram pobres Ele sempre lhe dava a cabeça de qualquer animal e que neste período nenhum sacerdote ou

membro de Sua família os visitou para ajudá-los. Recitando um encantamento, ela exclamou:

- “Quem homem pode gabar-se de ser tão grande quanto o elefante. Quem pode proclamar ser tão grande quanto o búfalo. Quem pode gabar-se de ser mais influente que o rei. Nem um pano de cabeça pode ser mais largo do que aquele usado pelas mais velhas da noite. Nem a corda tão longa quanto aquela usada pelas feiticeiras! Nem o chapéu pode ser mais famoso que uma coroa. Na largura ou na amplitude, a mão não pode ser mais alta que a cabeça. O cume de uma palmeira é mais alto que as folhas na cabeça da palmeira. Onde existe a realização de música, é o som do sino que toca mais alto que os outros instrumentos. A palmeira é mais influente que as outras árvores na floresta.”

Arrependido, **Eḡḡḡḡḡ** suplicou a Sua esposa para perdoá-Lo. **Wère** disse que só aceitaria o pedido de perdão caso **Eḡḡḡḡḡ** oferecesse a ela uma peça de tecido branco, algum dinheiro e lhe servisse a cabeça de uma cabra.

Ìtan 10

Como **Eḡḡḡḡḡ** ajudou um litigante a vencer sua causa

A esposa de **Eḡḡḡḡḡ** retornou ao lar e, com ela, a prosperidade voltou. Assim **Eḡḡḡḡḡ** foi capaz de ter recursos para convidar outros **awo** para que trabalhassem para Ele. Quando **Eḡḡḡḡḡ** foi procurado por **Baba jagbà lóḡrùn** = ‘Pai que contesta uma luta, a fim de modificar sua essência’, para ajudá-lo a vencer uma cau-

sa, Ele convidou um de Seus **awo** chamado **Ajagbà àgbagba ajagbà jagbà ni ẹran difá fun baba jágbà jágbà ló ọ̀rùn** = ‘Velho mestre sacerdote que possui maturidade ao consultar **Ifá**, a fim de modificar alguém, cuja essência é como a de uma besta’. O **awo** indicou o seguinte sacrifício: duas galinhas, um palmo de linha tecida, gengibre e gim em fartura. **Baba jagbà ló ọ̀rùn** providenciou todo material e o **awo** preparou para ele um colar com a linha, as penas das galinhas e o gengibre, o qual deveria ser usado em volta do pescoço. Posteriormente, o colar foi removido e colocado no altar de **Èṣu**. Quando o caso foi a julgamento, a sentença, é claro, foi favorável a **Baba jagbà**.

Ìtan 11

Ejọ̀nile muito ajuda em problemas de esterilidade, gravidez e parto

Ejọ̀nile queria resolver problema de esterilidade pelo qual passava **Mojú** = ‘Aquela que desejava ter família’. Por isso convocou os seguintes **awo** para ajudá-Lo: **Ebitì ọ̀pẹ̀lẹ̀ làgbé** = ‘Mensageiro de **Ifá** que encoraja a suportar a jornada do nascimento’; **Ọ̀wọ̀ le kurukú** = ‘Aquele que tem respeito e poder contra as mortes por aborto’; **Olomọ gbótì** = ‘Senhor que ouve, atende e encoraja os cuidadores de crianças.

Eles recomendaram que fosse feito sacrifício com uma galinha, uma galinha d’angola e uma cabra. O sacrifício foi feito no prazo recomendado, isto é, logo de imediato, e depositado em **àgbàrá**. **Mojú** fez tudo como lhe tinha sido mandado. Nada foi

dito a **Mojú** sobre a parte de **Èṣu**. Preocupada, ela chamou **Olo-mọ gbótì** para falar sobre o assunto, mas ele não considerou a necessidade de dar oferenda a **Èṣu**. Bastante aborrecido, **Èṣu** invocou a chuva a fim de impedir que Água Drenada (**Àgbàrá**) depreciasse a oferenda. A chuva caiu sobre o rio e o sacrifício foi parar no **Òrun**. Lá no **Òrun**, o filho de **Olódúmarè** se encontrava doente. Os **awo** que tinham sido convocados para curá-lo pediram a **Olódúmarè** que o Deus Supremo voltasse a Sua casa, no intuito de buscar um sacrifício que estava vindo da Terra, o qual eles usariam para curar a criança.

Olódúmarè assim agiu e encontrou o sacrifício de **Mojú**. Ele levou o sacrifício para os **awo**, no qual foi adicionado **iyerosùn**. Eles tocaram de leve a cabeça doente da criança com o pó. Tendo o filho curado quase que imediatamente, **Olódúmarè** quis saber quem tinha feito a oferenda que salvou Seu filho. O Deus Supremo convocou **Olokun** (ver **Ìjọba Òrun**) que explicou que não sabia como Água Drenada tinha levado o sacrifício. **Olokun** convocou, então, Água Drenada que disse ter sido **Mojú** quem tinha feito a oferenda. No **Òrun**, o **oríṣa** de **Mojú** foi então convocado e explicou o que havia acontecido com Sua protegida. **Olódúmarè** exibiu Seu bastão de autoridade e proclamou que **Mojú** teria uma criança e que chegaria a ter bisnetos. **Mojú** teve uma criança a quem deu nome de **Adeiyòrìju** = 'O sal é um armador de armadilhas para quem, com sarcasmo, ri de concepções falsas'. Ela teve uma série de outras crianças, netos e bisnetos.

Ìtan 12

Ejónílè auxiliou Montanha contra o ataque dos inimigos

Os seguintes **awo** foram procurados por **orísa Òkè** – Montanha – (ver **Ìjoba Òrun**): **Àjaku lùmó** = ‘Uma emboscada é preparada para um mortal’; **Adífa fun Òkè òtá le lùpa run ọkọ** = ‘O inimigo quer quebrar em pedaços, até matar com fortes pancadas de enxada, a dura, forte e firme Montanha, que é protegida pelo Sacerdote de **Ifá**’; **Ẹbọ Òkè sòtá òta le gbé jẹ àdà** = ‘Sacrifício para a firme Montanha que vencerá o inimigo que quer matá-La com um objeto perfurante’; **Ẹbọ ọkọ sòtá** = ‘Sacrifício com enxada contra hostilidade e inimizade’.

Os **awo** avisaram **Òkè** para fazer sacrifício, buscando defender-se de Seus inimigos, Enxada e Cutelo, que estavam conspirando para destruí-Lo. Seus inimigos não conseguiram esfolar o corpo de **Òkè**, pois a oferenda recomendada já tinha sido feita, ajudando **Òkè** até mesmo a tornar-se enorme e majestoso.

Ìtan 13

O filho de Ejónílè é perseguido por Morte

O filho de **Ejónílè**, **Àbáti** = ‘Há Atentado’, estava sendo perseguido por Morte, que tencionava levá-lo embora em sete dias. **Àbáti** foi avisado para fazer sacrifício com um galo, uma galinha, caracóis e dar um bode a **Èṣu**. O sacrifício foi feito. Morte fez três tentativas vãs para remover **Àbáti** da Terra. O **awo** que avisou o filho de **Ejónílè** para fazer sacrifício foi **On niti fẹ wá** = ‘Ele

fica espantado com quem cava'. **On niti fe wá** não gostava de quem deseja a morte de alguém. **Àbáti** pode completar sua jornada. Então ele cantou o seguinte poema:

- **Ìkú gbémi. Òtì mi. Tíri Àbáti. Àbáti tíri. Àrun gbémi** = Morte quer tirar a vida. Fazendo com que Há Atentado não mais respire. Há Atentado encontra-se em apuros. Há Atentado está numa situação insegura. Doença quer tirar-lhe a vida.

Ìtan 14

A mãe de Eḡḡḡḡḡ O salva de Seus inimigos

A mãe de Eḡḡḡḡḡ era conhecida como **Òlàyòrìn** = 'Aquele que usa sal para consertar o mal causado pelas pessoas que riem sarcasticamente dos outros'. Ela não estava nada satisfeita com o fato de muitas pessoas estarem fazendo comentários sarcásticos contra os trabalhos generosos feitos por Eḡḡḡḡḡ. Ela queria ajudar Seu filho, por isto chamou os seguintes **awo**: **Èfífi ni sọjù omọ tẹré tẹ** = 'Aquele que usa coisas que fazem fumaça quando secadas ao sol (tipo sal), para proteger o filho de quem quer ser superior a ele, pisoteando-o, até fazer com que ele caia em desgraça'; **Òkí pa tẹré bẹ ejó le yìn** = 'Aquele que se adianta, toma a frente, sendo capaz de proteger a quem estima daqueles que erram pisoteando e fazendo os outros sofrerem através de fofocas'; **Ọṣúdí erèké** = 'Senhor das coisas nubladas, emaranhadas, falsas e mentirosas como as serpentes'.

Òlàyòrìn fez sacrifício com quatro sacos de sal e as pessoas que antes estavam desdenhando de Eḡḡḡḡḡ começaram a fazer

comentários a Seu favor. Essa é a causa de ninguém colocar sal na boca e fazer comentários ruins sobre seu paladar (ver **Ìtan** 2 e 11/ver Simbologia/Sal).

Ìtan 15

Ejonilè se tornou o Rei dos **Òdu**

Os **òdú** estavam querendo decidir quem seria o rei entre Eles e resolveram chamar **Oşàlá** para resolver o impasse. **Oşàlá** convocou a todos e Lhes deu um rato para repartir entre Eles. **Òyèkú Méjì** pegou uma perna, **Ìwòrín Méjì** pegou a outra perna, **Odì Méjì** pegou uma mão e **Irósún Méjì** pegou a mão restante. As outras partes foram distribuídas de acordo com a ordem convencional de idade dos **òdu**. Para **Ejoni**lè restou a cabeça do rato. O mesmo se repetiu quando **Oşàlá** Lhes deu um peixe, uma galinha, um pombo, uma galinha d'angola e um bode. Sempre para **Ejoni**lè restava a cabeça do animal. **Oşàlá** disse aos **Olo**du que Eles retornassem em três dias para ouvir uma conferência, quando seria dado Seu veredito.

Chegando a casa, **Ejoni**lè fez divinação e Lhe foi recomendado dar um bode a **Èşu**. Satisfeito com a oferenda, **Èşu** disse a **Ejoni**lè que no dia indicado para reencontrar **Oşàlá** Ele deveria assar uma raiz de inhame e guardá-la em Sua sacola junto com uma vasilha de água, e que só após fazer o recomendado é que Ele poderia seguir tranquilo para a conferência. No caminho, **Ejoni**lè encontrou uma velha mulher e agiu como Lhe fora recomendado: aliviou a velha do peso da madeira que carregava para fazer fogo e esta se queixou que estava com uma

fome terrível. No mesmo instante, Eḡḡḡḡḡḡ lhe deu o inhame assado que carregava e ainda lhe deu água. Eḡḡḡḡḡḡ seguiu com a velha senhora até a casa dela e esta percebeu que Ele estava com pressa. Ao ser perguntado qual o motivo de toda aquela pressa, Eḡḡḡḡḡḡ respondeu que Ele já estava atrasado para uma conferência, na qual Oṣàlá iria definir quem seria o rei entre os oḡḡ, mas que sabia que não seria Ele o escolhido. Entretanto, a velha senhora afirmou que seria Ele o rei dos oḡḡ. Naquele momento, Eḡḡḡḡḡḡ identificou a casa onde estava: era a casa de Oṣàlá e a mulher que Ele tinha auxiliado não era ninguém menos que a mãe do Grande Pai. Eḡḡḡḡḡḡ se curvou em sinal de respeito e a mulher lhe trouxe duas peças de roupa branca, colocando uma em Seu ombro direito e outra em Seu ombro esquerdo. Ela então inseriu uma pena vermelha de papagaio na cabeça de Eḡḡḡḡḡḡ e fez uma marcação com eḡḡḡ em Sua palma direita, mandando que Ele fosse sentar no topo de uma pedra branca no meio de cento e quarenta e seis pedras que ficavam em frente da casa. Eḡḡḡḡḡḡ, vestido com Seu novo enxoval, fez o que a senhora indicou. Os outros oḡḡ já esperavam por Oṣàlá dentro da casa.

Oṣàlá perguntou se estavam todos ali. Os oḡḡ responderam que ainda estavam esperando por Eḡḡḡḡḡḡ. Oṣàlá viu o homem sentado lá fora, que ninguém reconheceu ser Eḡḡḡḡḡḡ, e orientou os oḡḡ a irem prestar respeito ao homem. Todos Eles tocaram o chão com Suas cabeças onde Eḡḡḡḡḡḡ estava sentado. Oṣàlá proclamou Eḡḡḡḡḡḡ “Rei dos Discípulos de Òrúnmìlà”. Foi um inconformismo geral! O Grande Oríṣa, então, perguntou como os oḡḡ tinham repartido os animais que Eles receberam durante os sete dias de avaliação. A explicação

foi dada. **Oşàlá** recordou que Eles tinham deixado a cabeça de cada um dos animais recebidos sempre para **Ejónílè**, tendo sido Eles mesmos que, involuntariamente, decidiram que **Ejónílè** seria o rei. Afinal, quando a cabeça está fora do corpo, o resto não tem vida.

Revoltados, os **odú** se dispersaram e resolveram não servir e nem visitar **Ejónílè**, que antes da dispersão compôs um poema, o qual Ele usou como encantamento, juntamente com algumas espécies de folhas, a fim de neutralizar todas as maquinações que pudessem vir contra Ele.

Para humilhar **Ejónílè**, os **odú** exigiram que Ele Lhes banquetear-se com duzentas cabaças de inhame assado, duzentos potes de sopa preparada com diferentes tipos de carnes, duzentas cuias de vinho, duzentas cestas de **obì...**, dando-Lhe apenas sete dias para organizar o banquete. Os **odú** esperavam fazer daquele banquete uma tarefa impossível, já que **Ejónílè** não tinha condições de arcar financeiramente com um empreendimento tão grandioso. Outra vez **Èşu** veio em socorro de **Ejónílè**, mas antes Lhe pediu um antílope como oferenda. Depois de alimentado, **Èşu** avisou a **Ejónílè** que preparasse apenas uma de cada coisa necessária para o banquete e depois colocasse cada coisa nos cento e noventa e nove recipientes adicionais, enfileirando-os fora do salão do banquete no dia indicado. Enquanto o banquete não acontecia, os **odú** se satisfaziam “gozando da cara” de **Ejónílè**. No sétimo dia, Eles começaram a visitá-Lo, um a um, para confirmar se o banquete aconteceria. **Èşu** foi para o salão e ordenou que os elementos se multiplicassem. Instantaneamente, todas as cabaças, potes de sopa, cuias e cestas se encheram. O banquete estava pronto.

Ọ̀yẹ̀kú Méjì (Eḡìlògbòn Méjì) foi o primeiro a chegar e, sem esperar por um convite formal, sentou-se para se servir. Ele foi seguido por Ìwọ̀rín Méjì (Èḡìlasebọ̀rà Méjì), Odì Méjì (Odì Méjì), Irọ̀sún Méjì (Irọ̀sún Méjì), Ọ̀wòrì Méjì (Owárìn Méjì), Ọ̀barà Méjì (Ọ̀barà Méjì), Ọ̀kanrán Méjì (Ọ̀kanrán Méjì), Ọ̀gúndà Méjì (Èḡa Ọ̀gúndà Méjì), Ọ̀sa Méjì (Ọ̀sà Méjì), Ikà Méjì (Ìkà Méjì), Ọ̀túrọ̀pò Méjì (Èḡì Ọ̀kọ́ Méjì), Ọ̀tùwà Méjì (Aláfia Méjì), Ìretẹ̀ Méjì (Ọ̀gbéogundá Méjì), Ọ̀ṣẹ̀ Méjì (Ọ̀ṣẹ̀ Méjì), Ọ̀fún Méjì (Ọ̀fún Méjì).

Felizes e inebriados de tanto comer, todos **ọ̀dú** carregaram **Eḡḡḡḡḡ** acima de Suas cabeças e começaram a dançar em procissão por toda cidade, cantando: “**Àgbésọ baba, àgbésọ baba. Ọ̀tálẹ̀gbéjẹ̀jẹ̀**” = O mestre é erguido, o mestre é erguido. Levantar, erguer o indolente, fazendo-o vencer o inimigo.

Quando os **ọ̀dú** chegaram à margem do oceano, **Eḡḡḡḡḡ** Lhes disse para colocá-Lo no chão. Ele foi coroado, formalmente, Rei dos **ọ̀du**, com o título de **Akókò-Olokun**, pois Seu cargo foi firmado pela árvore **Akókò** e por **Olokun** (**oríṣa** dos oceanos). Nesse momento, **Eḡḡḡḡḡ** sacrificou caracóis na margem do oceano. Esse foi o último sacrifício que **Eḡḡḡḡḡ** fez antes de se tornar, definitivamente, próspero.

Eḡḡḡḡḡ cantou em louvor a todos que O ajudaram:

- “**Ja ní ki ọ̀wo já. Ọ̀wú wú oni ko wo wọ̀n wọ̀n wú. Ipé kíkò, ki ga kíkà dé nù. Pè orí re kí gún orí rẹ̀ dé nù. Ètu tù kí olo wò nímò. Ni nú lò o tí ire ẹ̀ fò ebi ré wá**” = Não há mais luta, ebulição, nem problemas criados. O Senhor do Algodão não pre-

tende lembrar ressentimentos, Ele pretende agradar. Mas recusa reunião, para que não seja enrolado e venha a se perder. Para que a cabeça não se canse, nem venha a se perder e chorar por confusão. O antílope trata do doente, a fim de aliviar a dor do senhor que é sensato. Para que o senhor não se perca na jornada, o antílope encoraja-o e empurra-o, saltando-lhe para cima, para que ele se vá embora (caminhe), mova-se em direção à bondade, às bençãos e aos benefícios.

Ìtan 16

Polêmica entre Eḡonílè e Olofè

Eḡonílè ficou muito rico e famoso, o que incomodou e preocupou Olofè (o governador de Ifè), que reuniu um exército para guerrear com o rei dos ọdu. Acontece que Eḡonílè teve um sonho que Lhe revelou o ataque a ser por Ele sofrido. Convocou, então, um awo chamado Ọleḡagbà olupè pèrojà = ‘Senhor que traz de volta a união, contestando a luta e aconselhando com malandragem’. O awo recomendou que Ele oferecesse uma refeição, quando seria servido um ewújù (porco-espinho). Eḡonílè, porém, não deveria comer nada do que fosse servido. Todos os outros presentes se regalaram com o banquete e, como é difícil atacar quem oferece alimento, a trama não foi adiante.

Eḡonílè foi tornando-se cada vez mais popular, o que levou Olofè a recrutar as Mais Velhas da Noite – as Ìyámi – para lutar por ele. Foi o mesmo awo quem avisou a Eḡonílè para mandar vir um porco-espinho para ser feito mais um sacrifício. Outro ban-

quete foi preparado, adicionando folhas importantes. **Eḡḡḡḡḡ** continuou proibido de comer os alimentos servidos. Como era esperado, as Damas da Noite desistiram do ataque. Muitos ataques foram planejados, muitos banquetes servidos. Após cada banquete, o **awo** coletava a cabeça, o couro e os ossos dos animais. **Olofḡ** descobriu que **Eḡḡḡḡḡ** continuava popular como sempre, e convocou o povo para, publicamente, expulsá-Lo. Dessa vez, **Eḡḡḡḡḡ** foi avisado para providenciar um bode e um antílope inteiro para um sacrifício especial a ser dado a **Èḡḡ**. Os animais foram sacrificados para **Èḡḡ** e a carne usada para fazer outro banquete, do qual **Eḡḡḡḡḡ** mais uma vez não pode comer. A tentativa do governador de **Ifḡ** falhou novamente.

Com todas as tentativas tendo sido em vão, **Olofḡ** optou por uma nova estratégia, completamente diferente das anteriores. Dessa vez foi **Eḡḡḡḡḡ** o convidado para uma refeição no palácio do governador. No dia indicado, o carrasco real faria uma emboscada fatal para o rei dos **ọdu**. No **Peḡḡ lóḡḡ Èḡḡ** (Altar de **Èḡḡ**), **Eḡḡḡḡḡ** invocou o referido **oríḡa** para escoltá-Lo, usando versos encantados, um **obí**, uma colher cheia de óleo-de-palma e um caracol. Fez Seu próprio signo no chão e repetiu outro encantamento. Nenhum carrasco pôde ver **Eḡḡḡḡḡ** e **Olofḡ** foi obrigado a jantar com o rei dos **ọdu**. Para o rei de **Ifḡ** ainda restava esperança que **Eḡḡḡḡḡ** fosse morto em Seu retorno para casa. Contudo, quando os carrascos esperavam para desferir o golpe fatal em **Eḡḡḡḡḡ**, **Èḡḡ** apareceu para agradecer a oferenda: o antílope ofertado tornou-se inteiro de novo e saltou sobre os carrascos. Eles perseguiram o antílope que entrou no palácio. Uma guerra se formou na cidade, enquanto **Eḡḡḡḡḡ**, tranqüilamente, retornava para Sua casa sem nada sofrer. Os carrascos, no

entanto, foram encarcerados pela ira de **Olofé**. A bondade de **Ejónílè** não poderia permitir que aquilo acontecesse e, por isto, Ele foi ao palácio explicar o mistério do antílope. **Ejónílè** usou Sua tábua de divinação e fez encantamentos para que a paz voltasse a reinar na cidade. Ele agradeceu a **Òrúnmìlà** oferecendo um banquete com uma vaca, cabras e galinhas para todos os sacerdotes de **Ifá**, para os chefes e para os mais velhos da cidade. Com **Olofé**, no entanto, **Ejónílè** nunca mais se confraternizou.

Ìtan 17

Ejónílè sempre travou batalhas com Morte

Morte sempre perseguiu **Ejónílè** por Ele insistir em defender Seus bons objetivos. Para alcançar Seus objetivos, Morte usava homens poderosos e do povo, sacerdotes, familiares e divindades. **Ejónílè** vencia a todos. Até que Morte resolveu, Ele mesmo, combater **Ejónílè**, que logo procurou o **awo Ìkú ki ijà nilé Olódúmarè àrun ki ijà nilé Olódúmarè** = 'Morte e doença não fazem guerra na casa de Deus'.

O **awo** disse que Ele morreria antes do fim daquele ano, caso não fizesse, rapidamente, um sacrifício com duzentos sinos e um bode para **Èṣu**. Os sinos foram preparados por dois **awo** no intuito de que eles soassem toda manhã. Como "o sino sempre soa e não morre", **Ejónílè** sobreviveu ao final daquele ano e muito além.

Morte, porém, não desistiu. Arquetou outro plano visando levar **Ejónílè** com Ele no prazo de sete dias. Em sonho, **Ejónílè** viu

Morte pairando sobre Sua cabeça e chamou um de Seus discípulos, **Okankan róróró mó òtá** = 'Aquele que produz som, repetidas vezes, para afastar o inimigo', que Lhe orientou a ofertar um bode e uma galinha a **Èṣu**. Para **Ifá, Eḡḡḡḡ** deveria ofertar vinte **obí**, os quais seriam quebrados um a um, durante o período de vinte dias, enquanto seria dito: "Deixe-me viver para quebrar **obí** para **Ifá** no próximo dia." **Eḡḡḡḡ** venceu Morte e viveu por mais quinze anos.

Ìtan 18

Revelações para os regidos por **Eḡḡḡḡ**,
indicadas pelo próprio **Eḡḡḡḡ**

Foram muitas as revelações de Eḡḡḡḡ:

O iniciado regido por **Eḡḡḡḡ** sofrerá muitas traições, mas em compensação terá sempre o dobro da conduta que adotar para si.

As crianças de **Eḡḡḡḡ** têm muita dificuldade para superar barreiras antes de alcançarem o sucesso.

Os filhos de **Eḡḡḡḡ** devem abster-se de comer carne de antílope, ouriço, porco-espinho, além de banana-da-terra e abóbora jerimum, a fim de prevenir dor de estômago.

Os filhos de **Eḡḡḡḡ** são sinceros quando auxiliam alguém, mas quando se sentem afrontados, destroem impiedosamente o suposto inimigo.

São perseverantes e bondosos, o que propicia mudança de sorte, porque **Òrúnmilà** não acredita nas impossibilidades.

Èjònílè revela importantes sentenças:

“Pessoas com propósitos sérios não ouvem o pássaro cantando a canção do infortúnio.”

“Dificuldades e problemas fazem surgir o melhor do homem.”

“Paciência e sacrifício fazem o impossível se tornar possível.”

“Dê-me um problema difícil para resolver que os cétricos possam assim crer. Dê-me uma guerra para promover, que homens possam perceber, então, a força das divindades.”

“Aprender com infortúnios passados é ser sábio, não aprender com os erros anteriores é insensatez.”

“A pessoa que falha em fazer sacrifício justifica o divinador. No momento em que alguém ignora os conselhos, torna o conselheiro um profeta.”

Ìtan 19

Èjònílè traz a paz

Èjònílè tinha dois empregados: **Àgutangbón** = ‘Ovelha inteligente, que aprende com a disputa’ e **Àgutankókó** = ‘Ovelha que aconselha e instrui’. Eles fizeram jogo para uma região que se encontrava em conflito. Eles avisaram ao povo para fazer sacrifício com cinco cães, sete tartarugas e sete caracóis, deste modo seria um povo forte, capaz de se libertar dos conflitos incessantes. O povo deu dois cães, dois caracóis para **Ògún**; quatro caracóis foram oferecidos à divindade da terra (para **Òsányìn**, **oríṣa**

que está sempre gerando situações de briga, não foram dados caracóis, pois **Òsányìn** tem proibição deste animal); os três cachorros e os três caracóis restantes foram preparados e levados a vagar ao redor na cidade.

Os cães logo começaram a reproduzir-se. Quando **Ògún** estava trazendo problemas para a cidade, todos os cães começaram a latir para Ele, que perseguiu e matou um dos cães para comer. Alimentado, **Ògún** se esqueceu de criar confusão. E quando chegou a vez de **Òsányìn** aproximar-se da cidade para causar o caos, o chão liberou caracóis em abundância em Seu caminho e, aborrecido, **Òsányìn** foi embora. A paz voltou a reinar na cidade.

Ìtan 20

Olofé continuou incomodado com a popularidade de Eḡḡḡḡḡḡ

Olofé continuou incomodado com a popularidade de **Eḡḡḡḡḡḡ** e decidiu testá-Lo, juntamente com Seus discípulos. O rei pegou uma cabaça e nela colocou esponja e sabão usados por uma moça em “lua-de-mel”. Adicionou **osùn** e um pedaço de tecido de algodão fino preto da Índia e amarrou a cabaça com a peça de roupa. O Rei então a colocou em seu altar de **Ifá** e convocou os **awo** para descobrirem o conteúdo da cabaça. Todos os **awo** tentaram e falharam, até que chegou a vez de um **awo** chamado **Adaro Ëkù aṣá wó kọ òkùtá òkè olobi tún ofi iyì ṣe òpe, oḡbòṅ, oḡbòṅ, oḡbòṅ** = ‘Aquele que usa

um objeto perfurante, como punhal e lança, o qual machuca os seres de grande porte como animais e montanhas, mas também físgam as coisas sem valor e pessoas simplórias, usando as leis para fazê-las renascer com honra e sensibilidade’.

O **awo** jogou e surgiu **Ejónílè**, que indicou um **ẹbọ** com esponja e sabão usados no banho de uma noiva no dia do casamento, **osùn** e um tecido preto. O rei havia recebido a resposta que ele queria e ficou muito satisfeito. Ele, então, recompensou o **awo** com um título de chefia e quatro esposas: duas negras e duas brancas.

Ìtan 21

Ejónílè salvou Sua esposa **Apetebi** da destruição (mesmo tendo ela Lhe aborrecido)

Sempre muito paciente e tolerante, chegou o dia em que uma das esposas de **Ejónílè** conseguiu tirá-Lo do sério. Furioso, Ele foi para a rua e encontrou alguns seres que podem atuar como agentes de destruição: **Èṣu**, **Àjé**, **Àbíku**, **Àrun** e **Ìkú**. Eles quiseram saber para onde **Ejónílè** estava indo com tanta fúria e Ele explicou que ia buscar na rua o que não encontrava em casa: paz de espírito. **Ejónílè** só retornou para casa à noite, tendo a promessa dos agentes de destruição que eles iriam resolver o caso da esposa desequilibrada. Durante a noite, os agentes a assustaram terrivelmente através de um sonho, a ponto de ela procurar um divinador na manhã seguinte, que a alertou sobre a presença de infortúnio, doença e morte súbita em sua vida, pois **Òrúnmìlà** a tinha denunciado para os altos poderes. O **awo** disse para a esposa de **Ejónílè** que ela deveria varrer e limpar a casa (**tan** 9), lavar as roupas e preparar um banquete

com sopa, inhame assado, carnes, vinho, **obi**, água, etc. Tudo em múltiplo de cinco. Quando seu marido retornasse para casa, deveria ser recebido com o banquete e com ela de joelhos a implorar-Lhe o perdão pelos seus maus atos.

Por cinco dias **Eḡḡḡḡḡ** ficou fora de casa e quando Ele retornou, no quinto dia, todas as cinco divindades destruidoras O seguiram até Sua casa. O coração de **Eḡḡḡḡḡ** é muito generoso e não resistiu ao pedido de perdão da esposa que Lhe oferecia um jantar farto. Ela deu cinco banquetes, que correspondiam aos cinco dias que **Eḡḡḡḡḡ** esteve fora. **Eḡḡḡḡḡ** deu os cinco banquetes às cinco divindades que estavam esperando fora da casa Dele, pois **Eḡḡḡḡḡ** não permitiu que a destruição penetrasse no local que é mais sagrado para Ele: Seu lar.

As divindades se fartaram, mas não se esqueceram da promessa de atacar a mulher. **Eḡḡḡḡḡ** Lhes disse que ela tinha se arrependido por suas transgressões e que fora ela quem preparara o banquete que as divindades tinham apreciado tanto. Ele lembrou-Lhes de uma regra divina: ninguém pode matar aquele que o alimentou.

Ìtan 22

Igbá Orí

Olhos e Cabeça são irmãos, filhos de Àṣẹ

Olhos e Cabeça são filhos de **Àṣẹ**, sendo, portanto irmãos. **Àṣẹ** = 'Energia impulsora' queria conhecer melhor Seus dois filhos e resolveu fazer o seguinte: encheu uma cabaça com carne de carneiro temperada com azeite-de-dendê, pimentões, cebola, tomates e

embrulhou-a num belo corte de seda; em uma segunda cabaça, Àṣẹ colocou ouro, prata e pedras preciosas, embrulhando-a em panos comuns e de pouco valor. Chamou Seu filho mais velho, Olhos, e o mais novo, Cabeça, para que cada um escolhesse uma cabaça que considerasse melhor para si.

Olhos escolheu logo a cabaça cuja aparência era mais deslumbrante. Para Cabeça restou a segunda cabaça. Desembrulhando a cabaça, Olhos encontrou alimentos saborosos e os comeu na companhia de alguns amigos. Cabeça também desembrulhou Sua cabaça e não encontrando nada comestível resolveu guardar o conteúdo com carinho, pois tinha sido Seu pai quem lhe tinha dado. Só no dia seguinte foi que Cabeça percebeu que o conteúdo de Sua cabaça era um verdadeiro tesouro.

O tempo passou e Àṣẹ tornou a reunir Seus filhos para perguntar o que fizeram com os presentes recebidos. Olhos respondeu que tratou logo de comer a rica refeição. Cabeça agradeceu pelo valioso tesouro recebido, o qual tinha modificado sua vida para muito melhor. Àṣẹ sentenciou: “Olhos, tu és muito ávido! A visão te atrapalha, tu enxergas sem ver. Cabeça, que melhor refletiu, escolheu a cabaça que, embora envolta em pano comum, guardava em seu interior uma enorme fortuna. Por esse motivo, será Cabeça quem, a partir de hoje, tomará todas as decisões, sem se deixar enganar pelas aparências.” É por isso que se deve sempre dizer: “Minha cabeça é boa e não meus olhos são bons.”

Àṣẹ cantou:

- “Ta ṣe do pọ nú, bọ ta yi yò. Orí ãbò gbé, ãbò gbé, ãbò gbé! Orí ta do ãbò. Gbólẹ, gbólẹ, gbólẹ” = Uma cabeça amadurecida, limpa e pensante é morada e escudo

protetor. É plena. Age de maneira a economizar energia. É persistente e resignada. Uma cabeça persistente é morada e escudo protetor. É amadurecida, plena, livre e vencedora.

Ìtan 23

Ìbeḡḡ são filhos de Eḡḡḡḡḡ

Logo na primeira gravidez da mulher de **Eḡḡḡḡḡ** foi dito que a barriga seria de gêmeos e que, para evitar que eles trouxessem destruição para a família, deveria ser feito um sacrifício com dois pombos, fitas azuis e vermelhas, **òrí** e dois mil búzios. O sacrifício foi feito e os gêmeos nasceram. Dois meses depois do parto, **Eḡḡḡḡḡ** foi traído: Sua mulher teve relações com um homem que queria levá-la para bem longe. O amante entregou à mulher um poderoso veneno para ser misturado à comida de **Eḡḡḡḡḡ**. A mulher serviu **Eḡḡḡḡḡ** com a comida envenenada e saiu para buscar água fresca. O mais novo dos gêmeos, **Sìnsùn** = 'Aquele que acusa primeiro', aproveitou o momento para avisar seu pai da trama preparada. O pai trocou a posição dos pratos, deixando o que tinha a comida envenenada para Sua mulher. Esse ato, entretanto, foi presenciado pelo outro gêmeo, **Sogbó** = 'Aquele que escuta e fala', que contou tudo à sua mãe quando ela retornou do poço.

O rei **Metolòfi** ficou sabendo do ocorrido e ao ouvir o relato de **Eḡḡḡḡḡ** e de Sua esposa convocou os gêmeos que, apesar da pouca idade, foram ouvidos como se fossem adultos, depondo em separado. Tanto um quanto o outro relataram a verdade, dizendo que não queriam que o nascimento deles fosse visto como um sinal de azar para a família. Foi então que **Metolòfi** disse ao pai dos gêmeos: "Tu és defendido por duas pessoas. Tu

chamarás sempre pelo seu nome, em sua proteção, este nome é **Ìbejì**" (ver **Ìjọba Òrun**).

Ìtan 24

Oṣàlá cumpre Sua jornada, mas fica com deformidade física

Quando a Terra foi criada, sua extensão ainda era muito pequena, pois o globo terrestre estava coberto pelas águas do oceano. Os **oríṣa** habitavam sobre a pequena faixa de terra firme então existente e tinham a missão de ali estabelecerem o ambiente necessário para o surgimento da vida humana. **Òrúnmìlà** foi consultado pelos **oríṣa** e para todos surgiu **Ejọnile**, que determinou um sacrifício a fim de que suas missões fossem coroadas com sucesso: oito espigas de milho verde, bem tenras, mel de abelha, **ẹfun**, **òrí**... As espigas deveriam ser descascadas e assadas ligeiramente num braseiro. Depois de assadas, elas tinham que ser untadas com **òrí**, regadas com mel e arrumadas em uma tigela branca, quando seriam pulverizadas com **ẹfun**, pó de peixe e de preá. Tudo isso deveria ser coberto com algodão e colocado durante oito dias nos pés de **Oṣàlá**, mantendo-O iluminado com velas ou lamparina de óleo-de-algodão. No oitavo dia, o **ẹbọ** seria, então, levado a uma mata e despachado sob uma árvore velha e frondosa, estando o chão forrado com pano branco.

O **ẹbọ** era muito dispendioso e apenas **Oṣàlá** pode fazê-lo. **Èṣu**, então, indicou o caminho mais curto e sem qualquer obstáculo até a Terra para **Oṣàlá**, que foi o primeiro a chegar. Como **Èṣu** criou todos os tipos de dificuldades para os outros **oríṣa**, Eles chegarem a Terra bem depois que **Oṣàlá** já estava estabelecido. **Oṣàlá** trabalhou duro e construiu tudo com Suas próprias mãos,

chegando ao ponto de adquirir uma deformação nas costas, passando a caminhar apoiado em um cajado. O pouco espaço firme que a Terra possuía já estava cercado e plantado por **Oṣàlá**, que se tornou seu legítimo dono. Quando os outros **oríṣa** chegaram, ficaram sem ter onde estabelecer seus reinos. Eles reuniram-se em assembleia, na presença de **Oṣàlá**, a fim de encontrarem uma solução para o problema, pois Eles precisavam ter um lugar de moradia para cumprir as missões que Lhes foram confiadas por **Olorun**. **Oṣàlá** mandou que Eles habitassem as profundezas de **òkun** (mar), já que ao negligenciarem o **ẹbọ** prescrito permitiram que Ele se apossasse de toda a terra existente até então. Os **oríṣa** suplicaram que Lhes fosse doado um pedaço de terra firme e que **Oṣàlá** ficasse com os mares e todas as riquezas neles contidas. **Oṣàlá** não achou a ideia má e nomeou **Olokun** para reinar sobre os oceanos, enquanto ele reinava sobre todo o planeta. **Oṣàlá** ficou sendo o Rei dos Reis, a quem os outros **oríṣa** deviam obediência.

Ìtan 25

Òrúnmìlà encontra Sabedoria, com a ajuda de Èṣu

Òrúnmìlà, ainda jovem, era extremamente curioso, mas Lhe faltava sabedoria. Ao tomar conhecimento da existência de um imenso palácio de dezesseis quartos, onde se encontrava aprisionada uma belíssima donzela denominada Sabedoria, desejou, como muitos jovens da época, resgatar a bela jovem. **Òrúnmìlà** fez jogo divinatório e Lhe foi recomendado oferecer dois pombos, duas galinhas, um caracol, inhame e **ẹkọ**. Muito determinado, **Òrúnmìlà** se dirigiu para o local onde

dizia estar edificado o palácio. No caminho, encontrou um mendigo que Lhe pediu um pouco de comida. Generosamente, **Òrúnmìlà** Lhe deu farofa de inhame, feita com um pouco de azeite-de-dendê, e se sentou para comer com ele. Satisfeito pela oferenda, o mendigo se revelou: era **Èṣu** que, agradecido, ofereceu ao jovem aventureiro um pedaço de marfim entalhado e disse-Lhe: “Com este marfim, denominado **Ìrófá**, deverás bater em cada uma das portas dos dezesseis quartos do palácio, pois só assim elas se abrirão. Do interior de cada quarto, ouvirás uma voz que Te perguntará quem bate, e Tu Te identificarás dizendo que és **Ifá**, o Senhor do **Ìrófá**. A voz, então, perguntará o que estás procurando, e Tu dirás, estando diante da porta do primeiro quarto, que desejas conhecer a vida e que queres conquistá-la em nome de **Èjì-Ogbé Méjì**. A porta então se abrirá e conhecerás os mistérios da vida.”

Èṣu foi, assim, revelando o que havia no interior da cada quarto:

“No segundo quarto, dirás que desejas conhecer **Ikú**, Morte, e que queres dominá-Lo, por intermédio de **Òyèkú Méjì**. A porta se abrirá e conhecerás Morte, Teus horrores e mistérios. Se não demonstrares medo em Tua presença, haverás de adquirir domínio absoluto sobre Ele.”

“Na terceira porta, encontrarás um guardião denominado **Ìwòrín Méjì**, que depois de reverenciado, colocar-Te-á diante dos olhos os mistérios da vida espiritual e dos nove **Òrun**, onde habitam deuses, demônios e todas as classes de espíritos que irás conhecer.”

“Na quarta porta, reclamarás por conhecer o julgo da matéria sobre o espírito e o guardião desta porta chama-se **Odí Méjì**,

a quem deverás demonstrar respeito sem submissão. É necessário que não Te deixes encantar pelas maravilhas e os prazeres que se descortinarão diante de Teus olhos, pois podem escravizar-Te para sempre, interrompendo Tua busca.”

“Na quinta porta, **Iròsún Mèjí**, que se alimenta de restos e de sangues derramados, ensinar-Te-á o domínio do homem sobre Teus semelhantes, através do uso da força e da violência, da tortura e do derramamento de sangue. Aprendes, mas não utilizes jamais as técnicas ali reveladas, para não Te tornares, Tu mesmo, uma vítima delas.”

“Na sexta porta, serás recepcionado por um gigante de sexo feminino, que saudará pelo nome de **Òwòrì** e a quem solicitarás ensinamentos relativos ao equilíbrio que deve existir no universo e então Tu compreenderás o valor da vida e a necessidade da morte, o mistério que envolve a existência das montanhas e das rochas. Ali, serás tentado pela possibilidade de obter muita riqueza, mulheres, filhos e bens inenarráveis. Resistes a estas tentações ou verás Tua vida ser reduzida a uns poucos dias de luxúria.”

“Na sétima porta, estarás diante de **Ọbarà Méjí**, velho de aparência bonacheirona, pois tem bondade natural e é simples, ingênuo, paciente. Ele Te poderá ensinar prodígios de cura, soluções para os problemas mais intrincados, dar-Te-á possibilidade de realizar todos os anseios e desejos humanos. Toma cuidado, no entanto, já que o domínio deste conhecimento pode conduzir-Te à prática da mentira, da falta de escrúpulos e à loucura total.”

“No oitavo aposento, deverás solicitar a permissão de **Ọkanrán Méjí** para conheceres o poder da fala humana, que infelizmente é muito mais usada na prática do mal do que do bem. Este

guardião Te falará em muitas línguas, mas de Tua boca só ouvirás lamentações e queixas. Aprenda depressa e depressa foge deste local, onde há falsidade e traição.”

“Na nona porta, pedirás permissão ao guardião **Ẹta Ògúndà Méjì** para conheceres a corrupção e a decadência, que podem levar o ser humano aos mais baixos níveis da existência. Naquele quarto, encontrarás todos os vícios que assolam a humanidade e que a escravizam em correntes inquebráveis. Verás o assassinato, a ganância, a traição, a violência, a covardia e a miséria humana, brincando de mãos dadas com muitos infelizes que se tornaram seus servidores.”

“No décimo aposento, deverás apresentar reverências a uma poderosa feiticeira cujo nome é **Ọsà Méjì**. Ela vai ensinar-Te o poder que a mulher exerce sobre o homem e o porquê deste poder, conhecerás seres poderosos que funcionam na prática do mal, todos os demônios denominados **Àjé Buruku** se curvarão diante de Ti e Te oferecerão Teus serviços maléficos que, caso aceites, farão de Ti o ser mais poderoso e odiado sobre a face da Terra. Aprenderás a dominar o fogo e a utilizar o poder dos astros sobre o que acontece no mundo, principalmente a influência da Lua sobre os seres vivos e sobre o humor das mulheres. Cuida para que estes conhecimentos não Te transformem num bruxo maldito.”

“Na décima primeira porta, bate Teu **Ìrofá e Ikà Méjì**, o gigante em forma de serpente, farar-Te-á estremecer. Saúda-O respeitosa e solicita Dele permissão para descortinar o mistério que envolve a reencarnação e o domínio sobre os espíritos **Àbíkú**. Aprende a dominar estes espíritos e desta forma poderás livrar muitas famílias do luto e da dor.”

“Na décima segunda porta, está reservado para Ti surpresas e sustos sem fim. Sua guardiã se chama **Ọtúrópò Mèjì**, que é do sexo feminino e possui forma arredondada, mais se parecendo com uma grande bola de carne quase sem forma. Trata-se de um ser muito poderoso, que poderá revelar-Te todos os segredos que envolvem a criação da Terra, além de Te ensinar como obter riquezas inimagináveis. Tu aprendas com Ela o segredo da gestação humana e como evitar abortos e partos prematuros, depois parte respeitosamente em busca do próximo aposento.”

“Na décima terceira porta, bate com cuidado e muito respeito. Nesse aposento reside um gigante chamado **Ọtùwà Mèjì**, que costuma comunicar-se de forma íntima e constante com **Òdùdúwà**. Aprende como é possível separar as coisas, dominar o mistério de dissociar os átomos, fazendo sacrifícios e vertendo sangues vermelho, azul, transparente, adquirindo assim, pleno poder sobre a matéria. Aprende também a utilizar a força mágica que existe nos sons da fala humana – ritmo, entonação, respiração. Usa esta força terrível com muita sabedoria.”

“Na décima quarta porta, irás defrontar-Te com **Ìretẹ̀ Mèjì** que nada mais é que o próprio espírito de **Ilẹ̀**, a Terra. Fazes com que desvende os mais íntimos segredos, agrada-O, presta-Lhe permanentemente reverências e sacrifícios. Contacta, por Teu intermédio, os espíritos da Terra, transforma-os em Teus aliados. Conhece os segredos de **Ọmọlu**, o **oríṣa** da peste que mata e cura da forma que melhor Lhe aprover. Aprende com Ele o poder da cura, já que matar é tão mais fácil.”

“Na décima quinta porta, serás recepcionado por **Ọṣẹ̀ Mèjì**, que irá falar-Te de degeneração, decomposição, putrefação, doenças e perdas. Aprende a sanar estes males e sai dali o mais depressa.”

sa possível, para não seres também vitimado pela negatividade, que resulta das relações incestuosas.”

“Finalmente, a décima sexta porta, o último obstáculo que Te separa de Tua desejada musa. Aí reside **Ọfún**, o mais velho e terrível dos dezesseis gênios. Saúda-O com terror, gritando **Èpa Baba!** Só assim poderás aplacar Tua ira. Contempla-O com respeito, mas não O encare. Observa que Ele não é um gênio como os que conhecestes nas quinze portas que precederam a esta. **Ọfún Méji** é Aquele que gerou todos os gênios que O precedem, é a reunião de todos os demais que Nele habitam e que Dele se dissociam apenas de forma ilusória. Conhecê-Lo é conhecer todos os segredos do universo. É isto que buscavas, oh **Ọrúmìlà!** Domina-O e toma para Ti a bela donzela chamada Sabedoria. Toma-a para Ti e possua-a para todo o sempre, pois agora és **Ifá** e nada pode mais que Tu.”

Ìtan 26

O pequeno vence o grande pela astúcia

Pássaro muito pequeno e de penas acinzentadas, **Tìtigòtín** = ‘O pequeno que confunde usando a violência’ é uma ave muito malvada e astuciosa. Ele afirmou que poderia enfrentar o elefante **Ijìnakú** e vencê-lo. Só não avisou, é claro, que o combate seria astucioso. Espantado com tamanha ousadia, **Ijìnakú** = ‘Aquele que morre de medo ao ser chicoteado, flagelado’ (ver **Ìjòba Ọrun/(Oṣàgiyàn** e Simbologia/**Patiyẹ**) – indagou ingenuamente: “Como poderás, pequeno como és, ocasionar-me algum dano, chegando ao ponto de me derrotar?”... O pássaro,

no entanto, continuou a afirmar que podia derrotar **Iḡḡḡḡḡ** que, para não ficar desmoralizado, teve que aceitar o desafio. **Tìtigòtín** ainda fez gozação, aconselhando o elefante que se alimentasse bem, a fim de que ele não encontrasse desculpas para seu fracasso.

Antes da data marcada para o combate, **Tìtigòtín** reunira algumas pedras vermelhas (em outra briga sua, ele usou **osùn**), transformou-as em pó, que misturadas com água produziram um líquido pastoso, muito parecido com sangue, o qual foi guardado numa **àdó kékeré** (pequena cabaça onde se guarda pós e remédios); recolheu pedaços de calcário (**ẹfun**) do barranco de um rio e produziu uma pasta branca ainda mais espessa, que guardou em outra cabaça; misturou pó-de-carvão vegetal com água, fabricando uma pasta negra, guardada numa terceira cabaça.

O rei daquele país, **Dādā Ẹ** = 'Aquele que age com bondade', foi para o lugar da luta visando fazer com que o pequeno animal desistisse do previsível embate fracassado. Inútil! **Tìtigòtín**, ainda mais envaidecido com a presença do rei, solicitou-lhe que autorizasse o início da luta. O rei não teve outra saída a não ser autorizar o combate. **Tìtigòtín**, então, munido de suas três cabaças, pousou na cabeça do elefante que se pôs a rir, sacudindo a tromba para afugentar o astuto passarinho, que com muita agilidade se livrava dela facilmente. As violentas pancadas que o elefante deferia com a tromba, terminavam por atingir ele mesmo que, irritado, seguia desferindo golpes cada vez mais violentos.

Em determinado momento, **Tìtigòtín** derramou sobre a cabeça do elefante o líquido vermelho que tinha guardado e foi dizer ao rei que **Iḡḡḡḡḡ** estava acometido de forte hemorragia, pro-

veniente de um grande ferimento no alto da cabeça. **Dādã Şe** julgou ser sangue o que viu na cabeça do elefante e perguntou: “Como pudestes ser tão gravemente ferido por um passarinho tão pequeno?”... **Ijìnakú** não sentia nenhuma dor, então passou a tromba sobre a cabeça e ao vê-la suja de líquido vermelho também pensou ser sangue. Ficou mais furioso e retornou ao combate. Todos estavam indignados com tamanha vergonha. **Tìtigòtín**, orgulhoso, gritava: “Renda-se **Ijìnakú** ou racharei seu crânio e seu cérebro será espalhado pelo chão!” O elefante gritava: “Jamais!” A luta prosseguia cada vez mais violenta. Era chegado o momento de **Tìtigòtín** derramar sobre a cabeça de **Ijìnakú** a pasta branca da segunda cabaça e Ele alertou ao bondoso rei que o cérebro de **Ijìnakú** já começava a escorrer através do ferimento. **Dādã Şe**, vendo a pasta branca escorrendo da cabeça de **Ijìnakú**, implorou ao elefante que se rendesse, pois seu cérebro já estava prejudicado. **Ijìnakú**, sem entender o que acontecia, já que não sentia nenhuma dor, insistiu em continuar a luta, mesmo tendo a visão prejudicada pela pasta que já lhe penetrava os olhos. **Ijìnakú** continuava a flagelar-se com golpes cada vez mais violentos, vindos de sua própria tromba. **Tìtigòtín** decidiu acabar com a luta, derramando a pasta negra da terceira cabaça sobre a cabeça de seu adversário e, chamando o rei, continuou com sua trapaça: “Veja, ele não aguenta mais! Seu sangue, seus miolos e tudo o que escorre de seu crânio estão completamente negros! É gangrena, sem dúvida! Isto é sinal evidente de morte e eu me nego a continuar a dar combate a um moribundo!”

O tolo elefante, sem nem mesmo desconfiar dos artifícios usados, desolado, lamentava sua morte premente. Muito envergonhado, pôs-se a bater a cabeça contra as árvores, até se ferir

mortalmente. O tolo elefante terminou por morrer de verdade e **Tìtigòtín** cantou:

- “**Tìtigòtín** ẹgẹ tẹ **Ijìnakú**. N’hu! **Gàngànràgã**. Mã ẹgẹ tẹ **gàngànràgã**. Mã ẹgẹ tẹ **gàngànràgã**. Mã ẹgẹ tẹ **gàngànràgã**” = **Tìtigòtín**, o pequenino, armou uma cilada e esmagou **Ijìnakú**, O Grande e Pesado. Eu posso armar uma armadilha e esmagar os poderosos. Eu posso armar uma armadilha e esmagar os poderosos. Eu posso armar uma armadilha e esmagar os poderosos.

Ìtan 27

Relação de **Eḡḡḡḡḡ** com **Àbíkú** (ver **Ijọba Ọrun/Àbíkú**)

Consultaram **Ifá** para **Elérè-M’ojú** = ‘Aquela que fica de olho no filho que é **àbíkú**’, mãe de **Àgbónirégún** = ‘Pessoa exasperada, irritada, porque quer ir-se embora para viver com os espíritos’. Ela estava enfrentando problemas para propiciar boa sorte a seu filho. Foi dito para ela sacrificar duas galinhas, duas pombas e trinta e dois mil búzios como oferenda ao **Ifá** de seu filho. Ela obedeceu e a vida dela e a de **Àgbónirégún** tornou-se próspera.

Ìtan 28

Relação de **Eḡḡḡḡḡ** com **Àbíkú** (ver **Ijọba Ọrun/Àbíkú**)

Eḡḡḡḡḡ consultou **Ifá** para **Elérè-m’ojú**, mãe de **Àgbóni-**

régún, e foi dito para ela que os **ikin** (coquinhos de dendê), filhos de **Òrúnmìlà**, iriam ajudá-la, caso ela sacrificasse uma cabra ou uma galinha, um preá e dezessete qualidades de folhas de **Ifá**, com as quais deveria ser feito **àgbo** (cocção vegetal) para lavar a cabeça.

Ìtan 29

Àbíkú tem muitos filhos

Três **babalawo** consultaram **Ifá** para **Àgbónirégún**. Disseram que se ele fizesse o sacrifício seria abençoado com tantos filhos que nem ele mesmo conseguiria contar, isto durante a vida e até após sua morte. **Àgbónirégún** sacrificou uma cabra e cozinhou folhas de **Ifá**, entre elas **şaworo** (*Cardiospermum grandiflorum*), para sua esposa comer. A mulher que não têm filhos e deseja tê-los deve comer a sopa diante do **ojúbo** (altar) de **Ifá**.

Ìtan 30

Banana-da-terra sofre ingratidão do fazendeiro

(ver **Èda-Ewéko/Ògèdè-Àgbagba**)

Èjonile consultou **Ifá** para **Àgbè** (fazendeiro), que disse que alguém lhe faria uma gentileza e que Ele corria o risco de retribuir com ingratidão. Por isso, ele deveria ofertar um facão e uma escada. **Àgbè** não fez a oferenda e terminou por decepar todas as bananeiras que tinham sido tão generosas com ele. Por ter sido ingrato, desde esse acontecimento, **Àgbè** passou a sofrer ingratidões diversas.

Ìtan 31

Morte causa pânico na cidade

(ver Ìjọba Ọrun/Ìkú)

Morte estava causando pânico em uma cidade e procurava um homem branco para levar Consigo. Quando o homem branco soube de tal notícia, tratou logo de untar o corpo com uma pasta de jenipapo verde, misturada com pó de peixe bagre (Ìtan 40). Durante oito dias ele passou a pasta no corpo. Quando Morte encontrou o homem não o reconheceu, pois ele não estava branco.

Ìtan 32

Cajazeira brota e renasce

(ver Èda-Ewéko/Èkíkà)

Recomendaram que as árvores fizessem um sacrifício, a fim de que não fossem derrubadas e morressem. Apenas Cajazeira o fez. Por isso, todas as árvores quando são derrubadas morrem, enquanto que a cajazeira brota e renasce.

Ìtan 33

Casal briga por falta de apetência sexual

Ifá foi consultado para um casal que vivia brigando por falta de apetência sexual. O casal foi aconselhado a sacrificar um preá, uma galinha d'angola, um casal de pombos, bananas-da-terra e amendoins. Eles fizeram o sacrifício e passaram a viver em harmonia.

Ìtan 34

Batata-doce quis vir para a Terra (ver Èda-Ewéko/Kúkúndùnkú)

Kúkúndùnkú = ‘Batata-doce’ quis vir para a Terra, como já tinham vindo antes **Iyán** (Inhame) e **Àgbado** (Milho). Para que tivesse o mesmo sucesso que Inhame e Milho, **Kúkúndùnkú** consultou **Ifá** que lhe aconselhou a fazer o seguinte sacrifício: oferecer quatro pombos, quatro **èkó** e muitos doces para **Oṣàlá**; quatro galos, **ãdùn** (milho verde picado e misturado com mel e azeite-de-dendê) e vinte e uma moedas para **Ògún**. **Kúkúndùnkú** dançou e cantou dizendo que podia fazer e refazer o sacrifício quantas vezes fosse necessário. Mas **Ifá** avisou: “Não há valor algum em repetir um sacrifício.” Quando **Kúkúndùnkú** começou a cantar, **Èṣu** pôs uma canção em sua boca:

- “A vida de batata-doce é tão doce quanto o mel. A vida de batata-doce é tão doce quanto o mel. Oh, **oríṣa**, deixe minha vida ser doce. Oh, **oríṣa**, deixe minha vida ser doce.”

Ìtan 35

Eṣonile consultou **Ifá** para Difamador da Casa, Para Difamador da Cidade e para **Òrúnmilà**

Eṣonile consultou **Ifá** para Difamador da Casa, Difamador da Cidade e para **Òrúnmilà**. Nesse dia foi dito para todos sacrificarem dentro e fora de suas casas: três pombos e três **èkó** para **Oṣàlá**; inhame assado, azeite-de-dendê e dezesseis moedas para

Ògún. Difamador da Casa e Difamador da Cidade não realizaram o sacrifício. **Òrúnmìlà** realizou o sacrifício e foi vitorioso sobre os inimigos de dentro e fora da casa e da cidade. **Òrúnmìlà** ficou muito feliz e começou a cantar e a dançar em louvor ao **awo**. Foi **Èṣu** quem pôs a canção na boca de **Òrúnmìlà**:

- “**Elénìní ilé, elénìní òde o. Elénìní ilé, elénìní òde o. Kíni m’òrà lowo ni? Elénìní ilé, elénìní òde o**” = Difamador da Casa, difamador na rua. Difamador da Casa, difamador na rua. O que eu comprei dos ricos? Difamador em casa, difamador na rua.

Ìtan 36

A recomendação dada pelo jogo divinatório,
é o que há de mais importante

Òrúnmìlà diz:

- “As coisas devem ser feitas pouco a pouco. Deve-se medir o comprimento e a largura. A mão alcança mais alto do que a cabeça. As folhas mais novas da palmeira se elevam mais que as folhas mais velhas. Nenhuma floresta é tão densa a ponto de não deixar a árvore **ìròkò** ser vista. Nenhum instrumento soa tão alto a ponto de impedir que se ouça o som do **agogo**.”

A garça real cinzenta diz:

- “O meu é importante! O meu é importante! Então, de quem é o assunto mais importante? O assunto mais importante é, claramente, o assunto de **Ifá**. Sem dúvida! O

espinheiro **okán** (planta rasteira e espinhosa usada na medicina) brota abundantemente e acaba por alcançar o caminho. Entretanto, o assunto mais importante é o assunto de **Ifá**. **Okán** cresce profusamente e quase que impede o caminho. Entretanto, o assunto mais importante é o assunto de **Ifá**.”

Eu digo:

- “É pedaço por pedaço que se come a cabeça do peixe. Aquela que morava no mar e aquela que vinha da lagoa eram as mais importantes da cidade de **Ìfẹ́**. Não somos tão grandes quanto o elefante nem tão resistentes quanto o búfalo. A faixa de pano usada por dentro não precisa ser tão vistosa quanto a que é usada por fora. Nem um colar é tão longo quanto o colar de **Yẹmidérégbẹ** = Aquela que através de uma respiração adequada, atinge a sublimação, a divindade do mar.”

Ìtan 37

As Sortes encontram **Òrúnmìlà**

No **Òrun**, **Ejọnile** consultou **Ifá** para: **Ajé** = ‘Poder do dinheiro’ (ver **Ìjọba Òrun**), filha de **Olokun**; **Okun** = ‘Força/Habilidade’, filha de **Oníkánpa** = ‘Senhor que quebra e mata’; **Ìdẹ́** = ‘Maturidade’, filha de **Onírapa** = ‘Senhor que apaga o fogo (acalma)’; **Èşu Ìyāláyālá** = **Èşu** Avô, filho de **Onirapa** = ‘Senhor que amarra e mata’.

Todos, juntamente com sessenta escravos de cada, estavam

saindo do **Òrun** e vindo para o **Àiyé**. Eles foram aconselhados a sacrificar um pombo e cobrir Suas cabeças com Seus **òjá fun-fun** (turbantes brancos) para evitar a morte. Todos fizeram o sacrifício, exceto **Èṣu Ìyālayālá**.

No **Àiyé**, um grande **babalawo** de **Ègba**, chamado **Mọrere** = 'Aquele que rompe o dia com bem estar, prosperidade e saúde', consultou **Ifá** para **Òrúnmìlà**, pois Ele lamentava não ter sorte na vida. **Òrúnmìlà** foi aconselhado a sacrificar um preá, um cabrito, cento e sessenta búzios, os quais deveriam ser amarrados no pescoço do preá e entregues para **Èṣu**, a fim de que quatro grandes sortes chegassem até Sua casa. Ele não fez o sacrifício.

As quatro sortes e mais seus duzentos e quarenta escravos chegaram à encruzilhada que une o mundo invisível ao visível, mas não sabiam o caminho para a casa de **Òrúnmìlà**. **Èṣu**, que não estava satisfeito por não ter recebido Sua oferenda, apareceu e perguntou para onde as sortes e seus escravos estavam indo. Ficou sabendo que seguiam para a casa de **Òrúnmìlà**. Ele, então, disse que **Òrúnmìlà** tinha morrido. Todos ficaram desolados. Sem saber o que fazer, os escravos puseram as bagagens no chão. Eles já haviam viajado por cento e vinte dias e não sabiam onde encontrar forças para retornar ao **Òrun**.

Èṣu Ìyālayālá, considerando-se certo, lembrou aos companheiros que Ele tinha avisado para que não fizessem sacrifício com Seus **òjá**, pois agora não tinham como dar cabo de Suas vidas. **Èṣu Ìyālayālá** se enforcou com Seu turbante. Ficaram as três sortes e seus escravos sentados junto às bagagens, pensando em uma solução para o problema: as Sortes não tinham turbantes para se enforçar.

Èṣu se transformou em um jovem e foi cobrar de Òrúnmìlà Seu sacrifício, a fim de que as Sortes que estavam a caminho de Sua casa pudessem chegar. Como Èṣu sempre comeu com Òrúnmìlà, Este disse que não Lhe daria nada. A mulher de Òrúnmìlà, sabendo das consequências desse ato, pediu a seu marido que cedesse. Òrúnmìlà deu, então, tudo o que cabia a Èṣu e ainda deu um galo a mais. Ele cedeu contrariado e, por isso, atirou a oferenda em Èṣu, que caiu mas logo se levantou e disse: "Farei a folha verde secar, pois se eu não comer não permitirei que ninguém coma."

Transformado em uma criança, Èṣu foi encontrar-se com as sortes e seus escravos, para quem mentira anteriormente dizendo que o Senhor de Ifá havia morrido. Lá chegando, encontrou todos desolados dizendo que estavam ali há três dias, pois um homem velho Lhes dissera que Òrúnmìlà estava morto. Fingido indignação, Èṣu falou: "Maldito o velho que disse isso! Estou vindo da casa de Òrúnmìlà e acabei de ganhar de Suas próprias mãos este colar de búzios." Èṣu conduziu todos até a casa de Òrúnmìlà. Primeiro entrou 'Poder do Dinheiro' (Ajé), seguida por 'Força/Habilidade' (Okun) e 'Maturidade' (Ìdẹ), mais todos os escravos e carregamentos trazidos por eles. Òrúnmìlà recitou: "Ajé entrou em casa. Òṣun veio atrás. Ìdẹ também entrou."

Ìtan 38

Afinidade entre Òrúnmìlà e Èṣu

"Quando a afinidade com um amigo é grande, ele é considerado um parente."

Pónrinpón Şigidi = 'imagem sagrada de barro que tem o poder de proteção, vingança e castigo, mas que lisonjeia e faz rir' é o divinador da Floresta; **Ọgògórọ** = 'Aguardente feita de denzeiro saboreada por **Èşu**' é o divinador de **Ijamọ**. Eles consultaram **Ifá** para **Ọrúnmilà** no dia que Ele se tornaria o melhor amigo de **Èşu**. **Ifá** disse: "Para o melhor amigo de **Èşu** não faltará prosperidade." Ele recitou:

- "Èşu, eu vim para ser Seu melhor amigo. Não permita que me falte prosperidade. Para o melhor amigo de **Èşu** não faltará sorte no amor. Para o melhor amigo de **Èşu** não faltará fertilidade. **Èşu**, eu vim para ser Seu melhor amigo. Não permita que me falte qualquer tipo de sorte."

Ìtan 39

Eşinşin Èfọn obtém sorte

Jí fowó ràwọ = 'Aquele que usa espanador para fazer dinheiro vir à tona, a fim de fazer compras' consultou **Ifá** para **Eşinşin** = 'Vespão' quando Ele não prosperava, não tinha sorte no amor, nem fertilidade. **Eşinşin** foi aconselhado a fazer **ẹbọ** com dezesseis preás, dezesseis peixes, dezesseis **atãre**, carne-de-porco, dezesseis **obì**, dezesseis **orógbó**, **şẹketẹ** (bebida fermentada feita com milho) e um **ìrùkẹrẹ** (símbolo de poder usado pelos sacerdotes e reis, é um cetro feito com cauda de cavalo ou antílope). Para facilitar ainda mais a solução de seus problemas, **Eşinşin** deveria providenciar tudo o que serve de sacrifício para **Ifá** e cultuá-Lo. **Eşinşin** obedeceu e obteve todas as sortes que desejava.

Ìtan 40

Filho é a motivação da vida O jovem insensato é salvo pela experiência do mais velho

Não há como negar a origem: quando o filho é gracioso, o encanto que desperta nos pais não pode ser transferido aos pais de outros, não dá para dizer que o filho não é nosso; do mesmo modo, quando o filho comete um erro, o erro do filho serve para mostrar sua origem.

O filho de **Òrúnmìlà**, **Ondẹ̀şẹ̀roro Okeapó** = 'Aquele que usa uma grande sacola para ir ao mercado ofender e é atingido por armadilhas armadas', foi ao mercado para xingar Morte, Doença, Intriga e Insucesso. Ele achava que não seria punido por isso. Todos ficaram inconformados com a insensatez do filho de **Òrúnmìlà** e perguntaram onde morava o pai daquele jovem atrevido. Responderam: "Em **Òkè Igbetí**", onde se chora na montanha.

Morte, Doença, Intriga e Insucesso olharam para o insensato filho de **Òrúnmìlà** e deixaram uma marca para se vingarem dele depois. Como essa marca só poderia ser vista por pessoas portadoras de grande força espiritual, ele não se deu conta dela, mas quando chegou à casa de seu pai, **Òrúnmìlà** logo reconheceu o sinal negativo e ficou preocupado. **Èşu** veio em socorro do amigo para alertá-Lo de que no dia seguinte, os insultados viriam vigar-se de Seu filho. **Èşu** O aconselhou a providenciar bastante **bùjé** (tinta para fazer tatuagem), ou pasta de jenipapo verde misturado com pó de peixe bagre (**Ìtan** 31), para que durante oito

dias **Òrúnmìlà** pintasse Seu filho, de modo que ele ficasse irreconhecível.

Quando Morte, Doença, Intriga e Insucesso chegaram à casa de **Òrúnmìlà**, contaram-Lhe o ocorrido e avisaram que tinham ido buscar Seu filho para matá-lo. **Òrúnmìlà** disse que era justo procurarem reconhecer quem os tinha xingado. Todos os filhos de **Òrúnmìlà** foram chamados, mas nenhum foi reconhecido. Sem poder reconhecer quem os tinha ofendido, Morte, Doença, Intriga e Insucesso foram embora, sem vingarse do jovem insensato.

Ìtan 41

Ifá ensina vários ẹbọ

Ifá divinou para **Alámìni**= ‘Ser significativa e notável’. **Ifá** disse que ele nasceu com sorte. Entretanto, **Alámìni** lamentava a ausência de sorte em sua vida e por isto buscou novamente **Ifá**, que Lhe recomendou fazer ẹbọ para **Ajé, oríṣa** da sorte e da fortuna.

Ejisēdilè = ‘Chuva que, por longo período, atrai encantamento e poder, Senhor da Procriação’, reclamava por Lhe faltar fertilidade. **Ifá** indicou que ele fizesse ẹbọ para **Òṣun, oríṣa** da fertilidade, que tem como símbolo o **idè**, a braçadeira da amarração.

Ifá também divinou para **Tanmilāre** = ‘Aquele que se engana e se agita, por achar que têm direitos’. Ele lamentava a falta de dinheiro. **Tanmilāre** queria as coisas fáceis, sem fazer esforço. **Ifá** mandou que ele fizesse oferenda às **Ìyámi**, com intestinos

e asas das aves sacrificadas, colocando bastante azeite-de-dendê em cima, e que ele despachasse tudo na forquilha de uma árvore.

Para **Èlérímasà** = ‘Aquele cuja força e defesa vêm do fato de ser **abíku**, **Ifá** mandou fazer oferenda a **Şàngó**, no quintal de sua casa, a fim de vencer seus inimigos. A oferenda consistia em **gbègìrì** cozido com **òkúta** (pedras) e mais um **àkúko** (galo). Durante cinco dias, **Èlérímasà** deveria levantar-se bem cedo e falar em voz alta o seguinte encantamento, para adquirir força advinda do próprio “**Şàngó: Tani nperi re, oḃa. To ko peri re àlá dà. Tani nperi re, oḃa. Ifá ni o dí àrun**” = Quem está desejando mal a alguém vai embora, rei. Quem está desejando mal a alguém, não alinha a parte espiritual e não realiza o sonho de ser aceito. Quem está desejando mal a alguém vai embora, rei. **Ifá** diz que ele fica envolvido em doença.

Foi feito um jogo para **Olofá** = ‘Senhor da Flecha’. **Ifá** disse que ele fizesse um **oḃo** para **Òşósi** e a ele juntasse seis flechas, pois precisava vencer os muitos inimigos que tinha.

Olúfón era uma pessoa pública, o que Lhe gerava aborrecimentos diários. Para que esse problema deixasse de acontecer, **Ifá** aconselhou **Olúfón** a fazer **oḃo** para **Èşu Ódára** = ‘Èşu que é esperto’, juntando um **ógo** (pequeno bastão nodoso, usado por **Èşu** como defesa), a ser despachado na encruzilhada.

Para **Èşu Akésã** = ‘Aquele que favorece, colocando a pessoa em alto grau’, o jogo divinatório indicou que um **oḃo** fosse oferecido ao próprio **Ifá**, a fim de que **Akésã** voltasse a ter dignidade e domínio sobre as coisas. Pois quando comportamento e postura faltam ao homem ou à mulher, deverá ser feita oferenda a **Ifá**.

Awo = 'Observador' era um ser notável, mas lhe faltava sorte. Ele a via passando por sua porta, mas nunca entrava. Ele foi, então, aconselhado a oferecer carne de paca cozida bem temperada a **Ifá**, para que segurasse a sorte.

Qkànlà = 'Coração Puro', o único a sobreviver entre vários, revelou-se e sobressaiu-se entre todos. **Ifá** mandou que ele fizesse **ẹbọ** para seu "Eu Duplo", a fim de que ele se tornasse um indivíduo, um ser inteiro.

Palavras de **Ifá**:

- "Quando eu acordo de manhã e ponho roupa preta, eu consigo vencer o homem baixinho preto; Quando eu acordo e ponho roupa vermelha, sou saudado como 'aquele que tem uma só morada'. Quando ponho roupa branca, sou saudado como 'aquele que se veste de branco e se mostra com muita elegância e é bonito como o céu'. Quando **Ifá** acorda de manhã, tudo de bom acorda com Ele; quando Ele fica nu, é chamado como Aquele que anda nu com muita elegância, muita beleza e muita firmeza, pois, mesmo andando nu, Ele traz Sua majestade. Quando uma pessoa vai fazer uma escavação, tem que começar pelo começo da terra. Tudo que se faz na vida tem que ser feito pela base."

Ìtan 42

Em quantos dias uma predição se concretiza

Sapo, Camaleão e Cabra eram escravos de **Oṣàlá**. Eles fugiram. O Camaleão foi para a árvore **odán**, Sapo fugiu para o banheiro

e Cabra para o celeiro. **Oṣàlá** procurou Seus escravos por todos os lugares, mas não os encontrou. Foi, então, aconselhado por **Òṣun** a procurar **Òrúnmílá**, a fim de fazer um jogo divinatório. **Ifá** Lhe disse: “Ofereça, em três lugares diferentes, água quente, fibra de milho e um pano vermelho.” **Oṣàlá** deu a **Òrúnmílá** trinta e dois mil búzios, obedecendo à Lei Universal da Troca, e saiu para fazer o sacrifício. Quando a fibra de milho foi colocada sobre o celeiro, Cabra começou a berrar. Quando o pano vermelho foi posto sobre a árvore **ódàn** (ver **Èda-Ewéko**), Camaleão ficou com a mesma cor do tecido e apareceu. Quando a água quente foi posta no banheiro, Sapo pulou. **Oṣàlá** achou que tinha sido **Òrúnmílá** quem tinha roubado e escondido Seus escravos. Entretanto, **Òrúnmílá** negava com firmeza a injúria e a ingratidão que estava sofrendo. Ele falou: “Conforme eu disse ao rei de **Ara**, conforme eu disse ao rei de **Ìjerò**.”

Naquela época, as predições de **Oṣàlá** não se concretizavam e as de **Òrúnmílá** não ocorriam no mesmo dia. **Oṣàlá** recebeu um dia de poder de **Òrúnmílá**, que já tinha recebido o poder de nove dias, de sete dias e de três dias. A predição de **Oṣàlá** não ocorre mais no mesmo dia. E isso é **Eḡonile**. “A sabedoria de uma criança é seu problema. A garganta de um divinador é seu agente de publicidade.”

Ìtan 43

Oríṣa Okó (ver **Ìjoba Òrun**), o fazendeiro entalhador de pênis

Aroḡbégbé Àgutanlà sofria de impotência. Foi indicado que ele deveria oferecer suas calças, um pombo e uma galinha, dan-

do em troca por esta orientação trinta e dois mil búzios. Ele não fez o sacrifício e não conseguiu fazer sexo com suas oito esposas. Envergonhado, **Arọgbégbé** foi para a fazenda, entalhou um pênis de madeira e o pendurou na parede. Todos os dias ele ficava em frente a esse pênis, reverenciando-o. Só depois desse ritual ele seguia para a mata a fim de realizar seu trabalho. Ele fazia seu trabalho. Ele caçava na floresta. Ele era caçador. Ele caçou, caçou e depois chegou sua hora de trabalhar na cidade. Disseram que ele não voltaria. Ele disse: “Qualquer um que me chame desejando filhos, que sacrifique para essa tora.” Esse é o bastão de **orísa Okó**. Ele é chamado **orísa** que é um pênis (**okó**). **Àgutanlà** = ‘Sua pureza faz partir o coração’ foi Seu nome e Ele se chamava também **Arọgbégbé** = ‘Aquele que é murcho para dar a luz’. Foi assim que **Àgutanlà Arọgbégbé** passou a ser chamado de **orísa Okó**.

Ìtan 44

A pomba se torna um animal doméstico

(ver Èdá-Èlẹmi/Èiyelẹ)

Orísa diz que se deve fazer sacrifício para ter onde morar. Pomba Doméstica e Pomba Selvagem [**ori-oriri** (juriti)] eram irmãs e amigas. A mesma mãe deu nascimento a elas, que choravam por não ter um lugar para morar. Foram aconselhadas a, cada uma, oferecer suas esteiras e as roupas do corpo, além de trinta e dois mil búzios, a fim de que tivessem uma casa onde pudessem criar seus filhos. Pomba Doméstica ofereceu os sacrifícios para atrair filhos e para ter onde morar. Pomba Selvagem só fez o sacrifício para atrair filhos. Os dois animais se foram. Quando

os fazendeiros vieram, **Èṣu** não deixou Pomba Doméstica voar. Pomba Selvagem fugiu para o topo da árvore. Os fazendeiros pegaram Pomba, examinaram e disseram: “Este é um bom animal para cuidarmos”. Eles começaram a tratar Pomba como um animal de estimação: deram-lhe milho amassado e a levaram para morar em uma cabaça. Ela teve dois filhos. E dois dias depois teve mais dezesseis. Os fazendeiros disseram que a cabaça era pequena demais para ela e decidiram levá-la para casa, pois acharam que ela não era ave de fazenda. Pomba Doméstica passou a ser chamada de ‘Aquela que chega e é respeitada’.

Quando Pomba Selvagem pôs seus ovos, **Èṣu** os viu e disse: “Vocês fazendeiros veem aquela que fez seu ninho com coisas dos fazendeiros?” Então Pomba Selvagem foi para outra árvore e pôs seus ovos em um lugar onde os fazendeiros não veriam. **Èṣu** disse: “Você, **Qya**, você os vê?” **Qya** balançou a árvore e os ovos de Pomba Selvagem caíram no chão. Quando Pomba Selvagem chegou e não achou seus ovos foi para o topo de outra árvore. Ela não achava um lugar para morar. ‘Um vento forte não me deixa viver no topo das árvores’ e ‘Uma enxurrada não me deixa viver no chão’ foram os divinizadores de Pomba Doméstica e Pomba Selvagem. Assim a pomba veio a desfrutar a vida, enquanto a pomba Selvagem não tem onde morar.

Ìtan 45

Os **oríṣa** são jogados por Cabeça nos reinos onde deveriam ser cultuados

“**Oluwára** tem a cabeça dura como ferro, ‘Os coquinhos de **Òsányìn** vêem o sol, mas não quebram’ e ‘Mulheres briguentas têm filhos com dificuldade’ foram os divinadores de A cabeça é o melhor defensor, filho de **Māgalà** = ‘Aquela que usa uma coroa de búzios.’

Dinheiro não tinha marido para conversar. Buscou, então, os divinadores para saber o que fazer. Eles disseram para ela falar com Cabeça e levar dois **obì**. No caminho, Dinheiro encontrou os dezesseis deuses. Ela passou no meio Deles, que não gostaram nada da atitude de Dinheiro.

Ògún disse: “Você, mulher, passa e não Nos cumprimenta?” **Ògún**. Então, arrancou os **obì** da mão de Dinheiro, pegou um deles e o jogou inteiro na boca. O outro **obì** Ele deu a **Olófin**, que estava sentado com Cabeça. **Olófin** agradeceu, mas Cabeça disse: “Quem tirou os **obì** de Dinheiro?” **Ògún** disse: “Eu”. Ao que Cabeça retrucou: “O que mostra o quão estúpido você é por fazer isso.” As duas divindades começaram a lutar e Cabeça atirou **Ògún** em **Ìré**. Os outros **oríṣa** entraram na briga: **Okó** foi jogado em **Irawo**; **Ifá** em **Àdó**; **Ọya** em **Irá**; **Egungun** em **Ọje**; **Ọbaluaiye** em **Egun**; **Elegba**, em **Iworo**; **Ọbalufon** em **Erin**, **Şàngo** em **Koso**...

As divindades ficaram onde foram jogadas. No terceiro ano, elas foram juntas tirar satisfação com Cabeça, que disse: “**Òrúnmilà**, você está aí? Pensei que você fosse chamado de O pequeno que

vive de Sua sabedoria’?... Quando atirei vocês para os lugares onde ficaram, o que vocês tinham? Quem eram vocês antes? Agora, vocês são cultuados nestes lugares.” Os **oríša** concordaram que os lugares eram bons. Então, Eles entraram na casa de Cabeça, que Lhes deu comida e bebida. Eles comeram, beberam, dançaram e riram. **Oluwara Okun**, que tem a cabeça dura como ferro, cantou: “Oh, Cabeça é o melhor defensor.”

Ìtan 46

Palmeira se sente solitária e pede ajuda a **Ọdúndún** e **Tètè Gún**

Palmeira (ver **Ẹda-Ewéko**) chorava por fazer seus festivais solitariamente e por não ter filhos. Por isso pediu ajuda a **Ọdúndún** (ver **Ẹda-Ewéko**) e **Tètè** (ver **Ẹda-Ewéko**) que tem muitas sementes. Palmeira foi orientada a oferecer roupa preta, roupa vermelha, trinta e dois mil búzios, uma galinha e um pombo. **Tètè Gún** obedeceu. Antes, quando Palmeira engravidava, ela não conseguia parir. Depois que **Èṣu** cobriu seus filhos com a roupa vermelha, eles saíam e caíam no chão. Palmeira se tornou importante. Palmeira se tornou Aquela que tem muitos filhos, que frutifica. Palmeira fazia louvação dizendo: “O fruto da palmeira é sua glória. O filho é a glória de alguém. **Oríša** deixe-me ter glória na Terra.”

Ìtan 47

Eḡḡḡḡ ensina que não se deve ser ganancioso.
Sabedoria é o que se deve buscar

Quando a existência apenas começava, existia um ser chamado 'Se Viver Serei Rico', que era filho de 'Dono de Tudo'. Ele queria ter uma vida prazerosa e por isto buscou ajuda com três divinadores: 'Ensine-me como divinar e eu saberei como divinar', 'Ensine-me como pacificar os deuses e eu saberei como pacificar os deuses' e 'Ensine-me como prescrever sacrifícios e eu ensinarei como prescrever sacrifícios'. Eles orientaram 'Se Viver Serei Rico' a não ser ganancioso e também a servir aos mais velhos. Dentre esses mais velhos, teria um com quem ele deveria viver durante oito anos. Essa pessoa lhe ensinaria seu saber e, então, ele poderia ir viver com outras pessoas. O filho de 'Dono de Tudo' obedeceu e depois ele viveu com dezesseis pessoas na Terra, servindo a elas como um filho. Só depois dessa vivência, os divinadores disseram que ele deveria ir para casa e tornar-se herdeiro de seu pai. Todo saber que ensinaram ao filho de 'Dono de Tudo', quando a Terra estava recém-criada, ele transformou em dinheiro. Ele disse: "Você me ensinou. Eu não preciso de cabras, nem preciso de galinhas. Não busco dinheiro. Sabedoria é o que busco." É onde **oríṣa** diz que não se deve ser ganancioso.

Ìtan 48

Ejõnile ensina que se deve servir aos mais velhos com paciência.

Èşu serviu aos mais velhos,
Èşu foi paciente e adquiriu sabedoria

Três mil e duzentas divindades resolveram procurar **Oşàlá** para cada uma receber seus poderes. **Èşu**, que não tinha fazenda ou rio, nem trabalho a fazer, decidiu chegar lá antes das outras divindades, exatamente no momento em que **Oşàlá** estava esculpindo as pessoas. **Èşu** ficou esperando o Grande Pai, sem nenhuma pressa e sem nada pedir-Lhe. **Èşu** ajudou **Oşàlá** por dezesseis anos. Algumas divindades ficaram oito dias e então se foram. E outras ficaram apenas quatro dias. **Èşu** não se foi e aprendeu como o Pai fazia mãos, pés, boca, olhos... **Èşu** aprendeu tudo e **Oşàlá** Lhe disse: "Vá e se sente na encruzilhada. Todos que vierem a Mim, não os deixem passar. Não, sem que antes Lhe deem uma oferenda."

Èşu foi e se sentou na encruzilhada. Todos que iam ver **Oşàlá** davam algo a Ele. Todos que retornavam da casa do Grande Pai também davam algo a Ele. **Èşu** enriqueceu e disse: "Quem não tem cultura, vive de sua sabedoria; só os tolos não conseguem suas coisas."

Ìtan 49

Ejõnile demonstra a necessidade de se ter resignação

'Se não suportamos o sofrimento que enche um cesto, não receberemos os favores que enchem uma pequena cabaça de beber', foi quem divinou para **Òrúnmílá**, que ia iniciar **Èşu**.

Òrúnmílá não tinha dinheiro. Então foi dito que Ele deveria tomar dinheiro emprestado e depois penhorar **Amóşú** = 'Aquele que clareia o que está nublado', Seu filho, colocando-o para trabalhar para o credor, a fim de que a dívida fosse paga. Se Ele não iniciasse um de Seus filhos, não seria rico nunca. **Amóşú** foi levado para o Monte **Atokeroke**. Assim, **Òrúnmílá** pôde iniciar **Èşu**. **Òrúnmílá** depois curou o filho do rei de **Ara**, que tinha febre. E o mesmo aconteceu com o filho do rei de **Ìjerò**. **Òrúnmílá** ganhou dinheiro e enriqueceu, contando sempre com a ajuda de **Èşu**.

Ìtan 50

O porquê de **Ògún** vestir-se com **màrìwò**

(ver **Èda-Ewéko/Òpè**)

Eḡḡḡḡḡḡ mostra a impulsividade de **Ògún**

(ver **Ìḡḡḡḡ Ḳrun**)

e demonstra a necessidade de se ter paciência

'Não apresse algo que requer paciência' foi o nome do divinador dos seguintes **oríşa**: **Òrúnmílá**; **Ògún Onijáòlẹ** = 'Ògún que cria problemas através de malandragem'; de **Oşàlá Oşérégbó** = 'Oşàlá que tem maturidade para ser cordial com quem Lhe causa dano e Lhe ofende'. Eles desejavam ir ao 'Mercado de se suportar sofrimentos'. Esse mercado era, realmente, cheio de sofrimentos. Porém, uma pessoa capaz de suportar os sofrimentos e que fosse lá três vezes ficaria rica.

Òrúnmílá foi o primeiro a arriscar-se. Chegando lá encontrou Cabra coletando pedágio no portão. Ele se ajoelhou perante

Cabra, pagou o pedágio, voltou ao mercado mais duas vezes e enriqueceu. **Oṣàlá** também quis ir, mas **Òrúnmílá** O alertou: “Há sofrimento lá, realmente muito sofrimento.” **Oṣàlá** retrucou: “Eu suporto a todos. Sim, eu tenho paciência suficiente para criar vocês. Você terá mais paciência que eu?” **Oṣàlá** se foi e quando chegou lá encontrou Caramujo coletando pedágio no portão. O Grande Pai se prostou perante ele, pagou o que era devido e voltou ao mercado mais duas vezes. **Oṣàlá** encontrou riqueza.

Ògún também quis ir ao mercado. Foi dito para Ele não ir, pois era um tabu entrar no mercado levando faca ou bastão. **Ògún** disse que não quebraria o regulamento. Entretanto, não foi isso que fez. **Ògún** é impulsivo. Ele levou uma faca e um porrete escondidos e encontrou Cão, que era, agora, o porteiro do lugar. Cão fez como os outros fizeram, mas a atitude de **Ògún** foi diferente: Ele puxou Sua faca e decapitou Cão. Todos gritaram: “**Ògún** matou o porteiro, oh!” **Èṣu**, considerado dono dos mercados, pôs medo em **Ògún**. Ele correu para a floresta. Galhos e espinhos puxaram Suas roupas, que se rasgaram. Ele, então, cortou folhas de palmeira e se cobriu com elas. São as folhas de palmeira (**màrìwò**) que apertam **Ògún**. É a falta de paciência de **Ògún** que não O deixa descansar na Terra.

Ìtan 51

Ejònilẹ fala de impotência e ensina que tudo deve ser feito sem exagero

Ógò Téré = ‘Um saco de sal deve ser comido em pequenas quantidades’ estava lutando uma guerra de impotência com suas esposas. Ele foi a um divinador que lhe aconselhou a sacrifi-

car uma cabaça com água fresca, uma vara de ferro, suas próprias calças, trinta e dois mil búzios e uma galinha. **Ógọ Téré** cantou:

- “Comemos amendoins um a um; comemos nozes uma a uma; jogamos Rainhas Formigas uma a uma na boca. Algo **toriritoriri**, algo **toriritoriri**. Ele disse que nós demos à Rainha das Formigas Brancas um monte de cupins. Ele disse que nós demos a **Ọba Mòkì**, em **Ijare**. Então eles devem dar-nos algo **toriritoriri** de presente.”

Ìtan 52

Conspiração contra Montanha

(ver **Ìjọba Ọrun/Òkè**)

Quatrocentos e vinte enxadas, quatrocentos e vinte machadinhas, quatrocentos e vinte aves, oitocentos e sessenta ratos conspiravam juntos e declaravam guerra à Montanha, que não comia, nem bebia, mas era capaz de derrotar a todos. Montanha fez sacrifício e ofereceu uma enxada quebrada, trinta e dois mil búzios, dois pombos, duas galinhas e uma grande quantidade de feijão. **Èşu** adicionou, ainda, duas bebidas.

As aves que começaram a picar Montanha ficaram com seus bicos quebrados. Os ratos sangraram suas bocas. As machadinhas, ao golpearem Montanha, também se quebraram. Eles não podiam prejudicar Montanha. Todos foram derrotados, inclusive os quatrocentos e vinte vagabundos e os quatrocentos e sessenta camponeses.

Àjálù Gbóyìngbóyìn = 'Aquele que é louvado por evitar acidente, fazendo a pessoa ter vida longa' foi o divinador de Montanha, que pode viver com aves bicando e por isto diz:

- "Se durarem vinte anos, estou pronto para derrotar eles, **Gbóyìngbóyìn**. Montanha não morre. Se o ataque durar mil anos, eu estou pronto, **Gbóyìngbóyìn**."

Montanha tem vida longa. Recebeu bênçãos de longevidade.

Ìtan 53

Ejònilé ensina a não se ser afobado e a exercitar a resignação perante os sofrimentos

Existia um ser chamado 'Pai que não pensa no desconforto, que não se importa com os sofrimentos e, assim, não perde bênçãos decorrente de afobação'. Os três divinos que fizeram jogo para esse ser chamavam-se: 'Uma floresta próxima à cidade coleta lixo', 'Um parceiro cultiva o sofrimento' e 'Um quarto que se divide cria vermes'.

'Pai que não pensa no desconforto' construiu uma fazenda e os outros iam comer com ele. Ninguém limpava nada, era ele quem fazia tudo. Isso acontecia repetidas vezes. Havia oito num único quarto. Eles lidavam uns com os outros como parceiros. Entretanto, era 'Pai que não pensa no desconforto' quem fazia todos os trabalhos: enrolava as esteiras, comprava e vendia... Os outros só repartiam os lucros. Eles davam ao Pai apenas o que eles queriam dar. Pai nunca brigou. Aos poucos, um a um dos parceiros foi indo embora. 'Pai que não pensa no desconforto' foi ficando

com as coisas do primeiro, do segundo, do terceiro, do quarto, do quinto, do sexto e do sétimo. Ele reuniu tudo e enriqueceu. Agradeceu muito pelas bênçãos de riqueza e por ter aprendido a tolerar o sofrimento.

Ìtan 54

Os inválidos que não sacrificam morrem

Montanha, que tinha um pé, fazia fronteira com Floresta. “Dois a dois eu ajudo as pessoas, não ajudo uma pessoa só” foi o divinador de Floresta. Ele foi também o divinador de Rio, que tinha uma só margem, e o divinador de uma gestante de **Ìfẹ**. Todos fizeram **ẹbọ** juntos. Perguntaram-lhes onde eles tinham se encontrado. Cada um respondeu por sua vez: “Eu o encontrei na fronteira da floresta”; “Eu o encontrei no pé da montanha”; “Eu o encontrei na margem do rio”. A gestante de **Ìfẹ** teve muitos filhos. Eles dançavam, riam e diziam: “Os inválidos que não sacrificam morrem. Os inválidos na cama não conhecem o sacrifício, pois se conhecessem, levantariam da cama.”

Ìtan 55

Òṣun (ver **Ìjọba Ọrun**) encontra duas bênçãos: uma fora de Sua cidade e uma em Sua casa

‘Está escuro e as árvores são silenciosas nas fazendas,’ ‘Aquele que derrama vinho de palmeira deve prestar atenção quando escala com uma corda,’ ‘Uma criança pequena está olhando para uma

vida' foram os divinadores de **Otolo Efon –Òşun** –. Eles disseram que Ela encontraria duas bênçãos: uma bênção fora dos muros da cidade e uma bênção em casa. É aqui que **Ejõnile** fala de **Òşun**, que ia viajar e queria trazer dinheiro na volta. Para tanto, foi indicado o seguinte **ẹbọ**: dezesseis mil búzios, quatro pombos, quatro galinhas e a roupa que usava no dia. Ela fez o sacrifício. Quando voltou, engravidou e teve dinheiro.

Ìtan 56

Oşàlá se casa com **Òşun** e A livra da falsidade de Morte

Ololo-ololo, o abutre, vinha para o **Àiyé**. **Akala Cinza** ia para o **Òrun**. Eles lamentavam ter que sair do lugar onde estavam. Eles divinaram para **Erinjálo** (nome dado a **Oşàlá**, significando 'Elefante Livre'). O Grande Pai queria casar-se com **Òşun** – A dona da água fria –. Ele queria saber o que fazer para ter um bom casamento, onde Sua esposa não morresse e Lhe desse filhos. Ele perguntou e ofereceu trinta e dois mil búzios, um pombo e uma galinha. **Oşàlá** casou com **Òşun**. Ele disse: "Falsidade da morte é um tabu de **Ìfé**." O Grande Pai não deixou que Morte levasse **Òşun**. Ela teve longa vida, como predisse **Ejõnile**.

Ìtan 57

Òrúnmilà toma uma **àbíkú** por esposa

'O buraco da agulha não produz secreções,' 'Um grande banheiro não guarda uma canoa,' 'Um capacho redondo puxa as pessoas para a esteira' foram os divinadores de **Òrúnmilà**, que ia tomar

uma **àbíkú** por esposa. Ele queria saber o que deveria fazer para que Sua esposa não morresse. Os divinadores disseram que ela não morreria, caso Ele sacrificasse para Seus apetrechos de divinação: dezesseis mil búzios, um pombo e dois ratos. **Òrúnmìlà** coletou o sacrifício e ofereceu. Quando acabou, Ele se casou com a **àbíkú**. Como ela já tinha morrido antes, não morreria novamente. **Òrúnmìlà** disse: “Tornou-se uma folha de **koro**. Eu deixo meus problemas para meus coquinhos de palmeira.” Ele sacrificou para **Ifá**. Aonde vemos os velhos deuses, a bênção da longa vida é prevista.

Ìtan 58

Obì (ver **Èḡḡḡḡḡḡ**) resolve uma disputa sem permitir que haja guerras

‘O cão bebe água com a lateral da boca’, ‘A mosca não voa ao redor de uma cesta de contas’, ‘A tampa de uma cabaça não se senta direito’ foram os divinadores de **Aríran** = ‘Aquele que tem o poder de prever o futuro’, que chorava por causa de filhos. Mentirosos os **obì** virados para baixo, Traidores aqueles que clarearam os **obì**. Os homens honestos divinam com **obì** e obtêm bons resultados foi o divinador de **Ọjódù** = ‘Aquele que usa o tempo para recusar uma demanda’, filho de **Aríran** de **Ìfẹ**.

Aríran ia sair da cidade. Por isso lhe foi indicado oferecer dezesseis mil búzios, dois pombos e duas galinhas. Quando saiu da cidade, ele teve um filho, **Ọjódù**, e voltou para casa com ele. **Aríran** gerou outros filhos. Quando **Aríran** morreu, seus outros filhos disseram a **Ọjódù**: “O pai não gerou você”.

Ao que **Ọjódù** respondeu: “Ele me gerou”. O conflito estava formado. Oito gomos de **obì** foram usados para resolver a disputa. **Ọjódù** disse: “Você, **Aríran**, se é você que me gerou, deixe quatro gomos para cima e quatro gomos para baixo; se você não me gerou, deixe-os todos virados para baixo.” A resposta foi favorável para **Ọjódù**.

Ìtan 59

Uma boa cabeça escolhe um cônjuge
que gera prosperidade

Ọrúnmìlà desejava casar-se com Dinheiro. Ele queria saber o que fazer para se casar com Dinheiro, já que era muito pobre. Resolveu procurar um divinador e encontrou **Àdaba Kékéléké** = ‘Pomba-rola’ favorece a união com calma e prazer, que Lhe disse que oferecesse dezesseis mil búzios, um pombo, um rato e uma galinha. Também deveria oferecer Seu aparelho divinatório com comidas e bebidas. **Ọrúnmìlà** se casou com Dinheiro. Ele deixou de ser pobre e teve muitos seguidores, que comiam e bebiam em Sua casa.

Ọrúnmìlà louvava **Àdaba Kékéléké** (ver **Èda-Ewéko**) e cantava: “Não há terra onde **Ifá** seja desconhecido, Oh, **Ifá!** Oh, **Ifá** torna um menino um homem!” A esposa de **Ọrúnmìlà** ficou aborrecida por não ser louvada também e cantou: “Oh! Não. Ele não fala de mim que o fiz assim. Ele fala de si mesmo. Ele era assim antes que eu fosse a Ele?” Com Dinheiro aborrecida, **Ọrúnmìlà** voltou a ser pobre e resolveu de novo procurar o divinador que

Lhe aconselhou a louvar quem O tinha tornado rico. **Òrúnmìlà** cantou: “**Àdaba Kékéléké**, Oh! Não há terra onde Dinheiro não seja conhecida, Oh! Eu grito, Dinheiro, Oh! Dinheiro faz um menino se tornar homem.” **Òrúnmìlà** achou que enfim estava fazendo tudo certo. Entretanto, Sua cabeça disse: “Não! Como você teria se casado com Dinheiro se eu não Te sustentasse? Você não fala de mim, você só fala de si mesmo.” **Òrúnmìlà** quase entrou em desespero, mas resolveu retornar ao divinador que Lhe orientou mais uma vez. **Òrúnmìlà** cantou: “**Àdaba Kékéléké**, Oh, não há terra onde não se conheça Cabeça! Oh, grito! Cabeça, oh! Cabeça transforma um menino em homem!” Sua Cabeça disse: “Alguém disse a Ele”. E assim a vida ficou boa para **Òrúnmìlà**. É onde **oríṣa** diz: “Cabeça é quem deve escolher o cõnjuge.”

Ìtan 60

É aconselhável acreditar nos deuses

‘Pai bom para a dança’ e ‘Pai certo na luta, mas que antes de ir lutar, ele cai’ foram os divinos de ‘A dona da água fria’, que tinha um físico saudável, mas queria saber o que fazer para ter uma vida agradável. Pediram primeiro que Ela acreditasse em **oríṣa**. Depois, indicaram que Ela oferecesse dezesseis mil búzios e uma galinha; que tivesse uma roupa branca e um chapéu para usar, tudo muito bem limpo. A vida de **Òṣun** correu suave, suave, suave.

Ìtan 61

Ejõnile ensina que uma boa aparência gera prosperidade, mas que não se deve ter preconceitos nem se deve julgar os outros pela aparência

Os **awo** de Andarilho, que era um pobre divinador itinerante, foram: 'Pobreza não pega apenas uma parte do corpo', 'Sofrimento não afeta apenas uma parte do corpo', 'Se você vai vestido de pobre, se você entra na cidade com aparência de pobre, eles lhe darão água em qualquer cabaça velha'.

Andarilho ia a **Iwere** divinar. Ele jogou **Ifá**, mas não foi prescrito sacrifícios. Andarilho se vestia de trapos, por isto lhe deram água em uma cabaça velha qualquer. A vida do chefe de **Iwere** se tornou confusa e ele estava infeliz. Consultaram vários divinos. Nenhum resolveu os problemas do chefe de **Iwere**. O povo se perguntou: "Que divinador restou? Que tal Andarilho?" O chefe de **Iwere** mandou chamá-lo. Quando chamaram Andarilho, ele tinha aparência de louco. O chefe de **Iwere** não sentiu confiança naquele divinador: "É esse que vai consertar minha vida? Não o quero!" O povo disse: "Deixe-o tentar." Andarilho jogou e viu **Ejõnile**. Ele disse que fossem oferecidos trinta e dois mil búzios, dezesseis cabras, dezesseis pombos. O chefe de **Iwere**, ironicamente, disse: "Então, esse pobre homem quer que eu sacrifique tudo isso?" Ele não fez o sacrifício.

Andarilho seguiu para **Òyó**. Ele jogou para o rei de lá e indicou o sacrifício. O rei de **Òyó** ofereceu trinta e dois mil búzios, dezesseis véus, dezesseis pombos, dezesseis galinhas e dezesseis cabras. Andarilho passou a ter roupas. Ele ficou rico. Quando o chefe de

Iwere soube que **Ọyó** estava próspera e em harmonia quis saber quem tinha sido o responsável por tal façanha. Disseram: “Foi Andarilho”. Impressionado, o chefe de **Iwere** pediu que o chamassem. Andarilho disse que lhe respondessem que ele era importante demais para servir ao rei de **Iwere**. Andarilho era bom divinador. Ele não voltou a **Iwere**. **Ọyó** não teve rival porque não teve preconceito, não julgou pela aparência.

Ìtan 62

Caramujo toma terras e as expande

(ver Èḡḡḡḡḡḡ/Ìḡḡḡḡḡḡ)

Àtìbà = ‘Escada’ queria tomar as terras de **Àṣìpà** = ‘Assassinato Acidental’. Para realizar tal empreendimento, ele procurou os seguintes divinadores: ‘Leve-me à floresta e eu tirarei a floresta de seu dono’, ‘Leve-me ao rio e eu tirarei a terra fértil de seu dono’, ‘Aonde vou sou um bom homem’. Eles disseram a **Àtìbà** que sacrificasse trinta e dois mil búzios, dezesseis pombos, dezesseis galinhas e a roupa que vestia. **Àtìbà** fez o sacrifício e ainda ofereceu água fria e um caramujo. Eles não mataram o caramujo. Eles o puseram no alto do sacrifício e disseram: “Como o caramujo rasteja, assim você tomará terra.”

Se **Àtìbà** cultivava uma fazenda, eles levavam seus inhames. Se **Àtìbà** plantava milho, eles os levavam e assim era. Eles roubaram e roubaram **Àtìbà**. Entretanto, chegou o dia que **Àtìbà** se tornou poderoso e ultrapassou **Àṣìpà**. Todos respeitaram e confiaram em **Àtìbà**.

“Como o caramujo rasteja, assim você tomará terra.”

Ìtan 63

Os deuses se tornaram imortais,
pois passaram a ser cultuados

‘Uma sombra tremula, mas não cai’ foi o divinador que fez jogo divinatório para os dezesseis deuses, quando eles vinham do **Òrun** para **Àiyé**. Foi indicado que cada um oferecesse dezesseis búzios, dois pombos e duas galinhas. Só assim o povo cultuaria os deuses e Eles seriam imortais. Eles coletaram o sacrifício e ofereceram. Eles vieram para a Terra. Depois **Egungun** entrou no solo. **Orò** fez o mesmo. E todos os outros deuses. Eles se tornaram imortais e se tornaram deuses a serem cultuados.

Ìtan 64

Ejonile ensina a se ter paciência e perseverança

‘Sol, por favor, ponha-se para que não reclamemos do dia’ divinou para Pai **Rojúforítì** = ‘Aquele que tem aparência triste, é mal humorado, mas deve suportar e perseverar’, que era pobre e queria fazer com que sua vida fosse boa (**Rojúforítì**: Nome pessoal que significa paciência ou perseverança). Foi dito a ele que oferecesse trinta e dois mil búzios e um pombo. E ainda que ele fosse emprestar dinheiro. Pai **Rojúforítì** foi e emprestou dinheiro. Ao terminar de emprestar o dinheiro e oferecer o sacrifício, a força de **Èṣu** não permaneceu muito tempo na fazenda. Os reis de **Ara**, de **Ìjerò**, de **Orogun Aga**, de **Ìfé** e de **Òyó** chamaram Pai **Rojúforítì** para divinar. A todos ele indicou que trinta e dois mil búzios serviriam como oferenda. Pai **Rojúforítì** enriqueceu.

Ìtan 65

Cabeça escolheu todos os destinos para Ele

(ver Ìjọba Òrun/Orí)

‘Aquele que supera’ é divinador de Aquele que é superado; ‘Aquele que ajuda a vender é divinador de Aquele que foi ajudado a vender’. Eles foram os divinos de Cabeça, quando Este ia escolher Seu destino. Eles disseram que Cabeça deveria levar **àkarà ègúsi** (bolinho contendo oitenta sementes de melão) para **Olódúmarè**. Cabeça queria que as coisas Lhe fossem boas. Cabeça ofereceu o sacrifício e pacificou os deuses. Ainda ofereceu trinta e dois mil búzios, um pombo e uma galinha.

Oṣàlá deixou a fazenda de **Ìrànje** = ‘A descendência é vencedora’ e foi para a cidade. Ele encontrou Cabeça na estrada carregando o **àkarà ègúsi**. **Oṣàlá** pegou o **àkarà** e os colocou na boca. **Èṣu** disse: “Por que veio?” Cabeça respondeu que queria que Sua vida fosse boa. Então Lhe foi permitido que escolhesse todos os destinos e **Èṣu** trouxe água para o Pai. Pai acabou de beber a água e disse: “Quem levou os destinos embora?” **Èṣu** respondeu: “Foi Cabeça”. **Oṣàlá** disse: “Vá e O chame de volta.” **Èṣu** replicou: “Por que devo chamá-Lo? Cabeça não trocou **àkarà** por destinos?”

Ìtan 66

Èjọnile ensina a ter cuidado com a sedução e que muitas vezes é preciso sofrer danos para que uma luta acabe

Alafihàndùn = ‘Delicioso Sedutor’, filho de ‘Aquele que quer presente de volta’, ia tomar de empréstimo a esposa de um ami-

go para levar em viagem. ‘Se o dono não recebe danos, a luta não termina’ divinou para ele e o aconselhou a oferecer sacrifício, a fim de que a esposa do amigo retornasse. **Alafihàndùn** não fez o sacrifício e levou a mulher embora. Ele disse: “A mulher de meu amigo, aquela que levo comigo, quem a levará de mim?”

Anos se passaram e **Alafihàndùn** não voltou. Mais de dezesseis anos já tinham passado quando o amigo de **Alafihàndùn** foi procurar ele para perguntar sobre sua mulher. “O que aconteceu com nossa esposa?” – perguntou. **Alafihàndùn** disse que não a tinha visto mais. Seu amigo insistiu: “O que aconteceu com minha esposa? Eu a quero de volta!” **Alafihàndùn** não tinha feito o sacrifício. ‘Se o dono não tem prejuízos, a luta não termina’. Por isso não se empresta esposas para sair da cidade. **Ejónilé** é assim.

Ìtan 67

Ejónile ensina que se deve ter cuidado com a substituição de elementos de **ẹbọ**

Onrẹkú Ikú = ‘Ele deve oferecer roupa tingida para não morrer’ cuidava de uma fazenda de colheita anual. **Orísa** disse que ele deveria sacrificar para se prevenir dos pequenos males. Empurre-me até os pés de inhame e eu te empurrarei até os sulcos da terra divinou para **Onrẹkú Ikú** e indicou que ele oferecesse uma roupa levemente tingida, dezesseis mil búzios, um pombo e uma enxada quebrada. Ele deu as oferendas, mas não ofereceu a enxada quebrada, nem a roupa ligeiramente tingida. Em substituição, ele ofereceu um rato. O que ele ofereceu não fez com que ele se reerguesse.

Quando **Onrẹkú Ikú** esticou as mãos para pegar os pés de inhame, **Èṣu** chamou os fazendeiros e os fez levar a enxada quebrada que **Onrẹkú Ikú** deixou de sacrificar. Eles puxaram **Onrẹkú Ikú** para os sulcos no solo. Ele adoeceu. **Onrẹkú Ikú** só pôde erguer-se depois que choveu sobre ele. E depois os fazendeiros levaram de novo suas enxadas e o arrastaram para longe dos pés de inhame. A doença retornou para **Onrẹkú Ikú**. Ele não morreu, mas a doença não o deixou aproveitar a vida.

Ìtan 68

Pele de cobra é um elemento de **ẹbọ**

‘Aquele que se coloca na floresta, deve vagar na floresta’ foi quem divinou para ‘Cobra de Roupa Colorida’. Ele disse que Cobra deveria fazer um sacrifício, oferecendo a roupa que estava vestindo, para que pudesse ficar em pé. Cobra não ofereceu a roupa. Ela não conseguiu ficar em pé. Continuou se arrastando. Só em uma determinada época do ano ela tirou sua roupa e como não deu àquele que divinou para ela, não conseguiu ficar em pé nunca.

Ìtan 69

Eḡṣṣile ensina a importância do cuidado com a aparência

‘Deitar-se sempre numa esteira nova é a prerrogativa da riqueza’, ‘Sandália é a prerrogativa do prestígio’, ‘Se alguém é pomposo, eles o tornarão rei’ foram os divinadores de Granizo, quando ele

ia tornar-se rei das águas. Os divinatores disseram que seriam bons para ele, contanto que ele oferecesse trinta e seis mil búzios, quatro galinhas, quatro pombos e água fria. Quando ele terminou o sacrifício foi para a Terra e a vida foi boa para ele.

Ìtan 70

Şàngo ajuda Oşàlá a socorrer um reino

Oríşa diz que se deve ir sacrificar para **Şàngo**, quando se vê **Ejònile** na peneira. Sabe como **oríşa** diz isso? **Ajagbà** = ‘Lutador’ foi quem divinou para o povo da cidade de **Ìjagbà** (tipo de luta), quando uma fera matava seus filhos, no começo da existência. Era um **Ìrá** (tipo de cavalo) quem matava os filhos de **Ìjagbà**. As pessoas puseram suas mãos na cabeça e foram falar com o divinador **Ajagbà**, que ao jogar viu **Ejònile** e disse ao rei: “Você vai fazer sacrifício para **Oşàlá** e para **Şàngo**. No lugar onde você faz o sacrifício é de onde virá seu salvador. Ofereça trinta e dois mil búzios na cidade de **Ìjagbà**, dezesseis pombos, dezesseis galinhas, oito ratos, dezesseis caramujos para **Oşàlá**; dezesseis porções de **àmala**, dezesseis **orógbó**, dezesseis pedras e dezesseis machadas para **Şàngo**.”

O povo de **Ìjagbà** fez a oferenda e, no lugar do sacrifício, apareceu **Şàngo** perguntando: “Qual é o problema?”. Deram comida a Ele. **Şàngo** comeu o **àmala** e bebeu a bebida. Quando se ouviu o grito: “Oh, ele está voltando!”. **Şàngo** disse: “O que é?” Eles disseram: “A besta que mata nossos filhos”. **Şàngo** disse: “**Ìrá**, a besta de novo!” Então Ele reuniu as machadinhas e as pedras que eles usaram no sacrifício e começou a rechaçar a besta **Ìrá**. Ele a expulsou para longe. O destino do povo de **Ìjagbà** entrou em ordem. Eles cantaram:

- “Ajagbà Ajagbà. Oh, Ajagbà Ajagbà. Nós nos voltamos a você, rei que não se enforcou. Nós nos voltamos a você, Oh rei. Oh, Ajagbà Ajagbà. Nós cultuamos Você, rei que não se enforcou.”

Assim o povo de Ìjagbà não achou outro para cultuar. Passaram a cultuar Şàngo. É onde oríşa diz que a pessoa deve ir sacrificar para Şàngo, pois, o que quer que a atrapalhe, Şàngo vai ajudá-la.

Ìtan 71

Olokun aceita a sujeira

Aonde se vê Eḡḡḡḡḡ, oríşa diz que se deve fazer sacrifício. Oríşa diz que não se deve abater-se pelos sofrimentos e insultos, pois, depois dos sofrimentos e insultos, as bênçãos vêm. Você vê como oríşa diz isso? ‘Lama úmida, lama úmida’ foi quem divinou para Olokun Ìsémiadé = ‘Oríşa abnegado que possui uma coroa diferente’. Olokun Ìsémiadé deveria ultrapassar todas as outras águas. Para conseguir tal façanha, Olokun Ìsémiadé deveria evitar abater-se por insultos e o consequente sofrimento, sacrificando trinta e dois mil búzios, quatro pombos, quatro galinhas e roupa branca. Olokun reuniu o sacrifício, ofereceu e pacificou os deuses. Quando uma torrente levava o lixo das cabaças e a sujeira dos pratos, era no mar que se jogava, pois Olokun aceita a sujeira. Não há rio que se iguale ao mar.

Ìtan 72

Ejónilé chama os outros a servi-Lo através de sacrifícios para Şàngó

Orísa diz que quando **Ejónilé** cai para alguém, Ele chama os outros a servi-Lo através de sacrifícios a **Şàngó**. Você vê como o **orísa** diz isso? 'Duzentas vigas suportam o teto', 'Duzentos contrafortes suportam o muro', 'Aquele que é suportado por **Şàngó**, o mundo todo suporta o rei' foram os divinadores do rei de **Ọyó**, **Şàngó Jẹmiadé** = 'Aquele que ganha uma coroa sagrada, no dia em que Ele foi receber Seu título'.

Para que **Şàngó** tivesse uma vida boa, para que Seu destino ficasse em ordem, para que superasse todos os obstáculos na Terra, Ele deveria sacrificar trinta e dois mil búzios, uma túnica, um tecido, uma capa, calças, uma cabra, uma ovelha e tudo que se pode comer. Foi divinado para o rei de **Ọyó**, **Afonjá**, que ia receber título no palácio. Ele fez sacrifício e todos O suportaram. O povo gritava: "Reúnam-se e sirvam ao rei. Reúnam-se e sirvam ao rei. As vigas se reúnem e sustentam o teto. Reúnam-se e sirvam ao rei."

Ìtan 73

Ejónilé demonstra que ninguém pode ferir Seus devotos

Onde se vê **Ejónilé** na peneira, **orísa** diz que Ele nos ajudará a derrubar os inimigos, diz que esta pessoa verá o fim daquele que odeia, pois ninguém deve feri-lo. Onde se vê os deuses mais velhos na peneira. Você vê como **orísa** diz isso? 'Uma

barata não chuta o pé do elefante' e 'Um homem não chuta o pé de um chimpanzé' foram os divinizadores de **Sòbia** = 'Verme Rastejante', quando ele era o divinador de **Àgbaládé** = 'Jardim protetor'. Verme (ver **Ètítè Alè**) vinha para a Terra e queria saber o que deveria fazer para conseguir infestar as pessoas? Mandaram que ele oferecesse um novelo de malha de algodão, trinta e dois mil búzios, dois **emó** (ratos gigantes), dois pombos, duas galinhas e duzentas folhas.

Verme reuniu o sacrifício, ofereceu e pacificou os deuses. Verme cantou:

- "Se o homem pega verme, ele o derruba. Se a mulher pega verme, ele a derruba. Se uma criança pega verme, ele a derruba. Ninguém mais pode derrubar **Sòbia**, Verme. É o verme que derruba as pessoas."

Foi divinado para Verme que sabe como se deve lutar e que pode derrubar qualquer um no mundo. **Sòbia** cantou:

- "Se os homens se tornam meus inimigos, **Sòbia** o verme, vai e os derrubam. Se as mulheres se tornam minhas inimigas, **Sòbia**, o verme, vai e as derrubam."

Ìtan 74

A organização traz prosperidade

Oríṣa diz que quando aparece **Eḡḡḡḡḡḡ** precisamos ser organizados. Sabe como **oríṣa** diz isso? 'A caixa é o lugar da enxada', 'A esquina é divinador do facão', 'Permanência é divinador

do rochedo' foram os divinadores de 'Cesto Achatado' (balaio), quando ele vinha para Terra tornar-se um utensílio organizador do mundo e desejava que a vida fosse boa para ele. Foi indicado que ele oferecesse trinta e dois mil búzios, duas galinhas e todas as contas que pudesse. Quando 'Cesto Achatado' veio para a Terra, todos que vendiam procuraram por 'Cesto Achatado'. Os vendedores de feijão, de sal, de contas, todos buscavam Cesto Achatado, que cantou e encantou: "**Kèrèrè, Kèrèrè, Kèrèrè**" = Uma coisa de pouca importância que se eleva. Uma coisa de pouca importância que se eleva.

Ìtan 75

Os deficientes físicos devem trabalhar e serem devotos de **Oṣàlá**

(ver **Ìjòba Òrun**)

Quando aparece **Ejònilé**, sacrifício para **Oṣàlá** deve ser feito e se deve ser devotado a Ele. 'Não me leve para viver na floresta, não sou alguém do mato' e 'Não me empurre bruscamente, que não sou pessoa de rudeza' foram os divinadores de **Oṣàlá Oṣérégbó**. 'Sentar-se com **oríṣa**' era filho de **Oṣàlá** e era o único que podia servir-Lo. Após um tempo, 'Sentar-se com **oríṣa**' foi para a floresta e, conforme vagava pela floresta, não cuidava de **Oṣàlá**, que arrumou uma armadilha para pegar Seu filho. 'Sentar-se com **oríṣa**' não podia mais andar, pois Pai transformou 'Sentar-se com **oríṣa**' em um coxo. Disseram-lhe que ele deveria crer em **Oṣàlá** e procurá-Lo. **Oṣàlá** deu a Seu filho uma sovela e disse que ele deveria trabalhar. 'Sentar-se com **oríṣa**' trabalhou, apesar de ser incapaz de andar. Ele enriqueceu. Foi divinado para

Oṣàlá Oṣṣérégbó, Pai, que ia transformar 'Sentar-se com **oríṣa**' em um coxo, que deveria ir e sentar-se com **oríṣa**. Ele deveria servir a Oṣàlá fielmente.

Ìtan 76

A riqueza dos regidos por Eḡḡḡḡḡḡ está na cidade

Quando cai Eḡḡḡḡḡḡ na peneira, **oríṣa** diz que a riqueza desta pessoa está na cidade, diz que esta pessoa não deve plantar milho, também não pode plantar pimenta. O divinador de Oṣàlá Oṣṣérégbó era chamado de: 'Quem se levanta na cidade e anda nela, aquele que anda, anda... e usa a água da cidade para tomar banho, conforme usa a água da cidade em seu banho, assim ele lava seu rosto com água da cidade'. Pai ia enriquecer na cidade e ter dinheiro se Ele oferecesse trinta e dois mil búzios, quatro pombos, quatro galos, quatro galinhas, quatro ratos, quatro caracóis. Pai sacrificou para Seu aparelho divinatório. Aonde Pai andava, quem tinha dinheiro, roupas, galinhas, caramujos, cabras dava para Pai. E quando não tinham nada de material para dar, serviam a Pai. A vida de Pai foi boa. Pai dançava e ria. Ele louvava os divinadores e os divinadores louvavam **oríṣa**, porque disseram a verdade: "Quem se levanta na cidade e usa a água da cidade no seu banho, que usa a água da cidade para lavar seu rosto, tem dinheiro." Oṣàlá disse: "O dinheiro que terei na cidade, está na cidade."

Ìtan 77

Nada atrapalha a pessoa que pertence a Oṣàlá e O homenageia

Oríṣa diz que quando cai **Èṣonile** a pessoa deve fazer sacrifício, pois assim não sofrerá. 'Sou um coxo, não me ajoelho em um tribunal', 'Sou um albino, não dou passagem a ninguém na estrada', '**Oríṣa** que diz que o albino que não deve comer o sal é o mesmo que põe giz no peito do albino e que põe **osùn** no peito do macaco' foram os divinizadores de **Làjùmi** = 'A pessoa pura, que se veste de alvo, é diferente, é superior, é filho de **Oṣàlá**'. Para que ninguém chicoteasse e nem repreendesse **Làjùmi**, para que sua vida fosse boa e seu destino corresse bem, sem sofrimentos, ele deveria oferecer trinta e dois mil búzios, quatro pombos, quatro galinhas e um pano branco. Ele ofereceu, naqueles dias, o sacrifício para homenagear **Oṣàlá**. Tudo o que ele fez foi terminado no mesmo dia. Ninguém o perturbou. Ele não sofreu. Ninguém lutou contra ele. Sua vida foi prazerosa. O povo o tratou bem e o cobriu de mimos. Sua vida era boa e seu destino tinha ordem. **Làjùmi** cantou:

- "Você não me chicoteia. Olhe para a roupa de **Oṣàlá** que cobre meu corpo. Você olhe para a roupa de **Oṣàlá**. Você não me chicoteie. Olhe para a roupa de **Oṣàlá** em meu corpo. Por favor, olhe para a roupa de **Oṣàlá**."

Ìtan 78

Os regidos por Eḡḡḡḡḡ sofrem de impotência

Quando cai Eḡḡḡḡḡ, oríṣa diz que devemos oferecer sacrifício para encontrar parceiro amoroso. Você vê como isso é dito: 'Eu procuro e procuro você, mas não encontro você', 'Eu pergunto e pergunto por você, mas não sei onde você foi', 'Dou graças a Èṣu Òdàrà, que me disse onde você foi' divinaram para Chão quando ia tirar Escuridão de dentro de Fogo. Havia Escuridão que era esposa de Fogo. Chão queria saber o que deveria fazer para levar Escuridão consigo. Ele deveria oferecer trinta e dois mil búzios, uma roupa preta, dois pombos, dois ratos e duas galinhas. Após um tempo, Escuridão começou a retrair-se. Conforme Fogo chegava, Escuridão se retraía. Fogo procurava e procurava por sua mulher, mas não a tinha. Depois que Fogo se cansou e deixou Escuridão, Chão a levou. Ele a tirou de Fogo. Chão e Escuridão louvavam os divinadores e os divinadores louvavam oríṣa porque disseram a verdade.

Ìtan 79

Òrúnmilà cultiva fazenda, mesmo sendo um de seus tabus

'Roubar não é como possuir' foi quem divinou para Òrúnmilà que queria cultivar uma pequena fazenda para Si e, como todos os oríṣa já tinham escolhido Suas terras, Ele resolveu que faria a Sua no meio. Os oríṣa ficaram preocupados, pois achavam que perderiam muita terra. Todos disseram: "Os inhames de Òrúnmilà

tomarão muita terra". Mas **Òrúnmìlà** não plantou inhames. Ele plantou sementes de: **jagba**, **jogbo**, **janyinjanyinfu**, **sawerepepe**, **òdúndún**, **tètè** e outras plantas selvagens de uso exclusivamente medicinal. Ele construiu uma cabana de folhas de palmeira para dormir. Quando chovia, **Òrúnmìlà** ceifava Sua fazenda. Enquanto a estação seca findava e se aproximava o tempo de colher, Ele aproveitava para construir um armazém para milho-da-guiné e inhames secos. Inhames não tinham sido plantados. **Òrúnmìlà** tinha dezesseis cultivos, mas não tinha inhame. Entretanto, Ele ordenou que trouxessem oito carregamentos de inhame, oito de milho, oito de feijão... Ele mandou que oito homens fossem encontrados para que limpassem e ceifassem a terra. Os armazéns de **Òrúnmìlà** ficaram cheios de milho, de feijão... e, milagrosamente, de inhames frescos e de inhames secos. Tudo era vendido e **Òrúnmìlà** enriqueceu. Ele louvava os divinadores e os divinadores louvavam **oríṣa**. Os divinadores diziam a verdade: "Homens preguiçosos vivem de sua sabedoria; Só os tolos não sabem como conseguir suas coisas."

Ìtan 80

Água fria dá fertilidade

'Bem é como encontramos Rainha Formiga,' 'Bem é como encontramos o físico de uma pessoa,' 'Bem é como encontramos os devotos de **oríṣa**, que têm penas vermelhas nas cabeças' foram os divinadores de 'Rainha Formiga do morro dos cupins', que era estéril antes de ter mil e seiscentos filhos, depois que ofereceu dezesseis búzios, a roupa que vestia e sua esteira. Quando a Rainha Formiga (ver **Èḍa-Ewéko**) terminou seu sacrifício, ela começou a

ter filhos. Água fria é o que ela ofereceu nesses dias, pois água fria é o que os cupins (ver Èda-Ewéko) usam para fazer seus montes. Nunca mais faltou água para Rainha Formiga. Onde cupim cresce hoje, ele cresce com água.

■ Èdà-Òkúta Reino Mineral

Òjé = Chumbo – O **òdú Èjònile** foi fecundado através de um **ẹbọ** que, entre outros elementos, continha oito argolas de chumbo. Além de ser um metal branco e de conter nele uma considerável quantidade de prata, o chumbo está relacionado à **Oṣàlá**, principalmente, por “simbolizar a base mais modesta de onde pode partir uma evolução ascendente.” Ele é o metal pesado, a matéria impregnada de força espiritual que, livre de todas as impurezas, passado por todas as etapas de purificação, por todos os “banhos” tomados por **Oṣàlá** em Sua viagem em busca da Justiça e da Verdade, pode transformar-se em ouro e atingir o mais alto grau evolutivo. Na Alquimia, é o chumbo que os Adeptos (os alquimistas) trabalham para realizar a transmutação em ouro (**iworó**). Poder-se-ia até dizer que o chumbo representa os instintos animais, os quais devem ser transmutados nos mais refinados sentimentos divinos.

Os metais que comumente são relacionados à **Oṣàlá**, **oríṣa** que mais fala no **òdú Èjònile**, são os metais brancos: o chumbo e a prata. É interessante, entretanto, falar sobre a relação desse **oríṣa** com o ouro, conseqüentemente, com o sol. Nos dezesseis dias do Ritual das Águas de **Oṣàlá**, todos que participam da procissão devem abster-se de usar ouro (já os “filhos de cabeça” devem abster-se sem-

pre!). O **odú Ogbé/Eḡḡḡḡḡḡ**, regido pelo **Oríṣa Nlá**, sendo o primeiro **odú** em **Ifá**, é Aquele que trás a luz. O Sol é fonte de calor, luz e vida. **Oṣàlá** é, portanto, o Sol, o Grande Espírito criador de todas as coisas, que quando está em Seu mais alto nível de resplandecência ninguém consegue fitar. **Oṣàlá** é o sol enquanto energia luminosa. É o próprio ouro, o mais nobre dos metais. **Oṣàlá** é o **oríṣa** que se cobre e nos cobre com o tecido de algodão. O ouro tem alto teor de pureza. Um provérbio africano diz sobre o ouro: “ele não enferruja, não fica manchado; único metal que se torna como o algodão, sem deixar de ser ferro” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 670). Usar ouro, para os “filhos de cabeça” do Grande **Oríṣa**, é ousar assemelhar-se ao próprio **Oṣàlá**. É usar a luz (o espírito) apenas como enfeite e isto além de ser desrespeitoso é perigoso. Melhor, então, usar o reflexo dessa luz, simbolizada pela prata. O ouro apresenta uma característica muito especial que é o fato de não se combinar, geralmente, com outros metais, exceto a prata: “Tradicionalmente por oposição ao ouro, que é princípio ativo, macho, solar, diurno, ígneo, a prata é princípio passivo, feminino, lunar, aquoso, frio” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 739). Ouro e prata, o grande casal mítico **Oṣàlá** e **Ìyèḡḡḡḡḡḡ**.

■ Èdá-Ewéko Reino Vegetal

O **odú Èjònile Méjì** tem preferência por folhas calmas e frias, as chamadas **ewé èrọ**, como: **ewé iyá, ewé baba, odúndún, ojúorò, òşibàtá, tètè, tètèrègún, rínrín**. Mas também se utiliza de outros membros do reino vegetal para fazer Seus encantamentos: **akóko, àtòri, èkíkà, èsìsì, ìrókò, kùndùnkù, obì, ódàn, ògèdè àgbágbá, ọkán, òpè, owù, şaworo, tètè ẹlégun**.

Ewé Baba/Tapete-de-oxalá

Tapete-de-oxalá – Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Liliopsida, Ordem Lamiales, Família Lamiaceae, Gênero *Plectranthus*, Espécie *barbatus*. Nome Científico: *Plectranthus barbatus*. Esse arbusto, originário da África e que mede de 1 a 2 metros, é chamado de tapete-de-oxalá pelas religiões de matriz africana por apresentar folhas aveludadas como um tapete propício para ser pisado por uma divindade como o Grande Pai **Oşàlá**. É conhecido também como boldo-de-jardim ou falso-boldo. Suas folhas são boas conselheiras e ensinam que conselho só deve ser dado quando é solicitado. Muitas pessoas ou quase todas as pessoas gostam de dar conselhos, mas são

poucas as que estão preparadas para exercer esta missão. Dar conselhos é fornecer opiniões vagas sobre o que o outro deve fazer. Aconselhar, por sua vez, é munir o outro com opiniões fundamentadas, que lhe possibilite tomar suas próprias decisões. Um conselheiro de verdade precisa ter qualidades específicas: Ouvir o outro de modo a estar inteiramente presente neste ato; ser livre de preconceitos, abrindo mão do hábito de censurar o outro; ser capaz de captar o momento certo de intervir com o conselho, pois quando a angústia do outro é muita ele não é capaz de ouvir e internalizar o que lhe foi aconselhado.

Quando se canta para a planta tapete-de-oxalá, entende-se o quanto é difícil ser e encontrar um conselheiro. Afinal, quem aconselha sabe que está dispondo-se a ajudar o outro a carregar suas cargas. E, geralmente, não se é fortalecido o suficiente para carregar suas próprias cargas, quanto mais as suas e a dos outros. Entretanto, o bom conselheiro sabe que as cargas podem ser pesadas, mas elas se tornam leves quando se está fortalecido para carregá-las: um saco de cimento parece pesar “cem” quilos para quem está fraco, mas para um estivador ele tem seu peso real de cinquenta quilos.

Ewé Iyá/Caapeba

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Piperales, Família Piperaceae, Subfamílias Piperioideae e Peperomiodeae, Gênero *Pothomorphe*, Espécie *umbellata*. Nome científico: *Pothomorphe umbellata*. A caapeba é também conhecida como pariparoba, malvaíscó, catajé. Erva bianual ou perene, de médio porte, com formato de um grande coração, é

chamada de Folha-da-Mãe, em referência à **Ìyè̀mọ̀njà**. A mãe de todos **oríṣa**. Representa, assim, o grande coração da Grande Mãe **Ìyè̀mọ̀njà**, Aquela que guia a cabeça dos homens através de Seu grande coração. **Ewé Ìyá, Ewé Ìyá, orí rere, fun mi ni Ìyè̀mọ̀njà** = Folha da Mãe **Ìyè̀mọ̀njà**, dê para mim uma cabeça boa e honesta para que eu possa ter bem estar e prosperidade.

Ìyémọ̀njà, esposa de **Oṣàlá**, adquiriu a capacidade de tratar a loucura humana.

- Conta um **ìtan** que todos os **oríṣa** tinham ganhado de **Olódúmarè** uma importante função na Terra, pela qual recebiam homenagens e oferendas. Para **Ìyè̀mọ̀njà** coube a função de cuidar de Seu marido **Oṣàlá**, da casa Dele, de Seus filhos, da comida... **Ìyè̀mọ̀njà** não se conformava com o que Ela considerava tão pouco. Queria um posto “importante”. Dia e noite Ela falava sobre o assunto com Seu marido. **Ìyè̀mọ̀njà** não dava um instante de sossego a Seu marido. Ela tanto falou que **Oṣàlá** enlouqueceu. **Ìyè̀mọ̀njà** se deu conta do erro que tinha cometido, pois entendeu que cuidar da família, a célula da sociedade, era a maior de todas as honras. Arrependida, tornou-se a esposa mais zelosa que já existiu, não descansando enquanto Seu esposo não ficou curado da loucura que tinha sido causada por Ela. Foi com água fresca, **obì**, bredo, folha-da-costa e caapeba que a mãe de todos **oríṣa** curou Seu amado esposo. Agradecido, **Oṣàlá** pediu que **Olódúmarè** desse a **Ìyè̀mọ̀njà** o atributo de ser responsável pelo **orí**, a cabeça, de todos.

Qdúndún/Folha-da-costa

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Saxifragales, Família Crassulaceae, Gênero *Kalanchoe*, Espécie *brasiliensis*. Nome científico: *Kalanchoe brasiliensis*. A folha-da-costa é uma planta muito confundida com a folha chamada popularmente de milagre-de-são-joaquim, que é da mesma família que a folha-da-costa, porém de espécie diferente. São parecidas, mas se bem observadas, percebe-se diferenças significativas: a folha milagre-de-são-joaquim é mais “denteada” e suas bordas arroxeadas.

Folha-da-costa é uma folha que ajuda a equilibrar a cabeça, sendo inclusive usada no tratamento de loucura: “Qdúndún Olókun ní nẹ pa ẹrọ fún Olókun. Má pẹrọ fú Olókun mọ pẹrọ fún lámọrín k’órí rẹ ó pé” (VERGER, 1995, p. 252-253) = Qdúndún de Olókun sempre traz tranqüilidade para Olókun. Não traga mais tranqüilidade para Olókun, traga tranqüilidade para fulano, de forma que sua cabeça fique normal.

Em uma música do Ritual das Folhas, qdúndún é cantada juntamente com àgbaó (imbaúba) e mostra que, a partir de um determinado momento do ritual, o iniciado está glorificado, iluminado, protegido por um cobertor de folhas: Àgbaó, şògo là ta bọ bọ wa; ewé qdúndún, şe ré kúbúsú bọ bọ wa. Qdúndún, na verdade, protege o iniciado de seu próprio poder, o qual é adquirido através da iniciação, da freqüência em rituais e da purificação do corpo, da mente e do espírito. Ela ensina comportamentos fundamentais para que se tenha maturidade, atitude muito necessária aos regidos por Eḡḡḡḡḡ: Qdúndún baba tè rọlẹ. Mã dé tè rọlẹ. Báde tè rọlẹ, qdúndún mã

dé te ròlè = Folha-da-costa, a folha do pai **Oṣàlá**, eu Lhe venereo através do silêncio. Com a Folha-da-costa eu pretendo cobrir meus olhos e calar-me. Ser conveniente, respeitanto-O através do silêncio.

Folha-da-costa, a folha do mistério, é usada para que a morte seja vista e sentida de maneira mais suave. José Flávio Pessoa de Barros, em seu livro **Ewé Òrìṣà** (p.289), escrito em parceria com Eduardo Napoleão, diz que ela é usada “nos sacrifícios de pombos, cágados, patos e galinhas-d’angola, quando a folha deve cobrir os olhos destes animais para que não vejam **Ikú**” (a morte). No ritual fúnebre chamado **Àjèjè**, conhecido no mundo dos Terreiros como Axexe, passa-se uma mistura de folhas nos olhos, sendo uma delas a folha-da-costa, e se diz: **Emi mọ ojú Iná** = Que meus olhos não vejam isto durante algum tempo, nem vejam isto como punição.

Ojúorò/Alface-d’água

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Liliopsida, Ordem Alismatales, Família Araceae, Gênero **Pistia**, Espécie **stratioles**. Nome científico: **Pistia stratioles**. Alface-d’água, também chamada de erva-de-santa-luzia, tem o poder de ajudar uma pessoa a realizar um debate com firmeza, porém com delicadeza, porque os sentimentos ativados por esta planta são o afeto e a consideração que se deve ter pelo outro. Por isso se canta:

- **Ojúoró èmí óré dé rò iyìn. Èti èmí óré dé iyàn**
= Erva-de-santa-luzia amplia a visão para que a essência divina (**oríṣa**) nos faça ter pensamentos afetuosos.

Òṣibàtá/Golfo

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Nymphaeales, Família Nymphaeaceae. Possui sete Gêneros – *Nymphaea*, *Nuphar*, *Nelumbo*, *Victoria* (a planta vitória régia pertence a este gênero), *Euryale*, *Barclava*, *Ondinea* – e muitas Espécies, entre elas a *lotus* e a *alba*, de cor branca. *Nymphaea Alba*, apesar de ser uma ewé èrọ e ser muito importante no culto para Oṣàlà, não é aconselhável para os regidos por Èjọnilẹ, pois suas raízes têm poderes anafrodisíacos, diminuem a sexualidade, e isto é um dos problemas que alguns dos filhos deste ọdú precisam enfrentar.

Rínrín/Alfavaquinha-de-cobra

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Piperales, Família Piperaceae, Subfamílias Piperioideae e Peperomiodeae, Gênero *Peperomia*, Espécie *pellucida*. Nome científico: *Peperomia pellucida*. É importante não confundir alfavaquinha-de-cobra com alfavaca-de-cobra, *Monnieria trifolia* (etítaré). Também é preciso cuidado com o fato de o “povo de santo” usar o nome **yorubá oriri**, planta cujo nome científico é *Vitex doniana*, quando quer referir-se a **rínrin**, *Peperomia pellucida*, a verdadeira alfavaquinha-de-cobra: erva que mede uns vinte centímetros e, em tempo chuvoso, nasce com facilidade em pedreiras, terrenos abandonados e calçadas.

O nome correto da alfavaquinha-de-cobra em **yorubá** é **rín-rín**. No Brasil existem cinco gêneros e se acredita que umas quinhentas espécies de **rínrín**. É a folha amiga dos videntes, que

amplia a visão e, ao mesmo tempo, impede que se veja aquilo que não é necessário que seja visto, como a morte por exemplo. Folha que tranquiliza o olhar, **rínrín** é de domínio de **Ọṣun**, **Oṣàlá** e **Ìyèmoṅjá**, **oríṣa** mais serenos. Folha que canta a calma, que é sempre chamada em primeiro lugar. Para o candomblé, não se pode, ou melhor, não se deve entrar em um ambiente sem que o olhar esteja manifestando calma. Um olhar calmo o suficiente para enxergar as coisas com clareza e nitidez, isto é, sob todos os ângulos. Na fitoterapia, a alfavaquinha-de-cobra é muito utilizada para combater irritações e inflamações oculares. Assim, é possível observar que essa planta tem forte relação com os olhos, não apenas no plano litúrgico, mas também na área medicinal.

Tètè/Bredo-sem-espinho

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Caryophyllales, Família Amaranthaceae, Gênero **Amaranthus**, Espécie **viridis**. Nome científico: **Amaranthus viridis**. Planta conhecida popularmente como bredo-sem-espinho ou bredo-frio. Muito conhecida pelo nome caruru, bredo é uma planta rica em ferro, potássio, cálcio e vitaminas A, B1, B2 e C, por isto ela tem sido resgatada na culinária: com suas folhas e talos são feitos refogados, molhos, tortas, pastéis e panquecas; com suas sementes são feitos pães, mas podem, simplesmente, serem comidas torradas. Bredo é uma planta excelente para indicar a qualidade do solo: indica terra boa e rica em potássio. Mesmo com tudo isso, bredo é tida como um tipo de erva-daninha pelo fato de nascer com muita facilidade, adaptando-se às condições climáticas do lugar.

Òdúndún ni tètètègún d'èrù s'órí, má d'èrù wèrè s'órí mi = Tètètègún carrega peso na cabeça de ano em ano, não ponha o peso da loucura na minha cabeça. A calma transmitida por Tètètègún é cantada no Ritual das Folhas, quando se pede a ela que torne as pessoas mais flexíveis: **Domi pá...** Tètètègún òjò domi pá ó = A flexibilidade evita briga. Cana-de-macaco é como a chuva que relaxa o excitado.

Akóko/Akóko

Reino, Plantae; Divisão, Magnoliophyta; Classe, Magnoliopsida; Ordem, Lamiales; Família, Bignoniaceae; Gênero, *Newbouldia*; Espécie, *laevis*. Nome científico: *Newbouldia laevis*. Árvore de origem africana que é conhecida no Brasil pelo seu nome em **yorubá: akóko**. Da mesma família do ipê, também possui lindas flores e, mesmo não tendo um tronco grosso, é muito alta, o que lhe garante um porte majestoso, típico de quem possui elevada posição. Em África, uma pessoa só é confirmada rei após ser colocada a folha de **akóko** em sua cabeça, a fim de que a imponência e a força da árvore sejam transferidas para o novo rei. O mesmo se dá nas religiões de matriz africana, que fazem uso dessa planta quando desejam concretizar um trabalho feito e, principalmente, firmar um cargo ou o **àṣẹ**, sendo esta a razão dela ser fundamental no **Qdún Méje** – Obrigação de Sete Anos.

Pela capacidade que o tronco de **akóko** tem de brotar, é considerada uma planta que atrai prosperidade. Entretanto, sua principal função é a de fixação de **àṣẹ**, uma das últimas etapas do processo iniciático: desconhecida por muitos, desejada pelos poucos que a conhecem e conseguida apenas por aqueles

que fazem deste processo a principal razão de viver. Não é de se admirar que **akóko** seja uma planta relacionada à Eḡḡḡḡḡḡ, **oḡú** que tem como instrumento o **oḡaḡḡḡḡḡḡ** de Oḡàlá – o cajado do peregrino – que, segundo a tradição *Djeje Mahin*, deve ser feito dos galhos de *ahoho*, o **akóko** da tradição *yorubá*. O cajado é feito desse material para atrair a proteção do *Vodun Togbo*, da tradição *Djeje*, que na tradição **Kètu** é relacionado ao **oríḡa Ògún** – Aquele que abre os caminhos e facilita a caminhada no mundo dos vivos –. Já a esposa de Ògún, **Oya**, é **Alakóko** – Senhora do **Akóko** –, que se utiliza de varetas confeccionadas com esta planta para conduzir os espíritos dos mortos até o **Òrun** (Mundo dos Ancestrais). Como se percebe, **akóko** possui tão grande importância nos cultos trazidos pelos escravos, que não deve ser usada de maneira corriqueira e banal.

Nem o tronco da árvore **akóko**, nem os regidos por Eḡḡḡḡḡḡ podem ser feridos por machado, faca ou objetos cortantes, pois eles correm grande risco de morte. **O se pó, a ki ifi edùn kan akòko** = Doravante, a árvore **akóko** jamais será tocada pelo machado. Apesar de ser usada por outros **oḡu**, **akòko** é uma planta específica de Eḡḡḡḡḡḡ. Com ela Eḡḡḡḡḡḡ foi coroado formalmente o rei dos **Oḡu**, sob o título de **Akókò-Olokún**. Pierre Verger (p. 348-349) apresenta um feitiço relacionado ao **oḡú Eḡḡḡḡḡḡ**, para quando se deseja obter um título honorífico: **Kóyèḡ ni efi mi joye. Àfijoyè ni ti yeyè. Àfijoyè ni t' Akòko. Bí ilè mó àkùkọ gogoro joyè. Refe l' oḡba ilèkè** (VERGER, 1995, p. 348-349) = **Kóyèḡ** diz que eles devem me dar um título. Despertar para conseguir título é a característica de **yeyè**. Despertar para conseguir título é a característica de **Akòko**. Ao amanhecer, o grande galo consegue título. **Refe** é o rei dos corais.

Àtòri/Àtòri

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Malvaceae, Gênero *Glyphaea*, Espécie *brevis*. Nome científico: *Glyphaea brevis*. Não confundir com *àtòrìnà*, outro tipo de árvore cujo nome popular é sabugueiro. No culto para *Oṣàgiyán* está contido o ritual de flagelação. *Àtòri* é o nome da árvore que empresta não só o nome, mas também seus galhos para a confecção das varetas usadas, de maneira simbólica, para realizar o ritual de penitência. Os regidos por *Èjónilé* sofrem, mas também cometem muita ingratidão, por isto a preocupação que este *odú* tem de ensinar que a ingratidão e toda maldade deve ser sempre castigada: *Ṣìgidi si agidi lépè* = Vingança e castigo, quando necessário, contra pessoa obstinada que tem o poder de invocar o mal sobre outra pessoa (ver *Ìjòba Ọrun/Oṣàgiyán*).

Èkíkà/Cajazeira

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Sapindales, Família Anacardiaceae, Gênero *Spondias*, Espécie, *mombin*. Nome científico: *Spondias mombin*. A cajazeira é umas das árvores de maior importância no candomblé. Ela dá o poder a uma pessoa de levar felicidade ou infelicidade para alguém. É a sexta morada das *Ìyámi*, que ao se instalarem nessa árvore se tornam detentoras de todos os poderes.

Um dos *itan* do *odú Èjónilé* mostra que a cajazeira levanta os que estão caídos, fazendo renascer os que se sentem mortos, daí um de seus nomes em *yorubá* ser *ilèwó ọlosān*, que significa: ela tomba no chão mais vivamente. Uma das mais interessantes

características dessa árvore é a capacidade que ela tem de, com o **àṣẹ** de **Òsányin**, fechar os caminhos para as pessoas vazias, estúpidas e tolas, que roubam e são violentas. As pessoas vazias, palavra aqui usada no sentido negativo, são aquelas que por não se permitirem ser preenchidas pela essência divina formam um **orí** sem juízo. Elas atuam na vida sem prudência e de maneira presunçosa, usando armas como a grosseria e a violência para alcançar seus objetivos. Aproveitam-se do conhecimento que possuem para praticar feitiços que desarmonizam o outro, impedindo que este cumpra seu destino com dignidade. Esquece-se que seus desejos não podem e nem devem ser maiores do que os de **Olorun**.

Roubar, tirar furtivamente de alguém algo que não lhe pertence, no candomblé tem um sentido muito mais amplo, uma vez que não se refere apenas aos bens materiais. Existe uma grande atenção para com o roubo energético, feito por pessoas que se aproximam do outro e se apropriam da energia que lhes falta. Isso ocorre na maioria das vezes inconscientemente e por necessidade, mas também não é difícil perceber alguém roubando energia do outro por usura, sentimento e atitudes que não aumentam em hipótese nenhuma o **àṣẹ** do **olé** (ladrão). A **Òsányin** se pede que dê permissão à cajazeira para nos defender do mal: **Òsányin já wèrè kó ọ́oro. Èkikà ewé ẹ́kikà mǎ asà = Òsányin**, feche o caminho para que as pessoas tolas, vazias, que roubam e são violentas, não nos alcance. Cajazeira, folha de cajazeira, eu pretendo defender-me.

Èsìsì/Cansanção, Urtiga

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta; Classe Magnoliopsida, Ordem Rosales, Família Urticaceae, Gênero *Laportea*, Espécie *aestuans*. Nome científico: *Laportea aestuans*. Existem outras plantas também chamadas de **èsìsì**, mas que pertencem à Ordem Malvales, Família Malvaceae, Gênero *Sida*, cujos nomes em **yorubá** são significativos no que diz respeito ao **òdú Èjònile: Èsìsì àfín, èsìsì ilẹ**. Estas são algumas espécies do gênero *Sida*: *linifoli* (**àlùpàyídà**/guanaxuma-fina), *alba* (**àsarágogo**/vassourinha-de-relógio), *carpinifolia* (**òşé pòtu**/guanxuma-lisa), *cordifolia* (**àşíkùtá, efin** /guaxina, malva-branca).

As plantas da Família Urticaceae possuem alta potência de agressividade e são consideradas ervas daninhas, isto é, aquelas que podem causar danos à agricultura, pois nascem espontaneamente em local e momento indesejados. Simbolicamente, podem ser consideradas positivas, uma vez que são de fácil convivência. É importante observar, no entanto, que a fácil convivência é para a planta invasora, e não para a planta invadida. Algumas das plantas da Família Urticaceae são conhecidas como cansanção. As ervas que queimam (cansanção, urtiga) são, normalmente, relacionadas aos **orìşà** que têm a força do elemento fogo, como: **Şàngó – orìşà** que solta fogo pela boca –; **Ògún – Alágbèdẹ** **Òrun** = Ferreiro do Céu, que usa o fogo para moldar os metais –; **Èşu – orìşà** que ensina através de conflitos –. Em um dos **orikì** de **Şàngó**, menciona-se o poder agressivo da urtiga: **Ojò pa wèrèpè di ẹni à njó** = A urtiga se molhou com a chuva, perdeu seu irritante ardor e foi possível tocá-la. A urtiga (*Urtica urens*/urtiga-de-fogo, urtiga-vermelha) é também chamada de **ewé èpè** (**èpe** = praga, maldição, ato de invocar o mal para ou-

trem). As plantas da Família Urticacea são quentes. Elas têm o poder de fomentar intrigas, principalmente entre casais, e são por isto vinculada ao **odú Èjọnile**.

Ìrókò/“Gameleira” (ver **Ohun-Èlò**)

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Rosales, Família Moraceae, Gênero *Chlorophora*, Espécie *excelsa*. Nome científico: *Chlorophora excelsa*. “Nenhuma floresta é tão densa a ponto de não deixar a árvore de **ìrókò** ser vista”. Árvore tipicamente africana, que representa o **orisa Ìróko**, da nação **Kètu; Loko**, da nação **Jeje; Nkise** Tempo, da nação Angola/Congo. Seja em que “nação” for, o culto a **Ìrókò** é cercado de muitos mistérios, principalmente porque a árvore que representa o **orisa** do mesmo nome serve de morada não só para as **Ìyá-mi** (que não permanecem nela por muito tempo, pois seus frutos não As agradam), como também para os espíritos que são entendidos como “infantis”, que são denominados **àbíkú**. Em África, é feito, durante sete dias e sete noites, um ritual na árvore **ìrókò**, quando se saúda **Olomúso** – Senhor que amarra –; que também é chamado **Alaràgbó Músò** – Aquele que tem poder de amarrar com corda para fazer envelhecer (uma referência clara à relação de **ìrókò** com **àbíkú**). O ritual é feito quando crianças estão sendo perseguidas por sonhos que as deixam assombradas e tem a intenção de afastar o perigo de morte que ronda as crianças **àbíkú**. A árvore **ìrókò**, que vive mais de duzentos anos, simboliza a longevidade e a durabilidade das coisas.

Como a árvore **ìrókò** não foi trazida para o Brasil, o **orisa Ìróko** fez Sua morada na gameleira branca, pelo fato de as duas árvores pertencerem à mesma família.

Gameleira Branca – Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Rosales, Família Moraceae, Gênero *Ficus*, Espécie *gomelleira*. Nome científico: *Ficus gomelleira*. É uma árvore de grande porte, que solta bastante látex quando ferida. Possui raízes espalhadas e sua madeira macia vem sendo utilizada para fazer gamelas. Por tudo que foi dito, percebe-se que o correto seria chamar gamela de GOMELA, uma vez que a árvore que cede sua madeira para a confecção da referida vasilha é cientificamente denominada *gomelleira*. Tem nome popular de lombrigueira e mata-pau, pois ao crescer junto à outra árvore já formada, como uma epífita, tende a matar o hospedeiro e tornar-se uma árvore autônoma. A folha da gameleira não deve ser usada em qualquer ocasião, pois ela é muito quente e possui a característica de fixação, podendo fixar comportamentos inadequados. **Ìrókò ki silẹ. Eró ìrókò iso ero** = A essência deve fixar-se. Saudamos **ìrókò**, para que esta árvore ajude a fixar o **oríṣa**, os pensamentos, as ideias e os projetos.

O fato de **ìrókò**, que vive mais de duzentos anos, simbolizar longevidade e durabilidade das coisas, ajuda a fazer com que esta árvore seja ligada a **Ẹjónilé, ọdú** que fala em completude do processo iniciático: jornada tão difícil que tende a danificar o corpo físico do “peregrino”, fazendo com que este termine por necessitar de um cajado para completar sua caminhada. O instrumento do **ọdú Ẹjónilé** é o **ọpaṣṣòrò**, o cajado de **Oṣàlá**, que nele se apóia para caminhar. O cajado é o apoio do peregrino. Um dos **ìtan** de **Ifá** conta de onde veio o primeiro cajado usado por **Oṣàlá**: foi do galho da árvore **ìrókò**, que **Olorun** fez o primeiro **ọpaṣṣòrò** (ver Instrumento).

Kùndùnkù/Batata-doce

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Solanales, Família Convolvaceae, Gênero *Ipomoeae*, Espécie *bata-ta*. Nome científico: *Ipomoeae batata*. É uma raiz, um tubérculo, que veio para a Terra através do **odú Eḡjónilẹ**. Suas folhas, que podem servir como alimento, após breve cozimento, possuem a qualidade de transmitir equilíbrio, o qual é conseguido através da relação entre os opostos. O equilíbrio é uma Lei Universal porque se aplica a tudo na vida, regulando e orientando as decisões. O Princípio do Equilíbrio mostra que todas as partes de um todo devem ter a mesma atenção e dedicação, a fim de que uma ou mais partes, quando negligenciadas, não afetem o sistema inteiro. É preciso manter em equilíbrio os vários sistemas: o pessoal, o familiar, o escolar, o profissional, o social e muitos outros que formam o sistema maior de cada um. É por isso que se canta: **Kùnkùndùnkù olorí ewé, farabalè kòṣòro** = Batata-doce, folha dona da cabeça, faça com que o equilíbrio e a moderação sejam fáceis para nós.

Uma cabeça equilibrada, em harmonia, com suas forças opostas bem aproximadas, gera estabilidade mental e emocional, fazendo com que a pessoa tenha comportamentos moderados e prudentes. Enfim, que possua autodomínio sobre suas forças. A batata-doce é usada dentro de casa, não só com o intuito de decorar, mas também de equilibrar a cabeça de seus habitantes. Afinal, na cultura **yorubá** Cabeça é um **oríṣa**, na verdade, o mais importante, pois **Orí** faz o que os **oríṣa** não fazem, acompanha Seu devoto na longa viagem pelo universo. Cabeça é o único **oríṣa** que segue Seu devoto para onde ele for mesmo depois de morto. Foi o **odú Eḡjónilẹ** que revelou para **Òrúnmilà** como fazer para que as divindades tivessem cabeça e a divindade **Orí** (Cabeça) tivesse um corpo permanente (**Ìtan 1**).

Obì/Obì

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Sterculaceae, Gênero *Cola*, Espécie *aculminata*. Nome científico: *Cola aculminata*. O **obì** tão utilizado no candomblé, como oferenda para os **oríṣa** e também como oráculo é uma semente de uma árvore africana que cresce muito rapidamente e atinge até oito a vinte metros de altura, mas que só começa a produzir frutos a partir do quinto ano. Para o **odú Eṣonile** se oferece **obì**, e não **orógbó**.

Ódàn/Figueira Africana

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Rosales, Família Moraceae, Gênero *Ficus*, Espécie *thoningii*. Nome científico: *Ficus thonningii*. Planta conhecida no Brasil como mulemba, nome que provém de **mulèmbà**, palavra advinda de um antigo reino africano – **Ndongo**. A figueira africana é frondosa e de porte elevado, chegando a atingir vinte metros de altura. Sua raiz é bem implantada no solo, diferente do **irókò**: árvore de grande porte que pertence à mesma família de **ódàn**. As folhas verde-escuro brilhante de **ódàn** tendem a se localizar na extremidade dos galhos, que também sustentam raízes aéreas. As flores pequenas, amarelas ou vermelhas, quando aparecem, ficam abaixo das folhas. Do tronco acinzentado, é extraída uma seiva leitosa, um látex, o que faz com que a figueira africana seja considerada uma árvore latescente, característica comum às árvores da Família Moraceae.

Ódàn é uma grande árvore em muitos sentidos. É na sombra de sua copa arredondada e imensa que os reis das tribos africanas se reuniam para discutir seus conflitos, contar histórias, realizar jogos divinatórios. “**Ódàn òní ki dáre. Omi Ódàn, òní ki Du**” = “Mulemba deve hoje decidir em favor de... O sumo de mulemba deve hoje fazer com que uma demanda seja recusada”. É a árvore real dos angolanos, também chamada de “árvore do chefe” e “árvore do poder”. É o pilar sagrado desse povo, que a localizava normalmente no centro de suas aldeias. Era a árvore que escolhia seu lugar de destino, e não o contrário: quando plantada em um lugar e a estaca secava, outro lugar deveria ser escolhido, invocando sempre os ancestrais. Afinal, no local que mulemba está plantada o contato com o sobrenatural é implantado.

No rico simbolismo da árvore mulemba está incluída a longevidade, característica típica do **odú Èjónilé**. Essa é uma das razões pelas quais mulemba é um importante patrimônio natural e cultural dos angolanos. Os brasileiros e os portugueses, vinculados física e afetivamente a esse povo, também adoram a figueira africana, não só em ritos religiosos, como também de maneiras diversas. O compositor baiano Carlinhos Brown escreve: “Mulembeira milenar, da magia Kalundu, Angola ritual, africanos Olodum. É mulemba xangola, Salvador da tradição, mulemba xangola, unidas nações. Saudai-vos agora, é mulemba xangola.” O poeta luso-angolano, Aires de Almeida Santos, realça as características físicas e simbólicas da mulemba: “No bairro da rua, pisadas, por toda a gente... Como as folhas da mulemba, foram-se os sonhos gaiatos dos miúdos do meu bairro. De dia, espalhavam visgos nos ramos e apanhavam catitus, viúvas, siripipis... De noite, faziam roda, sentados, a ouvir, de olhos esbugalados, a velha Jaja a

contar histórias de arrepiar do feiticeiro Catimba... Como o meu bairro mudou... porque a mulemba secou..."

O **òdú Èjónilé** nos conta que Camaleão, que era escravo de **Oṣàlá**, fugiu. Mas quando um pano vermelho foi posto sobre a árvore **òdàn**, Camaleão ficou com a mesma cor da roupa e apareceu. Para o candomblé de **Kètu**, mulemba é tão sagrada que apenas alguns sacerdotes, muito bem preparados, fazem uso de suas folhas, principalmente para que a justiça seja feita, para que conflitos terminem e para que a saúde seja resgatada: **Ódàn rere padà fún mí. Ara gbogbo là ìra fiṣó ké** = Mulemba, transforme para mim toda substância decadente em bem estar, prosperidade, saúde, que tudo renasça e tome o lugar do choro.

Ògèdè àgbágbá/Banana-da-terra

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Malvaceae, Gênero *Musa*. "Considera-se existir uma única espécie (*Musa paradisíaca*), com várias subespécies. Outros agrupam as bananeiras atuais em três categorias: *Musa canandisshii* (banana-nanica e afins), *Musa paradisíaca* (banana-da-terra ou banana-comprida e variedade próxima), *Musa sapientum* (banana-da-prata e similares). Porém, taxonomistas contemporâneos identificam a maioria das bananas como *Musa acuminata* e *Musa balbisiana* ou um híbrido de ambas." A banana-da-terra é a única espécie nativa do Brasil, por isto mesmo foi assim denominada pelos africanos, querendo dizer: a banana da terra Brasil. Os negros africanos ao encontrarem a banana-da-terra no Brasil deram-lhe o nome **yorubá ògèdè àgbagba**, significan-

do a mais velha de todas. Se os regidos por **Eḡḡḡḡḡ** comerem banana-da-terra estimularão o instinto de ingratidão que possuem, como também ficam propensos a atrair este sentimento. Por essa razão, a banana-da-terra, um pseudofruto, é interdito para os regidos pelo **oḡú Eḡḡḡḡḡ**.

Ọkán/Ọkán

“Planta rasteira e espinhosa usada na medicina”, que brota abundantemente. No **oḡú Eḡḡḡḡḡ**, a garça real cinzenta diz: “... Sem dúvida! O espinheiro **ọkán** brota abundantemente e acaba por alcançar o caminho. Entretanto, o assunto mais importante é o assunto de **Ifá**. **Ọkán** cresce profusamente e quase que impede o caminho. Entretanto, o assunto mais importante é o assunto de **Ifá**.”

Ọpẹ/Palmeira

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Liliopsida, Ordem Arecales, Família Arecaceae, Gênero **Elaeis**, Espécie **guineensis**. Nome científico: **Elaeis guineensis**. As palmeiras não são árvores, já que o diâmetro de seus caules não é capaz de formar um tronco que produza madeira (existindo palmeiras até que o caule é subterrâneo). São, portanto, plantas arborecentes de natureza perene. Arecaceae é a única família da Ordem Arecales, mas são vários os gêneros pertencentes a ela, incluindo alguns muito conhecidos no Brasil, como: **Attalea** – piaçava; **Bactris** – pupunha; **Copernicia** – carnaúba; **Euterpe** – açai; **Mauritia** – buriti; **Orbignya** – babaçu; **Raphia** – palmeira-da-ráfia; **Cocos** – coco-da-bahia; **Elaeis** – DENDÊ.

Da seiva retirada do caule de algumas espécies de Arecáceas são produzidos os vinhos de palma, o qual só pode ser extraído da palmeira cuja flor é masculina. Esse tipo de vinho, chamado pelos **yorubá** de **ẹmu**, é um dos **ẽwó** de **Oṣàlá**, assim como é também o azeite-de-dendê (**epo pupa**), fabricado a partir da polpa (**ẹyìn**) do fruto de cor alaranjada, cujos cachos só são encontrados no dendezeiro que produz a flor feminina. Da amêndoa do fruto é extraído o óleo-de-palma (**yánkò, adín, ṣoṣo**), um óleo branco que é usado para **Oṣàlá**, mas que é um dos interditos de **Èṣu**. Na verdade, do dendezeiro muita coisa é feita: das folhas (**àko**) e nervuras são feitos cestos, esteiras, vestimentas, cobertura para cabanas...; dos resíduos deixados pelo azeite-de-dendê se podem fazer defumadores e quando são acessos iluminam o ambiente (**ẹyìn** = brasa). Para **Oṣàlá** se canta: **Baba buru kan ẹyìn awo. Baba buru kan ẹyìn òrun** = O pai está doente, amargurado, por causa do mistério do fruto da palmeira; o pai está doente, amargurado, por causa da essência do fruto da palmeira.

O dendezeiro (**òpẹ**) é considerado a primeira planta da Terra, tida, inclusive, como o próprio **Oṣàlá**. Se a relação do dendezeiro com **Oṣàlá** não for suficiente para considerar esta planta como pertencente ao **ọdú Eḵónilẹ**, deve-se então fazer a comparação entre as seguintes palavras da língua **yorubá**: **òpẹ** = palmeira e **ọpé** = gratidão, sentimento que tende a provocar todo tipo de problema aos regidos pelo referido **ọdu**, que sobre a palmeira diz: "A palmeira é mais influente que as outras árvores na floresta; O fruto da palmeira é sua glória. O filho é a glória de alguém."

A folha jovem da palmeira dendenzeiro constitui-se um "capítulo" à parte: Ela é o **màrìwò**, palavra que pode ser escrita de

duas maneiras e traduzida de formas opostas, empregando-se analogia inversa: **Màrìwò** = Não observe o que está escondido, para você não se perder; **Māríwo** = Eu vou descobrir os mistérios.

Owù/Algodão

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Malvales, Família Malvaceae, Gênero **Gossypium**. As Espécies utilizadas para fins têxteis são várias. O algodoeiro pertence à **Oṣàlá**, principal **oríṣa** que fala no **ọdú Èjọnilẹ**. O tecido feito do algodão é o preferido desse **oríṣa**. Simbolicamente, o algodão serve para limpar as mágoas, as feridas da alma. Serve também para **ẹbọ** de iluminação de caminho, pois era com ele que se fazia o pavio das lamparinas, os quais eram alimentados com azeite.

Şaworo/Şaworo

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Sapindales, Família Sapindaceae, Gênero **Cardiopermum**, Espécie **grandiflorum**. Nome científico: **Cardiopermum grandiflorum**. A relação do **ọdú Èjọnilẹ** com **şaworo** se deve ao fato de ser uma planta consagrada a **Ifá**. Ela é usada em forma de sopa para propiciar fertilidade à mulher que não tem filhos.

Tètè Èlégun/Bredo-com-espinho (ver Èdá-Òwéko/Tètè)

Reino Plantae, Divisão Magnoliophyta, Classe Magnoliopsida, Ordem Caryophyllales, Família Amaranthaceae, Gênero *Amaranthus*, Espécie *spinosus*. Nome científico: *Amaranthus spinosus*. A semelhança dos nomes em **yorubá** do bredo-quente – **tètè èlégun** ou **tètè gún** – e do bredo-frio – **tètè égun** – possibilita a confusão entre as duas espécies. Bredo-com-espinho serve para assentar **Èṣu** e quando pulverizada serve para afastar inimigos e pessoas indesejadas (como é o caso também da cajazeira). É uma planta usada para que se fique mais atento em situações de guerras, com o nome de **tètè èlègún**, cuja tradução literal é “tem cuidado com a guerra”. No **odú Èjónilé**, Palmeira pede ajuda para ter filhos a **tètè gún**, que tem muitas, muitas sementes.

■ Èdá-Èlémi Reino Animal

No reino animal, o **odú Èjònile Méjì** está vinculado com: **èiyẹle** = pombo doméstico, que nos encantamentos feitos no Brasil pode servir como substituto da garça, que é a ave africana **lékeléke**, também chamada de grou de plumagem branca; **adabà** = pomba-rola, ave que também faz parte da família dos pombos domésticos. Seu nome **ori-oriri** = juriti, ave chamada de pombo-selvagem, **erin** = elefante; **ẹtu** = antílope; **ìgbín** = caracol; **òfòrò** = esquilo; **ògà** = camaleão; **ọká** (serpente sagrada para o povo **yorùbá**, cujas presas servem para a preparação de pós-mágicos) ou **ejò** = cobra; **òkiti-ěrá** = cupim; **ọlulu** = formiga branca.

Èiyẹle/Pombo

Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Aves, Ordem Columbiformes, Família Columbidae, Gênero **Columba**, Espécie **livia**. Nome científico: **Columba livia**. Dessa espécie é o pombo-doméstico. O casal de pombos é geralmente constante: O macho reverencia a fêmea e ambos, arrulhando, acariciam-se na cabeça antes do coito; alimentam-se mutuamente com uma massa regurgitada; a fêmea põe apenas dois ovos, que são incubados tanto pelo

macho como pela fêmea; é também responsabilidade do casal a alimentação do filhote; o “lar” é muito importante para os pombos. Tudo isso faz desses animais um grande símbolo do amor conjugal, sendo esta uma das razões para simbolizar o **ødú Ejónilè**. Além disso, foi através desse **ødú** que a pomba pode ter casa e passou a ser um animal doméstico (**Ìtan** 44).

No candomblé, o pombo substitui a garça, que é denominada **lekéleké**, também chamada de grou africano de plumagem branca. Os pombos, em geral, são considerados “mensageiros do céu”, mas é o pombo-correio, descendente do pombo doméstico, que é mensageiro por excelência pelo fato de ser capaz de voar mais de 500 km por dia, à velocidade média de 50 km/h. O pombo possui excelente sentido de orientação, podendo localizar seus ninhos e/ou pombais a mais de 1000 km de distância. Conseguem também detectar sons a longas distâncias, impossíveis para a maioria dos outros animais. Pelos motivos acima citados, em **ẹbọ**, o pombo é usado para levar as coisas para bem longe: doença, morte e também pedidos de bons augúros para os deuses. A pomba doméstica veio da África para o Brasil no início da colonização portuguesa. O pombo juriti, também conhecido como pombo-selvagem, da Família Peristerídeos (*Leptotila verreauxi*), não pode ser usado para o **ødú Ejónilè** (ver **Ìtan** 44).

Ori-Oriri/Juriti

Juriti é uma ave chamada de pombo selvagem, apesar de fazer parte da Ordem e da Família dos pombos domésticos. Seu nome científico é *Leptotila verreauxi*. Vivem em casais, mas tendem a viver sozinhas, passando muito tempo no chão. São aves que ra-

ramente são vistas, pois não é comum saírem da vegetação emaranhada onde vivem. Não são vistas facilmente, mas seu lindo canto é ouvido de longe.

Adabà/Pomba-rola

Pomba-rola também faz parte da família dos pombos-domésticos. Seu nome científico é *Streptopelia turtur*. Apresenta médio porte e plumagem, geralmente, cinzenta. É uma espécie migratória, mas muito territorial na época de acasalamento. Existe uma música cantada para Şàngó, que diz: **Adabà wá ilé àgbabó** = Pomba-rola (aqui representando Şàngó) vem para casa para rever os filhos de criação.

Eḡtu/Veado

Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Mammalia, Ordem Artiodactyla, Família Cervidae. **Eḡtu** é uma espécie de veado, que pelo fato de suas galhas se renovarem periodicamente, simboliza o renascimento ou nascimento da luz. “Nós chamamos as crianças. Nós lhes dizemos que devem acordar... Nós dizemos às crianças que todos os animais já estão acordados. Elas saem das moradas onde dormiram. Os Cervos as guiam. Ele vem das matas onde mora, trazendo seus filhotes para a Luz do Dia. Nossos corações estão jubilosos... O cervo simboliza rapidez”. Os saltos dados pelo veado é um dos recursos que o **odú Eḡḡḡḡḡ** (Ìtan 4 e Simbologia/Fífò) usa para derrotar um adversário, seja ele concreto ou abstrato. O **odú Eḡḡḡḡḡ**, que curou um aleijado com a ajuda de um antílope, diz: **Eḡtu tù kí olo wò nímò. Ni nú lò o tí ire ẹ fò ebi ré wá** = O veado trata do doente a fim de aliviar a dor

do sensato senhor. Para não se perder na jornada, ele usa o encorajar e o empurrar, saltando-lhe para cima, para que caminhe, se mova em direção à bondade, bençãos e benefícios.

Erin/Elefante

Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Mammalia, Ordem Proboscidea, Família Elephantidae. Do Gênero *Elephas* é o elefante asiático, cujo nome científico é *Elephas maximus*. Do Gênero *Loxodonta* são as duas outras espécies que também ainda não se extinguíram: *Africana* e *Cyclotis*. O elefante aparece em **Ẹ̀jónilé** relacionado à **Oṣàlá**, chamado de **Erinjalọ** – Elefante Livre. O marfim das presas desse animal é símbolo de pureza, de incorruptibilidade, mas também de poder, pois apesar de ser uma substância fina, é resistente e por isto serve como arma de defesa dos elefantes. O marfim possui uma dureza que o torna quase que inquebrantável. No **ọ̀dú Ẹ̀jónilé**, o elefante é usado para demonstrar a fraqueza decorrente do orgulho que possuem aqueles que, por se considerarem grandes e poderosos, menosprezam a força que vem da astúcia dos pequenos. O orgulho é um sentimento que faz com que uma pessoa se sinta mais elevada que a outra e é um dos grandes empecilhos para que o iniciado alcance as últimas etapas de sua evolução. O iniciado precisa aprender a usar, com humildade, o poder que adquiriu. Alguns iniciados fazem uso, de maneira simbólica ou real, de autoflagelação, com o intuito de extirpar sentimentos e comportamentos que possam vir a atrapalhar sua caminhada. O **ọ̀dú Ẹ̀jónilé** fala sobre tudo isso, através da armadilha que o passarinho fez para o elefante (**Ìtan** 26).

Ìgbín/Caracol

Reino Animalia, Filo Molusco, Classe Gastropoda (literalmente, animais que possuem um só pé, o qual fica localizado no estômago), Ordem Pulmonata, Família Achatinidae. Molusco pertencente a vários gêneros e a milhares de espécies, o caracol é originário de África, Europa e América do Norte. Os caracóis africanos comestíveis mais comuns são: *Achatina achatina*, cujo nome **yorubá** é **isan**; *Achatina fulica* conhecido como caracol-de-jardim, de nome **yorubá ipere** e *Archachatina marginata*, o “famoso” **ìgbín**. Animal que participa da Criação da Terra, o caracol comestível (**ìgbín**), é a comida predileta de **Oṣàlá** e seu líquido é usado para “amolecer” o coração deste **orìṣà**. **Oṣàlá** é o Grande Caracol Branco, como pode ser ouvido em uma das músicas cantadas para saudá-Lo: **Baba pè ré kẹ te. Pè ré kẹ tè iwa. Ìgbín alābò Ijẹníyà. Pè ré kẹ te iwa** = O pai convida a ser cordial, a ter calma e respeito. Convida a ser cordial, a ter calma e respeito no comportamento. O Grande Caracol Branco, o patrono do castigo, convida a ser cordial, a ter calma e respeito no comportamento. A espiral, forma do caracol, simboliza a “rotação criacional”, o processo de evolução que ocorre através de ritmos repetidos ciclicamente. Nele está “escrito” duas das mais importantes Leis Universais: A Lei da Evolução e a Lei dos Ciclos. O **ìgbín** possui dois tipos de chifre na cabeça, sendo, assim, chamado de “boi de **Oṣàlá**”. Esses chifres aparecem e desaparecem, lembrando por isso o tema do eterno retorno (ver Simbologia/**Patiyẹ**), da morte e renascimento.

Òfòrò/Esquilo

Reino Animales, Filo Chordata, Classe Mammalia, Ordem Rodentia, Família Sciuridae, Gênero *Sciurus*, Espécie *aestuans*. Nome científico: *Sciurus aestuans*. A essa mesma ordem pertencem os animais: preá, cutia, paca, ouriço-cacheiro, porco-espinho, capivara, rato. O adjetivo serelepe foi o nome dado ao esquilo brasileiro pelos negros escravos. Quando dirigido a uma pessoa, significa que ela é esperta, viva, astuciosa, artilosa, irrequieta. Serelepe é o nome dado ao único esquilo encontrado na Mata Atlântica, e é assim chamado por ser ágil e preciso em seus saltos. No **òdú Eǰónilé**, o esquilo aparece como um ser imprudente (**Ìtan** 5), fazendo uma analogia inversa às suas características de animal que planeja e prepara seu futuro, já que guarda suprimentos para tempos ruins. Essa analogia inversa parece querer mostrar aos regidos por **Eǰónilé** uma necessidade que eles têm: a necessidade de serem mais realistas.

Ògà/Camaleão

Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Reptilia, Ordem Squamata, Família Chamaeleonidae. No Brasil, o animal chamado camaleão é uma espécie de réptil da Família Iguanídeos. Já em África, é da Família Cameleontídeos. Ele é o mensageiro de **Oşàlá**. No processo de Criação da Terra, o camaleão foi o fiscalizador. Ele foi responsável por identificar se a Terra estava firme ou não. Camaleão é uma divindade chamada de **Agemo**. Seu culto exige que durante a cerimônia os homens permaneçam em pé e as mulheres ajoelhadas com as cabeças curvadas. **Agemo** veste-se de branco como Seu pai– **Oşàlá** –. Camaleão disputou o poder

com Seu pai e recebeu como castigo ter os intestinos devorados pelas formigas. Por isso **Agẹmọ** dança tapando o estômago com as mãos. Apesar de a divindade **Agẹmọ** vestir-se de branco, o animal camaleão possui “todas” as cores. A capacidade de mimetismo que possui permite que faça uso dela para ficar invisível, quando necessário. Adaptando a coloração de sua pele ao ambiente em que está, pode circular pelos lugares evitando ser molestado, o que é ainda mais facilitado pela visão espetacular que tem, pois consegue enxergar o espaço em que está de maneira ampla. Unido a tudo o que já foi dito sobre o camaleão, o mais importante é o fato de, miticamente falando, ele ter sido o primeiro ser vivo a pisar na Terra, o que lhe garante uma grande experiência acumulada.

Ọká/Serpente

Reino Animalia, Filo Chordata, Classe Reptilia, Ordem Squamata, Subordem Serpente. Animal apreciado como oferenda por **Ọrúnmilà**, está vinculado a **Eḡjónilé** principalmente pelo fato deste **ọdú** falar de conversas em excesso e maledicências. Em diferentes culturas, a serpente é relacionada à traição, intriga, falsidade: **Ọsúdí Erèké** = Senhor das coisas nubladas, emaranhadas, falsas e mentirosas como as serpentes (**Ìtan** 14). Não é de se estranhar que na cultura africana também essa relação seja feita. Afinal, na língua **yorubá** a palavra **ejó** significa serpente e **ejó** significa problema, caso, fofoca. Tudo isso pode ser explicado, de maneira simbólica, pelo fato de as serpentes manterem suas línguas constantemente fora da boca. E a língua é uma chama que purifica ou destrói, a depender de como seja usada. Saber

controlar a língua é conseguir ser dono de si mesmo. Os regidos por **Ẹ̀jónilé** destroem e são destruídos pelas infâmias produzidas pela língua. Mas em **Ẹ̀jónilé**, a serpente também significa renovação: **Ọ̀ká jóko pẹ̀pẹ̀ ré pé** = A serpente sentou no altar, a fim de mudar a pele, renovar-se (**Ìtan** 5). **Ẹ̀jónilé** ensina a usar pele de cobra, juntamente com o sal (substância que é conseguida através do processo de evaporação), para afastar inimigos: **Ẽ̀jògòdòlẹ̀ ẹ̀fo ni mọ̀ pé ìfàmi** = A solicitude reconhece o preguiçoso, coloca pele de cobra que se desprende periodicamente e um saco de sal, a fim de fazer com que o inimigo aspire e a boa sorte volte. A serpente se arrasta porque, desobedecendo ao **ẹ̀bọ̀**, não ofereceu a roupa com que se vestia (**Ìtan** 6).

Òkiti-Èrá/Cupim ou Ọlulu/Formiga Branca

Reino Animalia, Filo Arthropoda, Classe Insecta, Ordem Isoptera, Família Rhinotermitidae, Gênero *Coptotermes*, Espécie *haviglandi*. Nome científico: *Coptotermes haviglandi*. "Apesar de a vida dos cupins ser, geralmente, semelhante à de suas primas, as formigas, diversos elementos simbólicos lhe são peculiares... garante e protege as colheitas... e talvez por isso se obtenha chuva no Kampucheu (Camboja) enterrando uma vara no cupinzeiro" (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 318) O **ọ̀dú Ẹ̀jónilé** diz: "Carregando e descarregando da mesma forma que o indo e vindo nunca termina na casa das formigas e cupins." A formiga, juntamente com o cupim, encontra-se no **ọ̀dú Ẹ̀jónilé** para se referir à fertilidade vinculada à água. Para alguns povos africanos os "ritos de fecundidade permanecem associados à formiga: as mulheres estéreis vão sentar-se em cima de um formigueiro para pedir ao deus

supremo, Amma, que as faça fecundas... os bambaras acreditam que as formigas ditas ndiginew estejam em ligação com a água invisível do subsolo. ***Também, quando se quer perfurar um poço, não se poderia escolher um melhor lugar que o de um formigueiro.*** A terra desse formigueiro, utilizada ritualmente por determinadas sociedades iniciáticas, em relação com o abdômem e as funções digestivas do homem, simboliza a energia circulando nas entranhas da terra, prestes a manifestar-se sob forma de fonte ou nascente” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 448).

■ Ìjọba Aráiyè Reino Hominal

Essência das pessoas regidas por **Éjì-onílè**

- Tendência a não se lamentarem por problemas de doença.
- Gostam muito de serem prestativos, sem pedir nenhuma recompensa.
- Normalmente são invejados e se tornam vítimas de injúria por serem mal compreendidas em sua benevolência.
- Gostam de realizar trabalhos gratuitamente.
- Tem muitas dificuldades no relacionamento a dois.
- São criticados e são vítimas de ironia pela forma generosa com que procuram realizar seus trabalhos.
- Sofrem por concepções falsas.
- Os filhos de **Èjọnílè** são sinceros quando auxiliam alguém, mas quando se sentem afrontados, destroem impiedosamente o suposto inimigo.
- Por serem perseverantes e bondosos, é favorecida a mudança de sorte, pois **Òrúnmìlà** não acredita nas impossibilidades.

- São pacientes e tolerantes, mas, apesar de serem muito pacientes, são “cabeças quentes” e muito vingativas.
- Precisam de vida em família, mas tendem a buscar a paz fora de casa.
- A gula, a avidez, a ambição fazem parte da natureza das pessoas regidas por Eḡḡḡḡḡḡ. O Olho “pensa” mais do que a cabeça.
- A aparência das coisas e pessoas lhes chama a atenção.
- São protegidas por Ìbeḡḡ.
- Ficam impressionadas e com medo de doença, achando que ela é mais grave do que realmente é, a ponto de se descuidarem e morrerem.
- Costumam retribuir com ingratidão os favores recebidos.
- Caluniam e são caluniadas repetidas vezes.
- Tendência a encontrar um mestre, morar com ele e adquirir sua sabedoria.
- São bastante impulsivas e chegam à irracionalidade.
- Para as pessoas regidas por esse odu, os fins justificam os meios, fazendo com que seus objetivos sejam atingidos, independente do fato de interferir ou não no destino do outro.
- A capacidade intelectual é mediana. Enquanto a imaginação é excessiva.
- A ilusão é a arma de defesa.

- Trocam a qualidade pelo que é vulgar, mais fácil e mais comum.
- Indiscretas por natureza, sutileza não é o forte das pessoas regidas por esse **odú**.
- Muita proteção espiritual, pois a vida as protege da morte.
- Facilidade para boas amizades, pois são muito prestativas, atenciosas e delicadas. Elas fazem tudo por um amigo.
- Amam com intensidade e brigam com a pessoa amada também com intensidade.
- Procuram acalmar as outras pessoas, mas amam uma intriga.
- Atraem e provocam desavenças, brigas, separações, traições, fuxico e aborrecimentos em família, confusões que chegam até a polícia.
- São dramáticas, o que faz com que os outros se assustem sempre com os casos contados por elas.
- Tendência a roubar e denunciar pessoas que roubam (de maneira justa e injusta).
- São mentirosas por natureza, mentem até para si mesmas.
- Pensam ser espertas e tendem a usar esta “esperteza” para o que acredita ser o seu bem, geralmente com prejuízo para o próximo.
- Forte espírito de liderança, impedido de ser exercido com qualidade, devido ao excesso de orgulho e de vaidade.
- São boas conquistadoras, mas gostam de trair o cônjuge.

- Quando são repudiadas ou sofrem traição, são vingativas.
- Precisam ter tudo muito limpo, mas tem dificuldade em limpar e manter o ambiente limpo.
- Não admitem erros nos outros, apesar de fingir não dar importância aos seus.
- Tem tendência a ser conivente com os problemas dos amigos.

■ Ìjọba Ọrun Reino Divinal

Oríṣa citados nos mitos: do ọdú Ẹjọnile Méjì:

“Àbíkú”, Ajé, “Ìbejì”, Ìrókò, “Iyámi”, Ògún, Òkè, Okó, Olokun, Onílẹ̀, Orí, Ọmọlulu, Ọrúnmilà, Oṣagiyán, Oṣàlá, Ọsányìn, Ọṣósi, Ọṣun e Ṣàngó.

Ajé

Oríṣa Ajé é filha do ọdú Ọbarà com o ọdú Ẹjilasebòrá. A palavra Ajé significa dinheiro, o poder do dinheiro. Ajé é, portanto, um oríṣa que tem o poder de facilitar a aquisição de dinheiro. Ajé optou por presentear Suas paixões com o poder de prosperidade, uma vez que não podia dar para eles o que mais queria – amor. Ela tinha aprendido que não era possível levar para Seu *habitat* natural – as profundezas do oceano –, os homens por quem se apaixonava. Afinal, Sua primeira paixão morreu quando Ela o levou para o fundo do oceano, lugar impossível para um homem viver. Ajé é patrona dos comerciantes, principalmente, os que trabalham em mercados. A saudação para Ajé é **Sálùga** = ‘Aquele que faz com que o lucro dos humanos se torne elevado’. “Há sempre prosperidade quando Ajé Sálùga vem visitar os homens que trabalham no mercado.” Para Ajé Sálùga se canta:

- **Gbogbo ará ni iṣé fún iṣé fún màá fún sá Ajé Oríṣa. Gbogbo ará ni iṣé fún iṣé fún màá fún sá Ajé Oríṣa. Ajé Oríṣa, gbé gbé la ni ki lálá tù pọ = Oríṣa Ajé,** dê a todos da comunidade somente trabalho sem desperdício. **Oríṣa Ajé,** dê a todos da comunidade somente trabalho sem desperdício. **Oríṣa Ajé,** erga, levante, purifique, favoreça o labor sem gasto de energia.

Perder um amor por afogamento não foi a primeira lição que **Ajé** recebeu. Sua curiosidade e teimosia a cegaram. Morando no fundo do oceano, **Ajé** gostava de visitar a Terra “surfando” nas ondas do mar. **Olokun** tudo fez para que a filha não fosse tão curiosa e compreendesse que ser conhecedor de qualquer segredo, antes que se esteja preparado para tal, é algo perigosíssimo. Não conseguindo Seu intento, **Olokun** optou por dar poder a Sua filha, não sem antes continuar alertando-A dos perigos do poder. Ele disse-Lhe: “O que você der para o outro, você também receberá. Será vista pelo outro, como você se mostrar.” Ao receber poder, **Ajé** ficou mais vaidosa e Seu brilho ficou ainda maior. E, com tanto brilho, os homens que olhavam **Ajé** ficavam cegos. O poder de **Ajé** cegou homens e mulheres, fazendo também com que Ela ficasse cega. **Ajé** perdeu a visão, mas não perdeu a curiosidade, o prazer de “surfando” nas ondas do mar, de vir a Terra passear nos mercados e de se apaixonar pelos homens que pisam em terra firme. A diferença agora é que Ela sempre precisa ser guiada por Sua irmã mais velha, **Ìyèḡḡḡḡḡḡ**.

O **odú Eḡḡḡḡḡḡ** traz Consigo problemas de cegueira, que impedem que Seus filhos vejam a verdadeira realidade das coisas, tendendo sempre a buscar um mundo ilusório.

“Ìbejì” (Ìtan 23)

A maternidade de **Ìbejì** varia (o que é comum nos mitos). Diz-se que Eles são filhos de **Ọyá**, de **Ọṣun** e, às vezes, de **Ìyèmoṅjá**. Entretanto, o mais comum é dizer que Eles são filhos de **Ọyá**, mas que foram criados por **Ọṣun**. Também é comum dizer que Eles não são **oríṣa**, sendo **Ìbejì** a denominação dada às crianças que são gêmeas. Sobre **Ìbejì** existem pontos iguais em vários mitos:

- Sendo **Ìbejì** crianças gêmeas, elas brincavam muito, até que um deles terminou por afogar-se ao nadar no rio. O outro irmão ficou inconsolável. Vendo a tristeza de um de seus filhos, a mãe pediu a **Olorun** que trouxesse de volta o gêmeo que tinha ido embora. Aceitar por inteiro esse pedido **Olorun** não podia. O recurso que teve foi transformar os dois irmãos em imagens de madeira, pois assim eles nunca se separariam. **Ìbejì** são irmãos eternamente crianças, que são cultuados como estatuetas de madeira no quarto de Seu pai. Dizem serem eles filhos de **Şàngó**. A relação de **Ìbejì** com **Şàngó** pode ser identificada por dois fatores: traduzindo as palavras **ẹdun** (gêmeos) e **ẹdùn** (machado: instrumento de **Şàngó**); também pela relação que os gêmeos têm com o fogo (elemento de **Şàngó**). **Ìbejì** sempre incendiarem a casa da mãe com Suas traquinagens. Eles só foram acalmados após o nascimento do terceiro irmão: **Idou**.

Ìbejì são também chamados de **Ẹjiré** (gêmeos), razão pela qual é comum ver a relação, no candomblé, de criança com a palavra **ẽré**. Eles são considerados na mitologia africana os primeiros **àbíkú**, que foram mandados à vida pelos macacos. A palavra **yorubá ẹdun** significa gêmeos e também macaco. Conta o mito:

- Os macacos eram uma praga. Eles devoravam tudo na lavoura. O fazendeiro vivia a caçá-los. Por mais que fossem caçados, no entanto, os macacos conseguiam livrar-se, uma vez que macaco é muito “arteiro”. Quando a mulher do fazendeiro ficou grávida, ela foi advertida para que pedisse a seu esposo que parasse a caçada aos macacos, em virtude da sabedoria e dos poderes que estes possuem. E ainda lhe disseram que se a orientação não fosse obedecida, os macacos poderiam fazer com que o filho gerado fosse **àbíkú**. O fazendeiro não parou a caçada e os macacos fizeram com que nascessem dois filhos **àbíkú**: a mulher engravidava, os filhos nasciam e morriam. O fazendeiro foi novamente alertado a parar com a perseguição aos macacos, a fim de que os filhos gerados permanecessem vivos. Ele obedeceu e nasceram filhos gêmeos de novo: **Ìbejì**.

Ìbejì têm muito poder. Eles são dotados de força mística e inteligência sobrenatural. Os mitos contam que Eles fazem acontecer coisas que parecem impossíveis, como água surgir em tempo de seca e objetos perdidos reaparecem. Há ocasiões em que Eles surgem com características humanas, inspirando crianças a fazerem “peraltices”. Os poderes de **Ìbejì** servem tanto para gratificar, como para punir os humanos, por isto os gêmeos devem ser sempre agradados, principalmente com doces e brinquedos, que é o que criança gosta. **Ìbejì** são tão poderosos que têm a capacidade de enganar a morte, até conseguir afastá-la. Afinal, foi através do **odú Eḡḡḡḡḡḡ**, que é muito perseguido por Morte, que **Ìbejì** chegaram a Terra.

Ìrókò

(ver Instrumento; Ìjòba Òrun/ Àbíkú; Èdá-Ewéko/ Ìrókò)

Onílẹ̀

Èjònilẹ̀ manda que caracóis sejam ofertados à divindade da terra, a fim de que a paz volte a reinar. **Onílẹ̀** é uma divindade reservada, circunspecta, que não se deixa perceber facilmente. É dito que **Onílẹ̀** não gosta de conviver com pessoas, a ponto de cavar buraco na terra para se esconder. Anda sempre carregando um saco de terra, para se cobrir com ela quando necessário. **Onílẹ̀**, **orísa** que se veste de terra.

Ọmọlulu

Divindade feminina, algumas vezes considerada andrógina, que divide com **Ọbaluàiyé**, Rei que perfura a Terra, o ciclo de vida/morte. Ela é a Deusa dos Quadrantes (ver **Ìjòba Òrun/Òkè**).

Ọsányìn

As pessoas regidas pelo **ọdú Èjònilẹ̀** devem sempre presentear **Ọsányìn – Orísa** das Folhas –, a fim de que Ele não crie confusões. Tendo sempre o cuidado de não Lhe ofertar caracóis, por constituir-se um tabu para esse **orísa**. Conta o mito:

- **Ọsányìn** gosta tanto de criar confusões que Ele não poupou nem **Ọrúnmìlà**, que vivia angustiado sem saber quem era Seu inimigo oculto que costumeiramente Lhe preparava armadilhas. **Şàngó**, preocupado com a situação, uniu Seus elementos de **ẹbọ** com os de **Ọrúnmìlà** para tentar livrá-Lo daquelas situações. Foi então feita uma

oferenda com doze mechas de algodão em chamas e doze pedras de raio. Quando o fogo foi invocado, um raio apareceu e mutilou uma perna e um olho do criador de confusão: **Òsányìn**. Esse é o motivo pelo qual Ele é conhecido como **Arḡḡḡ** = 'Aquele que é coxo'.

Òḡḡḡ

A relação de **Òḡḡḡ** – **Oríḡḡ** Caçador – com o **odú Eḡḡḡḡ** reside no fato de Ele possuir poder para combater inimigos, principalmente aqueles que conspiram contra o outro, a ponto de desejar a morte. Ele entra na "Mata da Morte", pois se unta com pós-mágicos que O torna imune à Morte e também aos **Egún**: mortos que insistem em voltar a Terra. **Òḡḡḡ** tem uma forte ligação com **Òsányìn**, que seduziu e raptou o **Oríḡḡ** das Matas para viver com Ele. Afinal, **Òsányìn** é **Arḡḡḡ** – Aquele que força alguém assediando com convites e solicitações; 'Aquele que arma armadilhas'.

Oríṣa que falam através do ọdú Eḡṣṣile Méjì:

“Àbíkú”, “Iyámi”, Ògún, Òkè, Okó, Olokun, Orí, Òrúnmilà, Oṣagiyán, Oṣàlá, Òṣun, Şàngo.

“Àbíkú”

Os àbíkú, na verdade, não são oríṣa. São seres espirituais que fazem parte de uma sociedade chamada Ọmọ Eḡbe, a qual é composta por uma enormidade de grupos, cada um com um objetivo: os deficientes, fazer os pais terem trabalho; os que “trocam cabeça”, pois alguém tem que morrer para ele viver; os abiaṣe, aqueles que já nasceram com àṣe; os àbíkú, propriamente dito, aqueles que nascem para morrer cedo ou em uma data marcante, pré-determinada... Para cultuar os participantes dessa sociedade se deve saudar Olomúso = ‘Senhor que Amarrar’, também chamado de Alaràgbó Músò = ‘Aquele que tem poder de amarrar com corda para fazer envelhecer’. É sobre a proteção de oríṣa Ìrókò, na árvore ìrókò, que moram os seres espirituais entendidos como infantis, os quais são liderados por Olúwére = ‘Senhor que conquista a simpatia das crianças, cujos cabelos foram perdidos’ (os iniciados).

Muitas fantasias são feitas sobre os participantes da sociedade chamada Ọmọ Eḡbe: que eles já nasceram feitos e, por isto, se a iyáloriṣa raspar um deles ela morre; que eles têm poderes acima dos normais, etc. Fantasia, medo, fanatismo e vaidade. Ọmọ Eḡbe é, simplesmente, uma sociedade composta por pessoas que já foram iniciadas em outras vidas, mas que nem por isto deixam de precisar de uma nova iniciação, já que estão em outro corpo. Muitos desses

iniciados resistem (resistir não significa não aceitar) a participar do processo de reencarnação, por isto a dificuldade de mantê-los vivos.

Ọḡḡ Eḡbe: iniciado – início – criança.

Para **Alaràgbó** se diz: **Alaràgbó ẹ kú músò. Múúúsò. Músò músò. Múúúsò** = Saudamos **Alaràgbó**, aquele que tem poder de amarrar com corda para fazer envelhecer. Aplausos para quem segura (na Terra) os **àbíkú**. Que segura e amarra. Aplausos.

“Iyámi”

Mães Ancestrais, que ao virem para a Terra fizeram das copas das árvores frondosas Suas residências. Elas são **Eleiyẹ**, mulheres pássaros que moram nas árvores. São as Donas da Barriga: “O ventre é refúgio, mas é também devorador... Esse aspecto castrador do ventre deve-se, sem dúvida, ao fato dele ser especificamente a sede dos apetites, dos desejos, cuja voracidade pode parecer assustadora para aquele que não ousa aceitar a sua animalidade profunda” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 937). Esse é o motivo principal para o temor que as pessoas sentem das Mães Ancestrais. Elas estão ligadas à profundidade do ser; vinculadas aos primórdios da existência na Terra, quando os instintos comandavam o viver:

“Na análise moderna, o símbolo da mãe assume o valor de um arquétipo. A mãe é a primeira forma que toma para o indivíduo a experiência da **anima**, isto é, do inconsciente. Este apresenta dois aspectos, um construtivo, outro destrutivo. Ele é destrutivo na medida em que é a origem de todos os instintos... a totalidade de todos os arquétipos... o resíduo de tudo o que os homens viveram desde os mais remotos inícios, o lugar da ex-

periência supraindividual. Mas ele tem necessidade de se realizar, pois não existe a não ser em correlação com ela, coisa que distingue o homem do animal. Deste último, pode-se dizer que ele tem os instintos, não o inconsciente. É precisamente dentro dessa relação que pode se instalar e causar estragos o poder do inconsciente. Devido à superioridade que procede de sua natureza impessoal e da sua qualidade de fonte, ele pode voltar-se contra o consciente nascido dele e destruí-lo. Seu papel é, então, o de uma mãe devoradora, indiferente ao indivíduo, absorvido unicamente pelo ciclo cego da criação” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 581-582).

As **Iyámi** são as grandes feiticeiras, cujo feitiço é terrivelmente destrutivo e seu **àṣẹ** altamente construtivo. Aborrecem-se com facilidade, pois são velhas e nada é novidade para Elas: **Iyágbami ki yò màmà ṣòrọ̀ bàbà siwaju mi bò mi** = “Mãe amadurecida, velha, diferente, que não está contente nem conformada nunca e é muito dura. Pássaro que voa diferente, sempre para frente, cubra-me, proteja-me.” Elas são as grandes feiticeiras, as grandes transformadoras, sendo o ventre o lugar de transformação por excelência. É o laboratório alquímico onde se trabalha para que o chumbo se transforme em ouro, onde a pedra bruta deverá transformar-se em pedra filosofal e o homem embrutecido em um ser nobre, valioso e iluminado, um ser centrado.

As **Iyámi** e o **odú Eḡonile** têm forte ligação com as serpentes, um dos mais primitivos animais, como também é primitivo o comportamento instintivo, visceral. Através do alimento preferido das **Iyámi**, as vísceras, principalmente o intestino grosso, pode-se compreendê-las um pouco mais: “o intestino delgado corresponde ao pensamento consciente, analítico, o intestino

grosso corresponde ao inconsciente, no sentido literal, 'ao sub-mundo'. Simbolicamente, o inconsciente sempre foi considerado o reino dos mortos..."No culto às **Iyámi**, cultuam-se os ancestrais femininos, representados pelas aves. No **Ipàdé** Elas também são veneradas, cantando-se: **Wá ágbá wa ẹiyẹ** = Purifique-nos, velho pássaro.

Os filhos de **Eḡḡḡḡḡ** acabam sempre casando com alguém que faz parte do mundo da feitiçaria.

Ògún

Oríṣa guerreiro, violento, impulsivo, que gosta de criar situações de briga, mas que ao ser alimentado, principalmente com cão, Ele se esquece de criar confusão. **Eḡḡḡḡḡ** fala sobre a necessidade de se ter paciência para que se possa suportar os sofrimentos, mostrando as conseqüências da impulsividade de **Ògún**, que resultou em Sua fuga para a floresta, onde os galhos e espinhos rasgaram Suas roupas, fazendo com que Ele se cobrisse com **màrìwò**. Outras oferendas também acalmam **Ògún**: inhame assado, azeite-de-dendê, moedas..., fazendo com que Ele ajude a quem precisa evitar as difamações sofridas, vindas de pessoas que não fazem parte da família ou mesmo dos de dentro de casa.

Oríṣa muito importante para os regidos por **Eḡḡḡḡḡ** porque **Ògún** é 'Aquele que abre os caminhos'. Esse é Seu principal atributo: limpar os caminhos, se necessário for até abrir estradas, para que os peregrinos possam atravessá-las, aprendendo todas as lições que eles têm para ensinar e, por fim, atinjam o objetivo final que é a transformação da pedra bruta em Pedra Divinizada. Afinal, **Ògún** é também "o transformador" que, através de Sua

função de ferreiro, pôde fazer com que a Terra passasse da fase de caça para a de agricultura cultivada.

Òkè

Sem **Òkè** a Terra não existiria, por isto é que se deve fazer sempre oferenda para este **orísa** tão esquecido.

- Antes de se tornar Montanha, **Òkè** era um simples Monte que surgiu do fundo do oceano, a fim de que a humanidade pudesse existir, pois teria terra firme para pisar. Como no início dos tempos tudo era água, os homens não conseguiam viver nem no fundo do mar, nem sobre ele. Em virtude de Seu feito, Monte era um **orísa** amado e cultuado por muitos e, por isto mesmo, invejado por alguns, que desejavam até matá-Lo. Sabe-dor de que uma conspiração contra Ele estava sendo armada, e como não possuía armas, buscou ajuda com os divinizadores que Lhe aconselharam a colocar oferenda nos quatro cantos da cidade. Quando foi atacado, nada de ruim aconteceu com Monte, ao contrário: Ele foi crescendo, crescendo... carregando Consigo Seu povo, que era pacífico e silencioso. Monte se transformou em **Òkè** – Montanha –.

No **odú Eḡonile**, **Òkè** é muito atacado, mas sempre se salva, chegando até mesmo a transformar-se de morro em montanha, pois não negligencia seu **ẹbọ**, o qual está vinculado ao número quatro, que significa solidez e equilíbrio, "o terrestre, a totalidade do criado e revelado."

No morro nasceu **Eḡḡḡḡḡ**, que era grande em Sua simplicidade e, assim como **Òkè**, sofria constantes ataques de inimigos que se considerando poderosos não admitiam a popularidade que este **ḡḡḡ** possuía. Os ataques eram de todos os tipos, porém os mais comuns eram os que faziam uso de objetos perfurocortantes que, tendo ponta e gume, perfuram e cortam ao mesmo tempo. Quanto mais conspirações eram feitas, mais fortalecidos ficavam **Eḡḡḡḡḡ** e **oríṣa Òkè** que, escapando sempre de Morte, adquiriram o poder de longevidade. Eles ficavam fortes, mas não perdiam a sensibilidade, o que Os tornavam muito honrados. Protegidos pelos Sacerdotes de **Ifá**, nunca deixavam de fazer os **ḡḡḡ** recomendados que, entre outros elementos, fazia uso de enxada para afastar hostilidade e inimizade.

Okó (ver Instrumento)

A relação de **oríṣa Okó** com o **ḡḡḡ Eḡḡḡḡḡ** refere-se, mais precisamente, a dois pontos: os problemas de impotência sofridos por ambos e o fato deste **oríṣa** ter sido expulso da cidade para a fazenda. Os regidos por **Eḡḡḡḡḡ** têm impedimento de viverem em zona rural.

- Era a pressa, e também a preguiça, que impedia **oríṣa Okó** de ser produtivo, em todos os sentidos. A vergonha de ser impotente sexualmente foi um dos motivos que fez com que Ele fugisse da cidade. Seu nome era **Arḡḡḡḡḡ Àḡḡḡḡḡ** = 'Aquele que é murcho para dar a luz e puro de fazer cortar o coração'.

Outros mitos, porém, mostram que não foi esse o único motivo de **oríṣa Okó** tornar-se fazendeiro.

- **Olorun** Lhe confiara a missão de cultivar a terra, exatamente por Ele ser casto. Missão que só conseguiu cumprir com a ajuda de **Ògún**. Antes de aceitar a referida missão, **orísa Okó** “aprontou” muito: Ele era rico e não precisava trabalhar. Tocador de pífaru, possuidor de uma linda voz e exímio conhecedor das cantigas de **orísa** e versos de **Ifá**, vivia Sua juventude sem assumir nenhuma responsabilidade. Pior ainda, divertia-se a custa dos outros, chegando até mesmo a causar tragédias, sendo um dos motivos pelos quais foi expulso de **Iworo**, passando a viver solitariamente tendo como companhia apenas um pífaru e um cachoro.

Outro mito, entretanto, mostra que **orísa Okó** não foi expulso, Ele foi morar na fazenda decepcionado com a ingratidão que sofreu de Seu povo, ingratidão tipicamente sofrida e também feita pelos regidos por **Èjónilé**. No final da vida de **orísa Okó**, Seus descendentes, considerando que a vida no campo é muito trabalhosa para um ser idoso e solitário, o convenceram a retornar para a cidade. **Okó** é **orísa** do campo, que também passou a ser cultuado pelo povo da cidade. Ele é reverenciado através de um cajado, representativo daquele que O apoiou em vida, ou através de um pênis entalhado.

Olokun

O último sacrifício que **Èjónilé** fez antes de se tornar próspero foi nas margens do oceano (**òkun**), quando Ele ofereceu caracóis a **Olokun** – Divindade dos Oceanos –, em agradecimento por ter sido coroado Rei dos **Ọdu**. **Olokun** que, a princípio,

podia viver tanto sobre a terra quanto nas profundezas do mar, instalou-se, definitivamente, nos oceanos quando Sua condição anfíbia foi descoberta. **Oríṣa** de natureza acolhedora, **Olokun** passou a receber as águas vindas dos rios, quando a Terra correu o risco de ser inundada, devido ao fato de **Olosa** – Divindade da Lagoa – não ter feito as oferendas recomendadas, na época em que a Terra passava por um grande período de seca e as duas divindades – **Olokun** e **Olosa** – pediram ajuda a **Olorun**, que fez cair chuva em abundância. **Èjọnilẹ** mostra que **Olokun** aceita não só as águas das chuvas e dos rios, mas também todo tipo de sujeira: **Olokun ìsẹmiadé** = ‘**Oríṣa** abnegado que possui uma coroa diferente’.

Orí

Foi através de **Èjọnilẹ** que Cabeça se uniu às outras partes do corpo, formando um todo e passando a tomar as decisões. Cabeça não se deixa enganar pelas aparências, como Seu irmão mais velho – Olhos –. E uma das mais importantes decisões que o **oríṣa Orí** tomou foi atirar cada divindade para uma determinada localidade, para que assim elas passassem a ser cultuadas. É claro que Cabeça tem forte ligação com o **ọdú Èjọnilẹ**, já que quando um homem nasce é Ela a primeira a receber a luz, vinda do elemento fogo sobre fogo (ver Elemento). É **Orí** quem escolhe o destino de cada um e o único **oríṣa** que acompanha seu devoto do início ao fim de sua vida.

- Conta o mito que **Orí** um dia desejou reencarnar, chegando até mesmo a fazer este pedido a **Olorun**. Desistiu, entretanto, quando Lhe foram mostradas as condições para que

Seu pedido fosse aceito: **Orí** não saberia o dia de Sua morte, nem poderia mudar Seu destino. Para cada nova encarnação uma nova cabeça, pois **Orí** não reencarna. Somente **iwá** – o caráter – reencarna para se aperfeiçoar. **Orí** precisa receber oferendas, **iwá** não.

Orí é a divindade manifestada permanentemente no homem, podendo ajudar ou atrapalhar seu destino. Como qualquer outro **orísa**, **Orí** precisa receber oferendas a fim de que fortalecida possa comandar bem o restante do corpo e as tomadas de decisões. Foi dando um **Borí** (Culto a **Orí**) que **Òrúnmìlà** pôde afastar Morte, Doença, Perda, Paralisia e Fraqueza. O **odú Eḡḡonile** orienta que Seus filhos dêem **Borí** todo ano e ainda ensina como cultuar o referido **orísa** de maneira mais constante, através do **Igbá Orí**. Até **Oṣàlá** cultua **Orí**: **Oṣàlá borí ègbo ni dá là** = **Oṣàlá** deu milho branco cozido para Sua cabeça comer, a fim de renascer transformado e purificado.

Òrúnmìlà

Orísa tão importante em **Eḡḡonile** que quando este **odú** cai mostra a necessidade de iniciação para **Ifá**. Por isso mesmo, **Òrúnmìlà** deve ser muito agradado quando cai esse **odú**, principalmente com caracóis, jibóia e outros elementos como inhame, Seu alimento preferido. Foi a **Òrúnmìlà** que o **odú Eḡḡonile** ensinou o que fazer para que as divindades tivessem cabeça e a divindade Cabeça tivesse um corpo permanente. Esse **odú** fala através de **Òrúnmìlà** sobre como achar coisas perdidas, o cuidado com ingratidão, injúria e difamação fora e dentro de casa. Mostra a jornada empreendida por **Òrúnmìlà** em busca de sa-

bedoria e a necessidade de manter amizades duradouras, como a que tem **Òrúnmìlà** e **Èṣu**. **Òrúnmìlà** dá muitas recomendações através de **Eḡḡḡḡḡḡ**, entre elas a de se ter resignação diante dos sofrimentos.

Òrúnmìlà sempre foi o mais frágil fisicamente entre todos os **oríṣa**. Foi principalmente pelo fato de ser difícil para Ele assumir alguma missão que Lhe exigisse esforço físico que **Olorun** Lhe deu o encargo de usar a sabedoria que Ele encontrou em Sua jornada, em benefício dos **oríṣa** e dos homens. Podendo com isso não só sentir-se útil, como também ser capaz de prover Seu sustento. **Eḡḡḡḡḡḡ** também Lhe ajudou nesse sentido, uma vez que foi através desse **odú** que **Òrúnmìlà** pôde encontrar três grandes sortes: **Ìdẹ** = Maturidade, fundamental a todos que têm como função “ler” o caminho dos outros e, ainda, aconselhá-los; **Okun** = Habilidade e força, necessárias a qualquer função; **Ajé** = Poder do Dinheiro. Foi esse mesmo **odú** que ajudou **Òrúnmìlà** a casar-se com Dinheiro, através da pomba **Àdaba Kékékéké** e de Seu próprio **Orí**.

Oṣàḡiyàn (ver **Ìḡḡḡḡḡḡ** **Òrun/Ọmḡlulu**)

É principalmente na relação entre maus comportamentos e flagelação/autoflagelação que **Oṣàḡiyàn** fala através do **odú Eḡḡḡḡḡḡ**. **Kinàmã** – ‘Aquele que deve costumeiramente flagelar-se’ – surgiu do **odú Eḡḡḡḡḡḡ** e é Seu fiel escudeiro. Um dos mitos desse **odú** conta que um passarinho pequenino venceu um elefante, pois fez com que ele se flagelasse com sua própria tromba até morrer. O **odú Odì** conta que os albinos apanharam de pau e se tornaram servidores de **Oṣàḡiyàn**, por eles não te-

rem pagado as cervejas e os **obì** que compraram em **Ejìgbò**, cidade governada por **Oṣàgiyán**, que é conhecido como 'Aquele que aprecia a vida honrada'.

No culto a **Oṣàgiyán** está contido o ritual de flagelação com o **àtòri**, onde se pede para serem perdoadas as injustiças e ingratidões cometidas durante aquele ano e que estas não mais voltem a acontecer: **Òyè kó agbo afofun là awa átòri ṣe baba** = No raiar do dia, nos juntaremos no barracão, nós, que normalmente usamos roupa branca e limpa, para fazer as varetas de **àtòri**, pai. **Àtòri** é o nome da árvore que empresta não só o nome, mas também seus galhos para a confecção das varetas usadas, de maneira simbólica ou não, para realizar a referida penitência. Conta o mito:

- **Oṣàgiyán** resolveu conquistar um reino. Pediu ajuda a Seu grande amigo **Awolejé** e conquistou **Ejìgbò**. Assim, ele passou a ser chamado **Èléjibó** – Senhor de **Ejìgbò** –, mas era tratado na intimidade pelo nome de **Oṣàgiyán** – **Oṣàlá** Comedor de Inhame Pilado –, em virtude da paixão que tinha por este alimento. Chamá-Lo assim em público, entretanto, era uma heresia. **Awolejé** ajudou **Oṣàgiyán** a conquistar Seu reino e a torná-lo próspero. Afinal, ele era um **babalawo** poderoso, que aconselhou o Rei de **Ejìgbò** a fazer oferendas adequadas a fim de que Seu reino progredisse. Acontecido o previsto e aconselhado, **Awolejé** partiu de **Ejìgbò**. Quando a saudade do amigo foi sentida de maneira mais forte, ele retornou para o reino que tinha ajudado a conquistar. No portão de entrada da cidade, o **babalawo** procurou por **Oṣàgiyán** – o Comedor de Inhame Pilado –. Os soldados eram novatos e como não co-

nheciam **Awolejé** ficaram furiosos com a intimidade e insolência demonstradas. **Awolejé** foi preso e maltratado. A ingratidão pesou forte no coração do amigo de **Oṣàgiyán** que com seus poderes mágicos vingou-se, deixando o reino que tinha ajudado a conquistar experimentar todo tipo de catástrofe. **Oṣàgiyán**, após sofrer durante sete longos anos, resolveu procurar os divinadores. Foi assim que **Èléjibó** soube da injusta prisão de **Awolejé**. O rei ficou desesperado e imediatamente foi libertar o amigo. **Awolejé** foi libertado, mas ressentido escondeu-se na mata. O rei suplicou o perdão do velho amigo, que só cedeu com a condição de nunca aquele povo esquecer-se da ingratidão e injustiça cometidas. Para isso, todos os anos deveria ser feito um ritual de flagelação, onde seriam usadas varetas feitas da árvore **àtòri**, com as quais os súditos se autoflagelariam até que as varetas se quebrassem. Aceita a condição, o reino de **Oṣàgiyán** se tranquilizou e Ele pode retornar para o **Òrun**, readquirindo Sua condição de **oríṣa**.

Oṣàlá

É redundante falar de **Oṣàlá** em **Eḡḡḡḡḡḡ**, já que Sua história está inserida em todo o corpo deste trabalho. Para compreender o **oríṣa Oṣàlá** em **Eḡḡḡḡḡḡ**, basta ler os **ìtan** 1, 2, 15, 24, 34, 35, 42, 48, 55 e 65. Como também os seguintes capítulos: Instrumento de **Eḡḡḡḡḡḡ** -- **ṣpaṣṣòṣòṣò** – cajado de **Oṣàlá**; **Ìwò-Òrun** = Ponto Cardeal/Leste, lugar onde nasce o sol, onde nasce a luz; **Wájì** = Cor/Branca; **Èda-Òkúta** = Reino Mineral/Chumbo; Simbologia/**Itẹlẹ** = Peregrino e **Ìyò** = Sal.

Òṣun

Divindade relacionada à gestação e à fecundidade, por isto mesmo presente no **odú Eḡṣonile** que tudo faz para ajudar gravidez e parto difíceis, além de ensinar **ẹbọ** para quem precisa de potência sexual. Foi para **Òṣun** que **Ifá** indicou que fizesse sacrifício quando **Eḡjisiēdilè** = ‘Senhor da Procriação’ reclamou por lhe faltar fertilidade. Mas **Òṣun** também é a Senhora da Riqueza, que no **odú Eḡṣonile** viaja a fim de buscar dinheiro fora de Sua cidade. Ela é chamada quando se deseja dinheiro: **Òṣun mo pè ó o! Mo pè ósí ní owo. Ẹ ba ta mi lórè ayò, aláfiá. Omi, arin, má sùn. Omi o sírí. Iyá mi ò wá yanrìn wa yanrìn kówó si. Kó gbé ire temi fún mi o = Òṣun**, eu lhe chamo! Eu lhe chamo para que eu tenha dinheiro. Presentei-me com felicidade, prosperidade, bem estar e saúde. Água que flui sem cessar. Minha mãe que cava a areia no fundo das águas para guardar dinheiro. Traga minha sorte para mim.

Òṣun é a Dona da Água Fria com quem **Oṣalá** desejou casar-se. **Ìyá mi oní Ijeṣa ērē yeye. Ēni ti àyaba tēmí ibú omì. Ẹ ké yé énia ti Ẹfon. Iyá omọ-omọ iyá Ejimu tēmí ibú omì. Iyá mi ké sòrọ ké mã mã sọ. Eji biba ògùn àyaba obinrin ẹtọ ni kojo. E pè mã le Iyá mi mã rọra. Iyá mi Ejimu jerejere silè ké. Afi dé ré mã. Ajé bọ òjo Ilé** = Minha mãe, Senhora de **Ijeṣá**, eu Te saúdo. Rainha espiritual, ‘Aquela que é água de rio’, que favorece e agrada as pessoas de **Ẹfòn**. Idosa mãe espiritual, que é como água de rio. Minha mãe que tem calma ao falar, sempre, sempre tem calma ao falar. Rainha charmosa, água fria que reúne, mulher que direciona para o encontro. Minha mãe que reúne com firmeza e delicadeza. Mi-

nha mãe **Ejimu** – ‘Água de chuva que se bebe’ –, ‘Aquela que se fixa com calma e brilhantismo’. Sempre chega rodopiando calmamente. Água fria que vem trazendo riqueza para casa.

Şàngó

Eḡjónilẹ era chamado de **Onomiorógbó** = Ele é fogo que usa água. Afinal, o elemento predominante desse **ọdú** é fogo sobre fogo, que ensina através de **Ifá** a adquirir a força do próprio **Şàngó**, cultuando-O sempre com oferendas como: **àmala, orógbó, òkúta, ẹdùn**. **Şàngó** é **Ārá òkò là yá** = ‘Trovão que atira pedras para fender’. **Şàngó** é também chamado de **Jàkùta** = ‘Aquele que briga com pedras’. As pedras desse **oríṣa** são as **ẹdùn-ārá** conhecidas como pedras de raios, mas que literalmente significa machados de raios. **Şàngó** tem como um de Seus principais símbolos o machado que quando se refere a esse **oríṣa** é chamado de **oşé** – machado de dois gumes –, possuidor do poder de proteger contra roubos e azares. É comum se ouvir falar da relação de **Şàngó** com a morte. Inclusive dizendo que Ele a teme. Na verdade, **Şàngó** foi traído pelo **oríṣa** Morte e passou a evitá-Lo, mas quando se faz necessário Ele O enfrenta. Quando as pessoas regidas por **Eḡjónilẹ** são ameaçadas de morte por objetos cortantes, o machado sagrado do **Oríṣa** da Justiça – **Şàngó** – surge como instrumento de defesa: “**Ọmọ ọwọ̀ràn ti wọ̀n’kú lóşé**” = “O homem forte que espanta a morte com o seu machado” (SÀLÁMI, 1990, p. 88).

■ Sentenças

- A cabeça governa o corpo, assim como um rei governa o povo.
- **Oṣàlá ko mu ẹmu. Àfín ko jẹ ìyọ̀ = Oṣàlá não bebe vinho de palmeira. Àfín não come sal.**
- Se alguém esconde sua doença, a doença o esconderá dentro do chão.
- **Ẹ̀du ewé kòkò méjì nja wòn sara wòn peḷe nje peḷe nje =** Quando duas folhas de **kòkò** estão brigando, o vento as carrega por toda parte.
- **Ejo méjì nja, won sarawon loroku loroku =** Quando duas serpentes estão lutando, elas se enrolam uma com a outra.
- Que homem pode gabar-se de ser tão grande quanto o elefante? Quem pode proclamar ser tão grande quanto o búfalo? Quem pode gabar-se de ser mais influente que o rei? Nenhum pano de cabeça pode ser mais largo do que aquele usado pelas 'Mais Velhas da Noite'. Nenhuma corda tão longa quanto aquela usada pelas feiticeiras! Nenhum chapéu pode ser mais famoso que uma coroa. Na largura ou na amplitude, a mão não pode ser mais alta que a cabeça. O

cume de uma palmeira é mais alto que as folhas na cabeça da palmeira. Onde existe a realização de música é o som do sino que toca mais alto que os outros instrumentos.

- Assim que a galinha vai se empoleirar nos seus ovos, ela modificará sua voz.
- Quando a cabeça está fora do corpo, o resto não tem vida.
- Um bom acordo vence a hostilidade.
- O sino sempre soa e não morre.
- Pessoas com propósitos sérios não ouvem o pássaro cantando a canção do infortúnio.
- Dificuldades e problemas fazem surgir o melhor do homem.
- Paciência e sacrifício fazem o impossível se tornar possível.
- Dê-me um problema difícil para resolver que os céticos possam assim crer. Dê-me uma guerra para promover, que homens possam perceber, então, a força das divindades.
- Aprender com infortúnios passados é ser sábio, não aprender com os erros anteriores é insensatez.
- A pessoa que falha em fazer sacrifício justifica o divinador.
- No momento que alguém ignora os conselhos, torna o conselheiro um profeta.
- É uma regra divina: Ninguém pode matar aquele que o alimentou.
- Minha cabeça é boa, não os meus olhos.
- Uma cabeça amadurecida, limpa e pensante é morada e escudo protetor.

- Uma cabeça persistente é morada e escudo protetor.
- O buraco não abrirá a boca se nada tiver para engolir.
- Não há valor algum em repetir um sacrifício.
- As coisas devem ser feitas pouco a pouco. Deve-se medir o comprimento e a largura.
- As folhas mais novas da palmeira se elevam mais que as folhas mais velhas.
- Nenhuma floresta é tão densa a ponto de não deixar a árvore **ìrókò** ser vista. Nenhum instrumento soa tão alto a ponto de impedir que se ouça o som do agogô.
- O assunto mais importante é claramente o assunto de **Ifá**.
- É pedaço por pedaço que se come a cabeça do peixe.
- Não somos tão grandes quanto o elefante nem tão resistentes quanto o búfalo.
- A faixa de pano usada por dentro não precisa ser tão vistosa quanto à usada por fora.
- **Èsu** diz: Farei a folha verde secar, pois se eu não comer, não permitirei que ninguém coma.
- Quando a afinidade com um amigo é grande, ele é considerado um parente.
- O filho traz motivação à vida. O filho é como uma jóia.
- O jovem insensato é salvo pela experiência do mais velho.
- Quando uma pessoa vai fazer uma escavação, tem que começar pelo começo.
- Tudo que se faz na vida tem que ser feito pela base.

- A sabedoria de uma criança é seu problema.
- A garganta de um divinador é seu agente de publicidade.
- O cordão está esticado no arco, se ele entra no rio amolece (impotência).
- Os coquinhos de **Òsányìn** vêem o sol, mas não quebram.
- Mulheres briguntas têm filhos com dificuldade.
- Você me ensinou e eu não preciso de cabras; não preciso de galinhas; não busco dinheiro. Sabedoria é o que eu busco.
- Se não suportamos o sofrimento que enche um cesto, não receberemos os favores que enchem uma pequena cabaça de beber.
- Não apresse algo que requer paciência.
- Comemos amendoins um a um; comemos nozes uma a uma; jogamos Rainhas Formigas uma a uma na boca.
- Os inválidos que não sacrificam morrem.
- Os inválidos na cama não conhecem o sacrifício, pois se conhecesse, levantariam da cama.
- Aquele que derrama vinho de palmeira deve prestar atenção quando escala com uma corda.
- O buraco da agulha não produz secreções.
- Um grande banheiro não guarda uma canoa.
- Um capacho redondo puxa as pessoas para a esteira.
- A mosca não voa ao redor de uma cesta de contas.
- Cabeça é quem deve escolher o cônjuge.

- Uma sombra tremula, mas não cai.
- Aquele que se coloca na floresta, deve vagar na floresta.
- Deitar-se sempre numa esteira nova é prerrogativa de riqueza.
- Sandália é prerrogativa de prestígio.
- As vigas se reúnem e sustentam o teto.
- Roubar não é como possuir.
- O buraco não abre a boca se nada houver para ser engolido.
- A árvore **îròkò** e a parasita Ava que a envolve, uma vez que se uniram, devem envelhecer juntas.
- O brilho do Sol desbota a bela coloração vermelha do **agidibaun** (espécie de preá de pelo avermelhado, que vive nas montanhas).
- Quem é protegido vence a morte prematura.
- Ninguém come um carneiro junto com seus chifres. Ninguém come cágado junto com sua casca. A casca do caracol é guardada depois de comida a sua carne.
- Uma pessoa soma, acrescenta, adiciona ao que ele já tem.
- Não importa o quanto os testículos de um carneiro balançam, não podem ser separados de seu corpo.
- Quando eu como fogo, eu o engulo.
- Quando um sacerdote serve a sua divindade, leva sete dias. Eu prosperarei na vida tanto mais tempo ficar.
- **Ayó** só pode ser interpretada por seu conteúdo.
- Apenas uma amostra pequena de presentes respeitáveis é presenteada aos Reis. Dádivas aos montes são apresentadas às divindades.

- As unhas do tigre não são usadas como faca para lacerar o corpo humano.
- O carregador de dádivas descarrega sua bagagem em frente ao recipiente mais velho para o qual é designado.

■ Àfọṣẹ Relato do Jogo

Ejọṅile é um **ọdú** considerado mentiroso e cheio de “artes e manhas”. Ele consegue até enganar a morte. Quando **Ejọṅile** responde no jogo, é aconselhável que o **olúwo** se levante três vezes, reverenciando-O com a expressão **Ẹ̀pà Baba!** Já ao consulente deverá ser indicados banhos com ‘folhas de calma’ e roupas claras por um período de oito dias. Além do que foi dito anteriormente, **Ejọṅile** é considerado o Rei dos **Ọdú** e, por isto, tem prioridade em relação aos outros **ọdu**. Os regidos por **Ejọṅile** devem consultar **Ifá** antes de tomar qualquer decisão importante (principalmente se for viajar) e devem sempre propiciar-lhe oferendas.

Desavenças conjugais por:

- Desejo de um dos cônjuges querer um filho e o outro não. Esta briga, no entanto, tem reconciliação no final, devido à ajuda dos próprios filhos: **Ẹ̀jì mọ́ gbé ni ogbé ẹ̀ni kó** = Aquele que junta novamente o casal que está perdido, fazendo com que o casamento se renove muito bem.
- Abandono de cônjuge.
- Separação de casal, por injustiça feita por um dos cônjuges.

- Um dos cônjuges perturbando a paz do outro, no lar.
- Infidelidade conjugal, dentro da própria casa, sendo resolvida com a proteção de **Ìbeḡḡ**.
- Os piores inimigos estão dentro da própria família. Sofre injustiça, traição, exploração financeira e de trabalho por parte do cônjuge.

Muito risco de morte por:

- Serem vítimas de ingratidão e inveja, devido à generosidade que possuem.
- Acidentes com quebra de pescoço.
- Objetos cortantes e perfurantes.
- Emboscadas e atentados.
- Atentado armado por pessoa poderosa (chefes, etc.).
- Suicídio, enforcamento.
- Nascimento e presença de àbíkú.
- Atrevimento de filho faz com que ele corra risco de morrer.
- Doença e morte súbitas.
- Morte por autoflagelo.

Se cair no jogo o **odú Eḡḡḡḡḡḡ** para uma pessoa que se queixe de mal-estar indefinido, é preciso fazer **ḡḡḡ** urgente, pois é possível que o consultante morra antes de adoecer.

Deficiência motora por:

- Deformidade de nascimento.
- Filhos com deformidade física desde o nascimento, com possibilidade de melhora.
- Deformação nas costas por ser pioneiro em um trabalho e precisar esforçar-se muito.
- Invalidez por teimar em morar e trabalhar em fazenda ou desobedecer aos avisos de **Oṣàlá** e ainda não cultuá-Lo.
- Simplesmente por ser filho de **Oṣàlá**.

Fofocas, traições, conflitos e perseguições por:

- Incompreensão do instinto prestativo que possuem os filhos de **Èjṣonílè**.
- Conspiração de inimigos com intuito de destruição, mas fazendo-se **ẹbọ** a pessoa sai vitoriosa e ainda mais majestosa.
- Viver um dilema entre ter paz e fazer intrigas.
- Muitos conflitos.
- Perseguição de **Èṣu**, **Àjé**, **Àbíku**, **Àrun** e **Ìkú**.
- Calúnia envolvendo a vida.
- Traição, mas em compensação terão o dobro da conduta que adotar par si.

Vítimas de sarcasmos por:

- Atitudes bondosas.

Responsabilidade com a vida religiosa:

- **Ọdú** Patrono da Cabeça, que ensina a montar o **Igbá Orí**. Os filhos de **Eḡḡḡḡḡ** têm necessidade de dar borí constantemente. “Onde se vê **Eḡḡḡḡḡ**, duas vezes, a pessoa deve sacrificar para Cabeça.”
- **Iniciação**, para que se alcance a sabedoria.
- É um **ọdú** que possibilita alcançar as últimas etapas do processo iniciático. Sendo assim, ele pede Iniciação e indica cargo importante no candomblé.
- Revela alta espiritualidade, a qual precisa ser desenvolvida, a fim de que a pessoa possa vir a ser um bom sacerdote.
- **Eḡḡḡḡḡ** caindo, principalmente, duas vezes, indica a necessidade de se ter sabedoria, resignação, paciência.
- Busca intensa pela sabedoria, com possibilidades de completar a jornada iniciática até o final.
- Possibilidade de receber posto de **oríṣa**.
- Tendência a sofrer atentados repetitivos que levem à morte, mas fazendo-se çbô a pessoa sai vitoriosa e pode completar sua jornada na Terra, sua missão, sua “obrigação”.
- Poder de vidência mística, mesmo sem uso de oráculo, mas que pode ser atrapalhada pelo excesso de imaginação, caso o orí não esteja bem cuidado.

Filhos:

- Problemas de gravidez, parto, impotência e esterilidade.
- Possibilidade de filhos albinos.

- As crianças de **Ejoni** têm muita dificuldade para superar barreiras antes de alcançar o sucesso.
- Filhos atrevidos, com atitudes insensatas.
- **Ejoni** na data do nascimento de uma criança possibilita perdas de oito em oito anos.

Sorte:

- Quando **Ejoni** abre o jogo, indica sorte.
- A sorte é difícil de ser segurada.
- A sorte é necessária para que os regidos por **Ejoni** evoluam e se estabilizem na vida, por isto a necessidade de cuidados espirituais mais profundos.

Ejoni em ire (bençãos):

Sugere o despertar para a espiritualidade e a conseqüente iluminação, mas para que isto aconteça os regidos por **Ejoni** precisam contar com a experiência e o conhecimento dos mais velhos. Vitória sobre os inimigos, quando os **eb** recomendados são feitos e o filho desse **odu** faz um bom uso do dinamismo que possui para resolver os problemas do dia a dia. Vida longa, quando a saúde é protegida e acidentes são evitados. Aquisição de bênçãos (inclusive financeiras), as quais são alcançadas tanto quando se permanece em casa ou quando são recebidas em viagens. **Odu** de muita proteção.

Ejoni em ibi (infortúnio):

Sugere ações impensadas decorrentes de impulsividade, preconceito, agressividade, falta de aceitação dos fatos e, principal-

mente, orgulho, comportamentos que trazem consequências desastrosas, até mesmo com risco de encarceramento. Separação da família por irresponsabilidade e traição de todos os tipos: sexualidade instável, excessiva ou insuficiente. Possibilidade de morte súbita, caso a pessoa já esteja doente, sacrifícios para os deuses são urgentes, principalmente quando **Eḡḡḡḡḡ** vem acompanhado de **Óḡḡḡḡḡ** e **Òḡḡḡḡḡ**, dois **Qḡḡḡḡḡ** que também falam sobre viagens com perigos.

Eḡḡḡḡḡ em àrun (doença):

Problemas de estômago, ventre e infecções na garganta. Deformidades físicas, principalmente na coluna vertebral e nas pernas, podendo ser uma simples câimbra ou até mesmo um aleijamento de nascença. Dores de cabeça. Depressão por problemas conjugais, desequilíbrio mental, loucura. Sensibilidade à luz e ao calor solar. As doenças ocorridas nos regidos por **Eḡḡḡḡḡ** não são decorrentes de feitiçaria. Quanto ao problema de cegueira, referido no **ìtan**, é uma forma simbólica de dizer que existe uma dificuldade de enxergar a realidade, devido à imaginação excessiva e orgulho.

■ Ëwò Interdito

É proibido para as pessoas regidas por **Ẹjọnile** comerem:

- Amendoim, por ser utilizado em **ẹbọ** contra impotência e pelo fato dos regidos por **Ẹjọnile** serem muito ativos sexuais.
- **Àkarà** = Acarajé, se a pessoa for filha de **Oṣàlá**.
- **Ẹtu** = Antílope (**egbin**), porque este foi o animal usado para combater os planos maléficos de um inimigo poderoso de **Ẹjọnile**. (DIAGRAMAÇÃO)
- **Ògèdẹ-àgbágbà** = Banana-da-terra.
- **Ẹkọ** = Açaça que tenha sido enrolado em folha de bananeira.
- **Ẹjò** = Cobra.
- **Erin** = Elefante.
- Jenipapo, por respeito ao fruto que é capaz de livrar a pessoa da morte.
- **Òjigbọn** = Porco-espinho.

É proibido para as pessoas regidas por **Ẹjọnile** beberem:

- **Ẹmu** = vinho de palmeira

■ Comportamentos Adequados

- Cultuar a cabeça dando **Borí**, se possível todo ano.
- Cultuar **Òrúnmilà** a fim de minimizar as dificuldades com a humanidade.
- Cultuar **Ìbejì** principalmente para resolver problemas de casal decorrentes de traição.
- É aconselhado acreditar nos deuses, cultuá-los, entre eles **Ògún** e **Şàngo**.
- Cultuar os deuses em geral, principalmente **Oşàlá**.
- Não duvidar das orientações do **babalawo**.
- Ouvir as advertências.
- Procurar proteger-se constantemente da morte, que chega através de emboscadas e atentados, por suicídio e enforcamento.
- Cuidar para não ser ferido com objetos cortantes.
- Não esconder as doenças, pois “se alguém esconde sua doença, a doença o esconderá dentro do chão.”
- Aprender a lamentar-se.
- Fazer os sacrifícios no momento indicado, evitando a morte e problemas de esterilidade.

- Ter cuidado com as palavras, principalmente se o assunto não lhe diz respeito, evitando transmitir ou receber recados.
- Não falar muito para evitar fofocas que atrai a morte para si.
- Castigar, quando necessário, a pessoa que esteja obstinada a invocar o mal sobre outra pessoa.
- Manter-se sempre calmo diante de problemas sérios, principalmente os que envolvem brigas entre o casal, com envolvimento da justiça.
- Fazer o possível e o impossível para que não aconteça divórcio no casamento, pois o cônjuge cai em penúria.
- Não ficar solteiro.
- Tentar recuperar o cônjuge perdido, mesmo que seja preciso implorar o perdão.
- Não permitir que alguém maltrate injustamente seu cônjuge.
- Não brigar com o cônjuge, a fim de que doença, feitiçaria, morte e infortúnio não penetrem no lar.
- Não abrir mão do que é seu ou separar-se de um ente querido, pois resultará em conseqüências muito negativas.
- Implorar pelo perdão do outro, a fim de ter paz e prosperidade, principalmente se for o cônjuge.
- Não se permitir ficar sem vida própria, dedicando todo seu tempo aos outros.
- Evitar sempre trabalhar gratuitamente. Realizar trabalhos sem recompensa, apenas para pessoas muito necessitadas.
- Deve procurar meios para deixar de serem coniventes com os comportamentos errados dos amigos e os próprios.

- Deve procurar sempre comer primeiro que os outros.
- Não deve dizer que a comida está salgada.
- Evitar participar de reuniões, banquetes. O inverso é necessário: dar banquetes para vencer um inimigo ou aplacar sua ira.
- Não deve conviver com pessoas poderosas, tipo chefes, devendo evitar encontros de confraternização com eles.
- Não fazer sarcasmo dos outros, nem dos trabalhos alheios.
- Esquecer os ressentimentos.
- Buscar ter bons comportamentos, pois terá sempre o dobro da conduta que adotar para si.
- Evitar exibições desnecessárias, para não ver o prestígio abalado ou diminuído.
- Procurar não escolher nada pela aparência.
- Ter resignação, paciência, perseverança, isto é, amadurecimento.
- Não permitir ser tratado como uma pessoa infantil.
- Economizar energia.
- Controlar a gula (iwôra), a avidez, para não sofrer de impotência.
- Evitar exagero, opulência, abundância de riqueza. Optar sempre por uma vida simples e limpa em todos os sentidos.
- Não deve ser ganancioso.
- Cuidar para não ser ingrato, nem sofrer por ingratidões feitas por outros.
- Cuidar de idosos como se fossem seus pais.

- Deve procurar ter boa aparência, para atrair prosperidade.
- Não deve ter nenhum tipo de preconceito.
- Os filhos de **Eḡḡḡḡḡ** devem criar cães, a fim de se livrarem de incessantes conflitos.
- Deve evitar entrar em conflitos.
- Procurar tornar-se sábio, aprendendo com os conflitos e disputas que surgem.
- O mal deve ser cortado pela raiz, isto é, não se deve nunca deixar que os problemas cresçam tanto a ponto de não poderem ser mais controlados.
- Guardar os presentes recebidos por um período, mesmo que pareçam sem valor.
- Não se deixar confundir pela astúcia dos outros, que fazem tudo para impressionar a pessoa, transmitindo-lhe medo.
- Procurar um mestre, morar com ele e se dedicar a aprender sua sabedoria.
- Procurar alguém para orientá-lo, para que possa ter consciência de sua força interior.
- Precisa de conselhos, principalmente vindo de mulher e de idosos.
- Evitar morar em fazenda, no campo, pois a prosperidade está na cidade para os regidos por **Eḡḡḡḡḡ**.
- Procurar não emprestar as próprias coisas.
- Ter muito cuidado para não sofrer sedução, nem seduzir para ter o que não lhes pertence.

- Ser organizado para atrair prosperidade.
- Sempre procurar atender aos pedidos das crianças.
- Ter cuidado com fogo.
- Pedir sempre licença (e esperar a resposta) para entrar nos lugares.
- Prestar atenção aos sonhos quando precisar de uma resposta sobre o próprio destino.
- As bênçãos que buscar devem vir pelo próprio esforço, nunca através de roubo.
- Cuidado com bebidas e jogos ilícitos: “As miçangas brancas dos colares das Sacerdotisas de Oḡàlá testemunham que elas são Suas esposas.”
- Evitar acumular lixo dentro de casa e deixar louça suja para ser lavada no dia seguinte.
- Para se prevenir contra acidentes, também em respeito à Oḡàlá, procurar não subir ou descer escada caracol.
- Gastar dinheiro com família é atrair problemas para si, de todos os tipos.
- Deve comer batata-doce.

■ Elementos de Èbọ

Principal oferenda: **Omi tútù** = Água fria.

- **Adiẹ** = Galinha.
- **Adiẹ funfun** = Galinha branca.
- **Adiẹ dudu** = Galinha preta.
- **Adiẹ pupa** = Galinha vermelha.
- **Àdó kékeré** = Cabaça pequena de pescoço, que é utilizada para guardar pós-mágicos.
- Milho verde picado e misturado com mel e azeite-de-dendê (**Ògún**).
- **Àgbado àidẹ** = Milho verde.
- **Àgbado funfun** = Milho branco cru ou fervido.
- **Àgbado sè ti Ògún** = Milho cozido para **Ògún**.
- **Agbòn** = Cesta.
- **Agogo-ãgo** = Sino.
- **Agoro** = Coelho.
- **Àgutan** = Ovelha.
- **Àjapá** = Cágado.
- **Ajẹun** = Comida (tudo que se come).
- **Àkarà** = Acarajé. Para conseguir “trocar” o destino (o que nunca deve ser feito).

- **Àkarà ègúsi** = Bolinho com sementes de melão dentro dele.
- **Àkasọ** = Escada.
- **Ãké** = Machado.
- **Àkété** = Chapéu.
- **Àkùfi nfiró** = Linha torcida.
- **Àkufi** = Linha de costura.
- **Àkúko** = Galo.
- **Àlà** = **Àilà àlà ò.şún lãlã fún bẹ şíré** = O genuíno e purificado pano branco é sustentado com cuidado e desta maneira espalha festa. **Baba là dúró dé ni kékeré ilè àlà** = Pai renascemos, estamos em pé com a cabeça protegida na pequena casa, o **àlà**.
- **Ãlè** = Espanador, vassoura. Deixar a casa sempre limpa para agradecer o cônjuge e para varrer as coisas ruins de casa (lembrar que esse **odú** é regido por **Oşalá** que precisa ter tudo muito bem asseado).
- **Amalá ti Ìbejì** = Oferenda de quiabo para **Ìbejì**.
- **Amalá ti Şàngó** = Oferenda de quiabo para **Şàngó**.
- **Àmúga** = Forquilha.
- **Apala** = Cabaça.
- **Aşọ** = Roupas, calça.
- **Aşọ funfun** = Roupas brancas. "Quando ponho roupas brancas sou saudado como aquele que se veste de branco e se mostra com muita elegância e é bonito como o céu."
- **Aşọ dúdu** = Roupas pretas. "Quando eu acordo de manhã e ponho roupas pretas, eu consigo vencer o homem baixinho preto."
- **Aşọ-isinkó** = Capa.

- **Aṣọ pupa** = Roupas vermelhas. Para não ter solidão. “Quando eu acordo e ponho roupa vermelha, sou saudado como aquele que tem uma só morada.”
- **Aṣọ-òfọ** = Túnica (significando uma roupa boa, elegante).
- **Aṣọ pàtipàti** = Roupa usada.
- **Aṣọ sèlésè** = Roupa tingida (levemente).
- **Atare** = Pimenta-da-costa.
- **Atin lodo èdú** = Pó de carvão vegetal.
- **Atalè** = Gengibre.
- **Awotêrè lodó olowonyó funfun** = Tira de pano de algodão branca.
- **Awotêrè lodó olowonyó pupa** = Tira de pano de algodão vermelha.
- **Awotêrè lodó olowonyó dundun** = Tira de pano de algodão preta.
- **Bagre** = Um tipo de peixe.
- **Bùjé** = Tinta para fazer tatuagem de rena. Para evitar a morte.
- **Caveira de um animal de quatro pés.**
- **Dùn ti Oṣàlá** = Doces para Oṣàlá.
- **Èdú** = Carvão vegetal.
- **Egungun** = Osso, esqueleto, mas que aqui se refere à caveira de um animal.
- **Ejá pèli** = Peixe seco.
- **Ekodíḡḡ** = Pena do papagaio, **odíḡḡ** que é usada ritualisticamente.
- **Ekute** = Rato.
- **Ekute òmirán** = Rato gigante.
- **Èkú ẹmó** = Rato castanho, preá.
- **Èḡḡ** = Sopa.
- **Ètu** = Espécie de veado.

- **Ẹkọ** = Acaçá.
- **Ẹní** = Esteira.
- **Epo** = Óleo de palmeira (azeite-de-dendê).
- **Ẹran** = Carne.
- **Ẹran àgbò** = Carne de carneiro.
- **Ẹran òbúkọ** = Carne de bode.
- **Ẹran ódo** = Carne de porco.
- Esponja.
- **Ẹjá** = Peixe.
- **Ẹjá peli** = Peixe fresco.
- **Ẹpá** = Amendoim.
- **Epo** = Azeite de dendê.
- **Ẹpo lodó ejò** = Pele de cobra.
- **Ewé** = Folhas.
- **Ewé ẹrọ** = Folhas de calma.
- **Ewé Ifá** = Folhas de Ifá.
- **Ewújù** = Porco espinho (**òjigbọn**).
- **Ewúre** = Cabra.
- **Ẹwù ti Ògún** = Camisa ou ornamento para **Ògún**, visando torná-lo mais amável. (**Ẹwù** = camisa, ornamento; **Ẹwù** = amabilidade, prazer).
- **Ẹiyélé** = Pombo.
- **Ẹiyélé funfun** = Pombo branco. Problema de traição de casal.
- **Ẹiyélé mejí** = Casal de pombos.
- **Ẹiyélé oborin** = Pomba.
- **Ẹtú** = Galinha d'Angola.
- **Ẹya-ara lodó ẹiyẹ** = Asas de aves.
- **Ẹyin** = Ovos.
- **Fàdaká** = Prata.
- Farofa de inhame com dendê para **Ẹsu**.

- **Okó lodo ígi** = Pênis de madeira.
- **Òkúta** = Pedras.
- **Òkúta kiun Funfun** = Pedras brancas miúdas.
- **Òkúta pupa** = Pedra vermelha.
- **Olowonyó** = Pano de algodão.
- **Omi** = Água.
- **Omi-eran** = Sopa.
- **Omi ojò** = Água de chuva.
- **Òrì** = Banha da costa.
- **Orógbó** = A doença.
- **Osùn** = pó de cor vermelha retirado da árvore *Baphia níti-da*, que corresponde ao Urucum utilizado pelos índios como pintura mágica, o qual é retirado da árvore *Bixa Urucurana* (**Osùn Èlédè**).
- **Otí** = Bebida fermentada.
- **Otí-olójé** = Gim.
- **Otí pupa** = Vinho.
- Ovo galado de galinha caipira.
- **Owó-íná** = Moeda corrente.
- **Òwú** = Algodão.
- **Òbe** = Faca.
- **Ọfá ti Ọ̀ṣọ̀si** = Flecha para Ọ̀ṣọ̀si.
- **Ọ̀gẹ̀de-àgbagba** = Banana da terra.
- **Ọ̀gògórọ** = Aguardente feita de dendezeiro, cachaça yorubana saboreada por **Èṣu**.
- **Ọ̀já** = Faixa de pano.
- **Ọ̀ká** = Serpente, tipo jibóia, sagrada para o povo Yorubá: **Ọ̀ká jóko Pẹ̀pẹ̀ ré pé** = A serpente sentou no altar, a fim de mudar a pele, (renovar-se).
- **Ọ̀kọ** = Enxada.

- **Ọkọ jíjá** = Enxada quebrada.
- **Ọmọ-Ewùrẹ** = Cabrito preto.
- **Ọmọ-Ewùrẹ dun** = Cabrito preto.
- **Ọmọ-Ewùrẹ Funfun** = Cabrito branco.
- **Ọmọ-Ewùrẹ pupa** = Cabrito vermelho.
- **Ọṣẹ** = Sabão.
- **Óṣo** = Joia.
- **Ọyin** = Mel.
- **Sanyan alawo** = Seda colorida.
- **Ṣẹkẹṣẹ** = Bebida fermentada, cerveja de milho.
- Tecido comum.
- Tecido branco.
- Tecido vermelho.
- Tecido preto.
- Tecido preto de algodão fino da Índia.
- **Urũṣo lódò ẹja** = Pó mágico de peixe.
- **Urũṣo lódò eku ẹmó** = Pó mágico de preá.
- Vara de ferro.
- **Wájì = aró ẹlú** = Pó azul, obtido pela fusão e fermentação de folhas de algumas árvores tipo: *Indigofera tinctoria*, *Indigofera arrecta* e mais precisamente *Lonchocarpus cyanescens*.

■ Colocação de Ẹbọ

- Àgbàrá = Água drenada.
- Àmúga lodó igi = Forquilha de árvore.
- Ìdá = Encruzilhada.
- Igi àgba nlá = Árvore velha frondosa.
- Igbó = Mata.
- Ikárà ilé = Quintal de casa.
- Qjà = Mercado.
- Òkè = Montanha.
- Okùn = Mar.
- Pẹpẹ lodó Èṣu. = Altar de Eṣu.

Em cima de uma pedra de um rio limpo.

■ Nomes a serem chamados

- Para ajudar no processo de individuação: **Àmure** = Sacerdote de **Ifá** que faz uso de água fresca para fazer com que as pessoas se tornem completas.
- Para que uma pessoa se torne amadurecida: **Onomiorógbó** = Ele é diferente, é uma pessoa jovem em idade, mas completamente amadurecida.
- Para resolver brigas de casal: **Ẽjì mọ gbé ni ogbé ẹni kó** = Aquele que junta novamente o casal que está perdido, fazendo-o renascer muito bem.
- Para despertar uma pessoa sobre a maldade humana: **Ojìgbòmèkúnnèmí** = Ele está acordado para as pessoas pobres de espírito, que gostam de ferir os outros.
- Para estimular a renovação: **Ọkà jóko Pẹpẹ ré pé** = A serpente sentou no altar, a fim de mudar a pele.
- Para livrar-se de um inimigo e, assim, a sorte voltar: **Ẽjògòdòlẹ ẹfo ni mọ pé ìfàmi** = A solicitude reconhece o preguiçoso, coloca pele de cobra que se desprende periodicamente e um saco de sal, a fim de fazer com que o inimigo aspire e a boa sorte volte.
- Para castigar quem gosta de invocar o mal para os outros: **Ẓì-**

gidi si agidi lépè = Vingança e castigo, quando necessário, contra pessoa obstinada que tem o poder de invocar o mal sobre outra pessoa.

- Para afastar as injúrias: **Ọsé mi ọjà gbá gbòn** = Agitar a injúria com choques violentos, como se varre o mercado.
- Para que uma pessoa deficiente amadureça e trabalhe: **Abuké lēkan lo ọdelidé** = O corcunda já caça com mais maturidade.
- Para acabar definitivamente com uma briga: **Ẹdun ewé kòkò méjì jà wòn sara wòn pelẹ nje pelẹ nje** = Quando duas folhas de **kòkò** estão brigando, o machado as arranca e elas são deixadas para trás ou transplantadas para serem comidas.
- Para que deixe de existir brigas entre casais: **Ejò-méjìnjá wọ sã rá wọ lọ rojú rojú** = Quando duas serpentes estão lutando, elas se enrolam e rastejam suavemente, docemente, por um tempo.
- Para acabar com a tristeza entre um casal: **Ẹdun wẹ kọ kọ méjì** = Aquele que não acha bom a tristeza entre casais.
- Para modificar uma luta, contestando-a: **Baba jagbà lọ̀rùn** = Pai que contesta uma luta, a fim de modificar sua essência.
- Para modificar alguém que tem uma natureza bestial: **Ajagbà àgbagba ajagbà jagbà, ni ẹran difá fun baba jágbà jágbà lọ̀ ọ̀rùn** = Velho mestre sacerdote que possui maturidade ao consultar **Ifá**, a fim de modificar alguém, cuja essência é como a de uma besta.
- Para encorajar a suportar a jornada do nascimento: **Ebitì ọ̀pelẹ**

làgbé = Mensageiro de **Ifá** que encoraja a suportar a jornada do nascimento.

- Para evitar mortes por aborto: **Ọwọ le kurukú** = Aquele que tem respeito e poder contra as mortes por aborto.
- Para que os cuidadores de crianças se sintam encorajados: **Olo-mọ gbótì** = Senhor que ouve, atende e encoraja os cuidadores de crianças.
- Para formar uma família: **Mojú** = Quem deseja ter família.
- Para se livrar de gozações: **Adeiyòrìju** = O sal é um armador de armadilhas para quem, com sarcasmo, ri de concepções falsas.
- Para evitar inimigos que desejam provocar acidentes com objetos cortantes: **Adífa fun Òkè ọtá le lùpa run ọkọ** = O inimigo quer quebrar em pedaços, até matar com fortes pancadas de enxada, a dura, forte e firme Montanha, que é protegida pelo Sacerdote de **Ifá**.
- Para evitar inimigos que desejam provocar acidentes com objetos cortantes: **Ẹbọ Òkè ọtá, ọta le gbé jẹ àdà** = Sacrifício para a firme Montanha que vencerá o inimigo que quer matá-Lo (Montanha é um **oríṣa** masculino) com um objeto perfurante.
- Para evitar hostilidade e inimizade: **Ẹbọ ọkọ ọtá** = Sacrifício com enxada contra hostilidade e inimizade.
- Para evitar inimigos que desejam provocar a morte de alguém: **On niti fẹ wá** = Ele fica espantado com quem cava (com quem deseja a morte de alguém).

- Para afastar pessoas sarcásticas: **Òlàyòrìn** = Aquela que usa sal para consertar o mal causado por pessoas que riem, sarcasticamente, dos outros.
- Para proteger o filho de quem quer ser superior a ele, pisoteando-o: **Awo ãfífi ni sọ̀jù omọ tẹ̀ré tẹ̀** = Aquele que usa coisas que fazem fumaça quando secadas ao sol (tipo sal), para proteger o filho de quem quer ser superior a ele, pisoteando-o, até fazer com que ele caia em desgraça.
- Para proteger a quem se estima de fofocas: **Òkí pa tẹ̀ré bẹ̀ ẹ̀jó le yìn** = Aquele que se adianta, toma a frente, sendo capaz de proteger a quem se estima daquele que erra pisoteando e fazendo os outros sofrerem por meio de fofocas.
- Para proteger-se dos falsos e mentirosos: **Ọ̀súdí erèké** = Senhor das coisas nubladas, emaranhadas, falsas e mentirosas como as serpentes.
- Para vencer o inimigo, levantando e elevando quem está indolente: **Ọ̀tálẹ̀gbẹ̀jeje** = Levantar, erguer o indolente, fazendo-o vencer o inimigo.
- Para trazer de volta a união: **Ọ̀lẹ̀jagbà olupé pèrojà** = Senhor que traz de volta a união, contestando a luta e aconselhando com malandragem.
- Para afastar a morte: **Ìkú ki ijà nilé Olódúmarè Àrun ki ijà nilé Olódúmarè** = Morte e Doença não fazem guerra na casa de Deus.
- Para afastar inimigos: **Okankan róróró mọ̀ ọ̀tá** = Aquele que produz som, repetidas vezes, para afastar o inimigo.

- Para aprender com as disputas: **Àgutangbòḡ** = Guerreiro inteligente, aquele que aprende com as disputas.
- Para que o inimigo não aprenda com as disputas: **Àgutankókó** = Guerreiro que não aprende com as disputas.
- Para fazer uso das leis, a fim de fazer com que uma pessoa renasça com honra e sensibilidade, quando é atingido com objetos perfurantes: **Adaro Èkù aḡá wó kó òkùtá òkè olobi tún ofi iyì ḡe òpe, oḡbòḡ, oḡbòḡ, oḡbòḡ** = Aquele que usa objetos perfurantes como punhal e lança, os quais machucam os seres de grande porte como animais e montanhas, mas também físgam as coisas sem valor e pessoas simplórias, usando as leis para fazê-las renascer com honra e sensibilidade.
- Para vencer pessoas poderosas: **Tìtigòtín** = O pequeno que confunde usando a violência.
- Para proteger um filho àbíkú e fazer próspera sua vida: **Elérè-M'ojú** = Aquele que fica de olho no filho que é àbíkú.
- Para atingir as últimas etapas da iniciação: **Yemidéréḡbe** = Aquele que através de uma respiração adequada, atinge a última etapa da iniciação: a sublimação.
- Para quebrar as forças de um inimigo: **Oníkánpa** = Senhor que quebra e mata.
- Para pedir maturidade, objetivando acalmar as situações: **Onírapa** = Senhor que apaga o fogo (acalma).
- Para quando se vai sacrificar um animal: **Oniràpa** = Senhor que amarra e mata.

- Para clarear o que está obscuro: **Amọ́ṣú** = Aquele que clareia o que está nublado.
- Para conseguir ser cordial, mesmo quando se sofre danos e ofensas: **Oṣàlá Qṣérégbó** = **Oṣàlá** que tem maturidade para ser cordial com quem Lhe causa dano e Lhe ofende.
- Para controlar o exagero: **Q tọwú** = Ele endireita o que é exagerado; **Q tọwú Qrọwúrọwúrọwú** = Ele endireita o que é exagerado, a opulência, o exagero.
- Para controlar ambição e usura: **Qba mọkì** = Rei que deve reconhecer quando está cheio.
- Para que a pessoa não sofra acidentes e possa ter vida longa: **Àjálù Gbóyìngbóyìn** = Aquele que é louvado por evitar acidente, fazendo a pessoa ter vida longa.
- Para pedir liberdade: **Erinjálo** = Nome dado a **Oṣàlá**, significando Elefante Livre.
- Para invocar o poder de prever o futuro: **Aríran** = Aquele que tem o poder de prever o futuro.
- Para saber usar o tempo a fim de evitar uma briga: **Qjódù** = Aquele que usa o tempo para recusar uma demanda.
- Para aprender a ter paciência e perseverar: **Rojúforítì** = Aquele que tem aparência triste, é mal humorado, mas deve suportar e perseverar. Nome pessoal que significa paciência ou perseverança.
- Para pedir pela descendência: **Ìranje** = A descendência é vencedora.
- Para seduzir alguém: **Alafihàndùn** = Delicioso sedutor.

■ Ọfọ

Encantamentos

- Para que o cônjuge que agiu injustamente implore o perdão ao injustiçado: Que homem pode gabar-se de ser tão grande quanto o elefante; Quem pode proclamar ser tão grande quanto o búfalo; Quem pode gabar-se de ser mais influente que o rei; Nenhum pano de cabeça pode ser mais largo do que aquele usado pelas 'Mais Velhas da Noite'. Nem a corda tão longa quanto aquela usada pelas feiticeiras; Nem o chapéu pode ser mais famoso que uma coroa; Na largura ou na amplitude, a mão não pode ser mais alta que a cabeça; O cume de uma palmeira é mais alto que as folhas na cabeça da palmeira; Onde existe a realização de música, é o som do sino que toca mais alto que os outros instrumentos; A palmeira é a mais influente que as outras árvores na floresta.
- Para se sair vivo de planos maléficos (atentados), arquitetados por inimigos: **Ìkú gbẹmi. Òtì mi. Tīri Àbáti. Àbáti tīri. Àrun gbẹmi** = Morte quer tirar a vida. Não respirar. 'Há Atentado' encontra-se em apuros. 'Há Atentado' está numa situação insegura. Doença quer tirar a vida.
- Para neutralizar maquinações maléficas feitas contra uma pessoa regida por **Ẹjọnlè**: **Ja ní ki ọwo já. Ọwú wú oni ko wo wọn wọn wú. Ipé kíkò, ki ga kíká dé nù. Pè Orí re kí gún Orí rẹ dé nù. Ẹtu tù kí olo wò nímò. Ni nú lò o tí ire e, fò ebi ré wá** = Não há mais luta, ebulição, nem

problemas criados. O senhor do algodão não pretende relembrar ressentimentos, pretende agradar. Mas recusa reunião, para que não seja enrolado e venha a se perder. Para que Sua cabeça não se canse, nem venha a se perder e chorar por confusão. O veado (antílope) trata do doente a fim de aliviar a dor do sensato senhor. Para não se perder na jornada, ele usa o encorajar e o empurrar, saltando-lhe para cima, para que se vá embora (caminhe), mova-se em direção à bondade, bençãos e benefícios.

- Para manter-se vivo: Deixe-me viver para quebrar **obí** para **Ifá** no próximo dia. Ter paciência diante dos problemas, a fim de que haja uma mudança de sorte, porque **Òrúnmìlà** não acredita nas impossibilidades. Pessoas com propósitos sérios não ouvem o pássaro cantando a canção do infortúnio. Dificuldades e problemas fazem surgir o melhor do homem. Paciência e sacrifício fazem o impossível tornar-se possível. Dê-me um problema difícil para resolver que os céticos possam assim crer.
- Dê-me uma guerra para promover, que homens possam perceber, então, a força das divindades. Aprender com infortúnios passados é ser sábio, não aprender com os erros anteriores é insensatez. A pessoa que falha em fazer sacrifício justifica o divinador. No momento que alguém ignora os conselhos, torna o conselheiro um profeta.
- Para que se tenha uma cabeça equilibrada e vencedora: **Ta ṣe do pónú, bó ta yi yò. Orí ãbò gbé, ãbò gbé, ãbò gbé! Orí ta do abo. Gbólẹ, gbólẹ, gbólẹ** = Uma cabeça amadurecida, limpa e pensante é morada e escudo protetor. É plena. Age economizando (energia), sendo persistente e resignada. Uma cabeça persistente é morada e escudo protetor. É amadurecida, plena, livre e vencedora.

- Para vencer os poderosos: **Tìtigòtín ẹgẹ tẹ Ijìnakú. N’hu! Gàngànràgã. Mã ẹgẹ tẹ gàngànràgã. Mã ẹgẹ tẹ gàngànràgã. Mã ẹgẹ tẹ gàngànràgã = Tìtigòtín**, o pequenino, armou uma cilada e esmagou **Ijìnakú**, O Grande e Pesado. Eu posso armar uma armadilha e esmagar os poderosos. Eu posso armar uma armadilha e esmagar os poderosos. Eu posso armar uma armadilha e esmagar os poderosos.
- Para a vida ser mais fácil, para que se tenha sucesso com facilidade: A vida da batata-doce é tão doce quanto o mel. A vida da batata-doce é tão doce quanto o mel. Oh, **oríṣa** deixe minha vida ser doce. Oh, **oríṣa** deixe minha vida ser doce.
- Para evitar difamação: **Elénìní Ilé, Elénìní òde o. Elénìní Ilé, Elénìní òde o. Kíni m’òrà lowo ni. Elénìní Ilé, Elénìní òde o =** Difamador da casa, Difamador na rua. Difamador da casa, Difamador na rua. O que eu comprei dos ricos? Difamador em casa, Difamador na rua.
- Para pedir que a jornada iniciática seja completada com tranquilidade: **Agbé ni gbé rè kọ Olokun. Aluko ni gbé rè kọ Olòsa. Èla Ìwòrì gbéré pàdé mi Lona Dan. Ibi òka bà sọ sī. Ègba ẹranko ni bẹ itì jẹ. Ifá èrè ki jẹ ki ebi pa ré. Oju kàn ti Èṣu bá jóko silẹ tì ré wá =** A galinha silvestre **agbé** cacareja para saudar **Olòsa**. A galinha silvestre **aluko** cacareja para saudar **Olòsa**. **Èla Ìwòrì** saúda ao encontrar o agitado, porém polido Senhor das Ruas (**Èṣu**), com quem conversa vagarosamente, pedindo antecipadamente um bocado de dinheiro para aquele lugar. E que o animal salte e tome a frente com coragem, para vencer a paralisia existente que se tenta esconder. Que **Ifá** me inicie na jornada enchendo-me de benefícios para que o jogo (da

vida) seja vencido. Que o olho não deixe a cabeça bater como faz o carneiro, que **Èṣu** me encoraje a buscar e encontrar a renovação, o assentamento e a fixação, para que eu me erga e aumente meu poder.

- Para que se tenha dinheiro, força e maturidade: Riqueza entrou em casa. Força veio atrás. **Ìdẹ** também entrou.
- Para que se tenha **Èṣu** como um grande amigo: **Èṣu**, eu vim para ser Seu melhor amigo. Não permita que me falte prosperidade. Para o melhor amigo de **Èṣu** não faltará sorte no amor. Para o melhor amigo de **Èṣu** não faltará fertilidade. **Èṣu**, eu vim para ser Seu melhor amigo. Não permita que me falte qualquer tipo de sorte.
- Para vencer os inimigos através da força do próprio ßàngó: **Tani nperi re, ọba.**
- **To ko peri re àlá dà. Tani nperi re, ọba. Ifá ni o dí àrun** = Quem está desejando mal a alguém vai embora, rei. Quem está desejando mal a alguém, não alinha a parte espiritual e não realiza o sonho de ser aceito. Quem está desejando mal a alguém vai embora, rei. **Ifá** diz: Este fica envolvido em doença.
- Para que uma pessoa se torne um ser individualizado e não seja apenas mais um na multidão: Quando eu acordo de manhã e ponho roupa preta, eu consigo vencer o homem baixinho preto. Quando eu acordo e ponho roupa vermelha, sou saudado como aquele que tem uma só morada. Quando ponho roupa branca sou saudado como aquele que se veste de branco e se mostra com muita elegância e é bonito como o céu. Quando **Ifá** acorda de manhã, tudo de bom acorda com Ele. Quando Ele fica nu, é chamado 'Aquele que anda nu com

muita elegância, muita beleza e muita firmeza, mesmo andando nu, Ele traz sua majestade! Quando uma pessoa vai fazer uma escavação, tem que começar pelo começo da terra. Tudo que se faz na vida tem que ser feito pela base.

- Para dar força à cabeça: Oh, Cabeça é o melhor defensor!
- Para que se tenha glória: O fruto da palmeira é sua glória. O filho é a glória de alguém. **Oríṣa** deixe-me ter glória na terra!
- Para obter vitória sobre os inimigos: Se durarem vinte anos, estou pronto para derrotar eles, **Gbóyìngbóyìn**. Montanha não morre. Se o ataque durar mil anos, eu estou pronto, **Gbóyìngbóyìn**.
- Para que se tenha paciência e perseverança: Sol, por favor, ponha-se para que não reclamemos do dia,
- Para se conquistar a proteção de **Ṣàngo**: **Ajagbà, Ajagbà**. Oh, **Ajagbà, Ajagbà!**
- Oh, **Ajagbà, Ajagbà!** = Nós nos voltamos a você, rei que não se enforcou. Nós nos voltamos a você, Oh rei. Nós cultuamos o rei que não se enforcou.
- Para que se tenha uma vida boa, um destino em ordem e condições de superar todos os obstáculos na Terra: Reúnam-se e sirvam o rei. Reúnam-se e sirvam o rei.
- As vigas se reúnem e sustentam o teto. Reúnam-se e sirvam o rei.
- Para que se adquira força, mesmo quando se é considerado insignificante: Se os homens se tornam meus inimigos, **Sòbia**, o verme, vai e os derruba. Se as mulheres se tornam minhas inimigas, **Sòbia**, o verme, vai e as derruba.

- Para aprender a ser organizado e, assim, atrair prosperidade: Vendedores de feijão, de sal. **Kẹ̀rẹ̀rẹ̀**. Você está vindo para o cesto. **Kẹ̀rẹ̀rẹ̀**.
- Para evitar ser surrado e repreendido: Você não me chicoteia. Olhe para a roupa de **Oṣàlá** que cobre meu corpo. Você, olhe para a roupa de **Oṣàlá**! Você não me chicoteia. Olhe para a roupa de **Oṣàlá** em meu corpo. Por favor, olhe para a roupa de **Oṣàlá**.
- Para proteger-se da morte: **Eḡḡḡḡḡ**, que o cheiro da morte jamais se oculte do cão. Que **Aklasú** possa sempre farejar no ar o cheiro da morte.
- Suplicar para livrar-se da morte: **Aklasú** se alimente de carniça, não se alimente de mim.
- Para proteger-se de acidente e morte; afastar nervosismo, azar e atrair sorte, bondade, favor, benevolência, benefícios e bênçãos: **Mo fọ ni rán ọwọ̀ àgbákò. Mo fọ ni rán ọwọ̀ ìkú. Mo fọ ni rán ọwọ̀ ibínu. Mo fọ ni múwọ̀lé alabápàdé nìmi. Mo fọ ni múwọ̀lé ire nìmi** = Eu esfrego as mãos para desfachar acidente e azar. Eu esfrego as mãos para desfachar morte. Eu esfrego as mãos para desfachar nervosismo. Eu esfrego as mãos para trazer sorte para mim. Eu esfrego as mãos para bondade, favor, benevolência, benefícios e bênçãos para mim.

■ Simbologia

Ãfin = Albino – Albinismo é um distúrbio congênito que implica na ausência de pigmento na pele, cabelos e olhos. As pessoas que sofrem desse distúrbio são chamadas de albinas: palavra que tem origem no latim *albus* – branco. Por ser a cor branca, muitas vezes, considerada a ausência de cor, ela está relacionada aos seres ausentes do mundo material (os mortos), que por se constituírem em um mistério, assusta. Assim como ficaram assustados os negros africanos ao verem o primeiro homem extremamente branco – os albinos, a ponto de algumas tribos maldizerem estas pessoas até hoje. Na língua **yorubá**, **ãfin** é a palavra correspondente a albino, provavelmente derivada de **àfi**, que significa exceção: aquilo que se exclui da regra e que por isto deve ser excluído do convívio com os “normais”. Em contrapartida, africanos que se permitiram conviver com albinos os consideraram seres especiais que tinham vindo do mundo dos mortos e que podiam dar notícias dos entes queridos que já tivessem partido da Terra.

Os albinos não têm pigmentos, são extremamente brancos. Eles são considerados filhos legítimos de **Oṣàlá**. Os albinos africanos dizem: “**Wõ Oṣàlá aṣò ára mí!**” = Vejam a roupa de **Oṣàlá** em meu corpo!. Os albinos são vistos como assustadores para alguns humanos, mas considerados perfeitos para os deuses porque as deformidades físicas são entendidas como marcas especiais do poder de **Oṣàlá**. Todos os nascimentos especiais são dedicados

a esse **oríṣa**, e as crianças assim nascidas são chamadas de **Ènia Oríṣa** = Pessoa Divina.

Afójú = Cegueira – O simbolismo da cegueira, em **Èjọnile**, refere-se ao fato de os regidos por este **ọdú** não gostarem de enxergar o mundo concreto. Optam, normalmente, por “ignorar a realidade das coisas, negar a evidência...”, o que faz com que eles corram o risco de se tornarem loucos devido ao excesso de imaginação. Amam a ilusão e, até mesmo, a mentira. Os olhos em **Èjọnile**, portanto, são órgãos a serem observados simbolicamente: significam que são agentes da cobiça (ver **Ìtan** 22) e da conseqüente inveja. É o conhecido mau-olhado, que o **ọdú Èjọnile** ensina a combater com o uso do sal (ver Simbologia/**Ìyò**).

Fífò = Salto (**Ìtan** 4,16 e 17) – Como vários símbolos, os saltos diferem de significado nas diferentes culturas: é uma proeza guerreira, usada para escapar do adversário ou para derrotá-lo; é símbolo de ascensão celeste; é divertimento e espetáculo (**bíḃẹ**). O salto, em **Èjọnile**, simboliza o empurrar para frente (**fífò**), a fim de que o peregrino dê continuidade à sua caminhada. O antílope, animal que dá saltos, é usado como elemento de **ẹbọ** em **Èjọnile**, exatamente para encorajar o iniciado a dar continuidade à sua caminhada e também como uma armadilha preparada para vencer o adversário, aqui o salto é chamado de **fífòsókẹ** (ver **Èdá-Èlémi/Ètu**).

Itẹlẹ = Peregrino – O simbolismo do peregrino é o da caminhada que o homem faz em busca de seu centro. É a viagem que o iniciado realiza, onde passa por diversas provas as quais lhe deixam preparado para a iluminação e as conseqüentes re-

velações divinas. As provas existem do início ao fim da peregrinação. A primeira delas é o despojamento, o desapego, não apenas dos bens materiais como dos bens afetivos, de ideias e convicções. No decorrer da viagem, comportamentos como paciência, persistência e resistência são exigidos. O físico e o espírito são testados a todo o momento, por isto o peregrino se segura em um cajado, a fim de não perder o equilíbrio durante a caminhada (ver Instrumento). O **ødú Èjònile**, que fala sobre nascimento, morte e renascimento, também fala sobre viagem iniciática através da mitologia de Seu principal **oríṣa: Oṣàlá**. O ritual das Águas de **Oṣàlá** representa a peregrinação deste **oríṣa** em busca da verdade, da paz, da imortalidade, da procura e da descoberta de um centro espiritual. Para **Oṣàlá** se canta: **Ajele borí òla fò rí kan. ãjo firì rìn = Oṣàlá**, o poderoso que sofreu provação física, é superior, segue adiante para encontrar Seu centro. Na jornada Ele é o mais idoso a caminhar.

A peregrinação de **Oṣàlá** foi orientada pelos **ødú Òfun** e **Èjònile**. Conta o mito:

- Certa vez, **Oṣàlá** resolveu que iria visitar Seu filho **Ṣàngó**, na cidade de **Òyó**. Ao ficar sabendo desse intento, a esposa de **Oṣàlá** tentou persuadi-Lo a mudar de ideia, pois na véspera ela tinha sonhado que por mais que lavasse as roupas Dele, estas nunca ficavam limpas. Teimoso como sempre, **Oṣàlá** não deu ouvidos à Sua mulher que, para não ser vencida de todo, aconselhou Seu marido a procurar **Ifá**. Visando evitar maiores conflitos, o ‘Grande **Oríṣa**’ assim fez. No jogo, foram os **ødú Òfun** e **Èjònile** que responderam primeiro, indicando que **Oṣàlá** passaria por enormes dificuldades. O **olúwo** recitou o

seguinte verso: **Ó ni ènia mètà niyí o kò l'ónà; k'ó ma já; iyà nbènibẹ o ni o pọ gan; Oṣàlá ni yio ba iyà re**, querendo dizer que **Oṣàlá** encontraria três pessoas na estrada com as quais não deveria discutir. Ele alertou **Oṣàlá** ainda para o sofrimento que teria que passar. **Oṣàlá** disse que suportaria todo sofrimento e humilhações. Percebendo que o Grande Pai estava disposto a passar pelos problemas que Lhe aguardavam, o **olúwo** Lhe deu a seguinte recomendação: "Siga então Seu destino, mas leve Consigo três mudas de roupas, sabão da costa e **òrí**; não peça nada que não precise realmente e não negue nada que Lhe seja pedido, como também se mantenha em silêncio, sem reclamar nem se queixar das humilhações e injustiças que possam parecer-Lhe desmedidas." **Oṣàlá** pegou as roupas brancas; pegou o bastão de comando e partiu (**Ó mu àwón aṣọ mètà; Ó mu p'òpá sọró ò já lẹ o**). O **olúwo** também recomendou que **Oṣàlá** fizesse um **ẹbọ** para aliviar os problemas que com certeza estavam por vir. A teimosia de **Oṣàlá**, dessa vez, como em outras, foi maior do que Seu, também conhecido, bom senso. É por isso que se canta o seguinte **orin**, a fim de lembrar ao 'Grande Pai' que use Sua cabeça: **Baba wi rín rìn fírì o. Baba wi rín lò orí** = Pai, fale, ria, ande. O Senhor é o mais forte. Pai, fale, ria, faça uso da cabeça.

Oṣàlá seguiu viagem e na estrada encontrou **Èṣu** que Lhe pediu ajuda para colocar uma vasilha de azeite-de-dendê em Sua cabeça. Dessa vez **Oṣàlá** lembrou-se das recomendações de **Ifá** e não negou a ajuda pedida, mesmo

consciente de que o azeite-de-dendê é um de Seus mais importantes tabus. O azeite-de-dendê pingou na roupa do Pai (**Epo sè aṣọ Baba**). **Oṣàlá** não se queixou: lavou-Se no rio com o sabão da costa, passou o **òrí** no corpo, usou uma das três mudas de roupa que Lhe tinha sido orientado que levasse e com Sua roupa suja fez um **ẹbọ** de “roupa velha”. Por outro lado, **Èṣu** não desistiu de cumprir Seu papel de Dono dos Caminhos, tanto os benéficos (**òna rere**), quanto os maléficos (**òna burúkú**). É Ele quem abre os caminhos para aqueles que cumprem os sacrifícios prescritos e os fecham para aqueles que não os cumprem. Foi assim que **Èṣu**, o **orisha** responsável pela Ética Universal, continuou atuando: pediu para que **Oṣàlá** O ajudasse a colocar em Sua cabeça uma vasilha contendo sal (**ìyò**), e tudo aconteceu como da primeira vez. O terceiro pedido foi uma vasilha que continha carvão e a cena se repetiu como as outras duas: a roupa ficou preta, não estava mais alva (**aṣọ dúdu kọ àfín**).

Oṣàlá viu o cavalo branco que tinha dado a seu filho **Ṣàngó**. Ele estava amarrado sem nenhum escravo a tomar conta dele. Imaginou que os escravos só podiam estar muito ocupados e então resolveu ajudá-los. Dessa vez **Oṣàlá** não estava desobedecendo ao jogo divinatório, Ele apenas se esqueceu da orientação de que não deveria ajudar a quem não Lhe pedisse ajuda. **Oṣàlá** levou o cavalo para se refrescar no rio; pegou um milho no milharal e alimentou o animal faminto. Quando os escravos procuraram e não encontraram o cavalo no lugar que o haviam deixado, pensaram imediatamente que ele tinha sido roubado. Fi-

caram desesperados. Afinal, aquele era o animal preferido do rei. Saíram, então, à procura do cavalo e o encontraram sendo alimentado por um velho. Eles gritaram: “**Wõ olé eḡḡḡḡḡ!**” **Oḡḡḡḡ** estava sendo chamado de ladrão do cavalo do rei. Sem ser reconhecido, **Oḡḡḡḡ** foi surrado até ficar com as pernas e os braços quebrados. Depois Ele foi levado para a prisão do palácio, ficando lá esquecido por sete anos, durante os quais o reino de **ḡḡḡḡḡ** caiu em total decadência. Desesperado, com Seu povo revoltado, **ḡḡḡḡḡ** resolveu procurar um **olúwo** que “leu” para Ele o motivo dos problemas: “Um homem que usava roupa branca tinha sido preso injustamente.” Os problemas pelos quais estava vivendo o reino de **ḡḡḡḡḡ** era apenas uma consequência natural da injustiça cometida. Afinal, o reino de **ḡḡḡḡḡ** é o lugar onde deve imperar a justiça.

Imediatamente, **ḡḡḡḡḡ** seguiu para a prisão e lá encontrou Seu pai: Quando **ḡḡḡḡḡ** chegou lá, o rei se prostrou perante Ele (**Níḡḡḡḡḡ ḡḡḡḡḡ ba dé ibè, oḡḡḡḡḡ a dḡḡḡḡḡ fún on**). **ḡḡḡḡḡ** deu a ordem para que banhassem Seu pai. Para isso, os guardas foram buscar água em sucessivas viagens. Revoltado, **ḡḡḡḡḡ** ordenou que os guardas responsáveis por tal injustiça fossem punidos, mas **Oḡḡḡḡ** disse que não. **Airá**, “escravo amigo” de **ḡḡḡḡḡ**, não se conformou e convenceu o piedoso Pai, argumentando que no reino de **ḡḡḡḡḡ** tal injustiça não poderia ficar impune. **Oḡḡḡḡ**, então, aceitou a sugestão de que um talismã fosse colocado dentro de uma cabana, no meio da mata, para que todos que ali entrassem e que carregassem o peso de terem cometido maldades e injustiças, fossem

penalizados, saindo dali com algum problema físico. O **orin** diz: **Olúwa yé wọrọ. Ẹ ma wọrọ wa le ẹ. Ọ ọmọ wa lésẹkan, wa lójúkan, wa lapákan, wa abuké** = Nosso chefe está vivo, mas silencioso. Está muito silencioso, mas agindo com firmeza. Seus filhos ficaram com uma perna só, ficaram com um olho só, ficaram com um braço só, ficaram corcundas...

O reino de **Ọyó** voltou ao normal e **Oṣàlá**, já restabelecido do esforço que viveu, decidiu retornar a **Ifon**, pois todos estavam preocupados com Sua longa ausência. Entretanto, o povo cantava, pedindo: **O fúwófúwó oréré, àilà là, Bábá kẹhin l'Ẹjigbo. Ilé Ifon mo ti wa Bábá. Ẹjibo rere mọ tì gbã o...** = Pálido e frágil, renascido e purificado, o Pai sobreviveu e seguiu para **Ẹjìgbò**. Pai, não volte ainda para Sua casa em **Ifon**. Em **Ẹjìgbò** o bem estar, a prosperidade e a saúde nascerão inteiramente.

Como **Oṣàlá** insistia em Sua decisão, **Ẓàngó** pediu que **Airá Ìntilẹ̀hìn** (Aquele que segura quem foi açoitado) O acompanhasse, e alertou em tom severo: "**Airá** é um escravo de inha confiança. É um escravo que não precisa se rastejar. É ele quem O acompanhará para sempre e O carregará quando necessário. Todos os acontecimentos aqui passados não poderão ser esquecidos e deverão ser lembrados pelas gerações futuras, no mais profundo silêncio da vergonha e do respeito. Seus filhos não poderão mais montar em cavalos ou usar qualquer objeto feito com o couro deste animal." Assim seguiu **Airá** com o 'Grande Pai' para as terras de **Ifon**, sendo que antes **Oṣàlá** resolveu passar por **Ẹjìgbò**, reino de Seu outro fi-

lho, **Oṣàgìyán**, para agradecer as buscas que Este tinha feito durante todos os sete anos em que esteve preso. Lá chegando encontrou uma grande festa esperando por Ele, com muito inhame (**iyán**) amassado no pilão.

O ritual **Omi Oṣàlá** relata a viagem empreendida por este **oríṣa** em busca da paz interior, a qual só poderia ser encontrada em um lugar onde impera a justiça, no reino de **Ọ̀yọ́**, no reino de **Ṣàngó**, pois é a justiça, proveniente da verdade, que faz com que a paz seja encontrada. O **odú Eḡḡḡḡ** tem forte ligação com o **odú Ọ́fun**, que foi criado pelo **Èmí** de Deus Supremo – o Sopro da Vida –. **Ọ́fun** foi criado pelo elemento AR e dele libertou **Eḡḡḡḡ** – o Fogo da Vida –. **Ọ́fun**, que é um **odú** hermafrodita, é a mãe e o pai de **Eḡḡḡḡ**, Seu filho mais velho, que reina sobre todos os outros (ver volume 1 desta coleção: **Ọ́fun Méjì** – Resumo). **Ọ́fun** fala na viagem empreendida por **Oṣàlá**, procurando alertar este **oríṣa** no que diz respeito à característica da teimosia, a fim de que viagens não sejam realizadas sem que antes sacrifícios sejam feitos para os deuses; também para alertar sobre os labirintos que são próprios das viagens iniciáticas. Já **Eḡḡḡḡ** chama a atenção sobre os comportamentos necessários para a completude do processo iniciático. O Ritual das Águas de **Oṣàlá** faz o sacerdote reviver e renovar, a cada ano, seu processo iniciático: sua viagem de volta a si mesmo, o reencontro com sua essência divina.

Ìyọ̀ = Sal – São vários os tipos de sais, sendo o mais conhecido o cloreto de sódio. Chamado popularmente de sal de cozinha, conhecido como ouro branco, já foi tão importante para a humanidade que dele derivou a palavra salário. O sal utilizado na

alimentação humana é conseguido através da dessalinização da água do mar que, represada, EVAPORA, devido ao aquecimento da água pelo sol. O produto que fica na terra, resultante desse processo, é o sal. Portanto, quem evapora é a água e não o sal. O processo de evaporação ocorre quando um líquido é aquecido: ao atingir determinada temperatura, a substância em estado líquido passa para o estado gasoso. O vapor de água decorrente da dessalinização é invisível e misturado ao ar da atmosfera forma o que é chamado de umidade do ar, importante para a saúde humana e para o clima. Através do processo de condensação, a água evaporada dos rios, lagos, oceanos e de nosso corpo volta ao formato líquido, quando ocorrem as chuvas fertilizadoras. “Os vários aspectos do simbolismo do sal resultam do fato de que é extraído da água do mar pela evaporação, diz L. C. de Saint Martin: um fogo liberto das águas.”

O fato de o sal ser extraído pelo processo de evaporação é demonstrado pelo **odú Eǰónilẹ** quando Sua mãe, **Ọ̀làyòrìn** = ‘Aquele que usa sal para consertar o mal causado pelas pessoas que riem sarcasticamente’, chamou o **awo Èfífi ni sọ̀jù omọ tẹ̀rẹ̀ tẹ̀** = ‘Aquele que usa coisas que fazem fumaça quando secadas ao sol (tipo sal), para proteger o filho de quem quer ser superior a ele, pisoteando-o, até fazer com que ele caia em desgraça’, a fim de pedir ajuda para seu filho que estava sofrendo devido aos comentários sarcásticos contra os trabalhos generosos feitos por Ele. **Ọ̀làyòrìn** fez sacrifício com quatro sacos de sal e as pessoas que antes estavam desdenhando de **Eǰónilẹ** começaram a fazer comentários a Seu favor.

O microscópio revela que o cloreto de sódio, assim como outros sais, é um cristal, formado por pequenos quadrados ou cubos

- Descarregar as energias ruins e relaxar: Toma-se um banho de água salgada com bicarbonato de sódio, tendo cuidado de não molhar a cabeça, para que não neutralizar o espírito que fica sediado na cabeça.
- Com intuito de purificação. Em África, o sal é utilizado de várias formas: em mudanças de residência se leva, antes de qualquer objeto, um copo de água e sal; seco, em um pires branco atrás da porta, para limpeza do ambiente; já os banhos com água salgada, quando adicionadas determinadas ervas, servem para renovar a energia física e, conseqüentemente, a vontade de viver. Não só em África, como em outras tradições de diferentes lugares, as características e conseqüentes simbolismos do sal fizeram com que esta substância sempre tenha sido usada para resolver problemas do dia-a-dia: a cozinha de todo o mundo usa o sal como tempero e como conservante de alimentos; os gregos antigos tinham no sal um símbolo de durabilidade e indestrutibilidade de amizades, eles usavam as expressões “comer sal com” para se referir a uma reunião e “comi um alqueire de sal com”, quando queria falar de uma longa amizade com alguém, mostrando, assim, a característica de incorruptibilidade do cloreto de sódio; para os hebreus, o sal era largamente usado como um potente antisséptico. O sal é, portanto, símbolo de purificação, mediação, cristalização, evaporação e, ao mesmo tempo, solidificação, que lhe dá o sentido de estabilidade e incorruptibilidade. Quando a Bíblia fala que após a destruição de uma cidade, sal era lançado em seu solo para torná-lo infértil (Juízes 9.45), demonstra outro simbolismo do sal: a infertilidade que o **odú Eǰónilè** tanto se refere.

Conhecendo os mitos de **Èjọnilẹ**, entende-se a importância do sal enquanto símbolo de infertilidade: muitos são os casos onde **Èjọnilẹ** ajuda casais com problemas de impotência, infertilidade, gravidez e parto. Afinal, “tudo que é salgado é amargo, a água salgada é, portanto, uma água de amargura que se opõe à água doce fertilizadora.” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 798). Foi com a ajuda de **Èjọnilẹ** e Seus sacerdotes que **Mojú** pariu um filho, a quem deu o nome de **Adeiyòrìju** = O sal é um armador de armadilhas para quem, com sarcasmo, ri de concepções falsas (ver **ìtan** 11). Enquanto elemento de **ẹbọ**, em **Èjọnilẹ** o sal é usado para livrar a pessoa da inveja dos outros (ver Simbologia/**Afójú**), impedir que pessoas sofram gozações e para que um amor ou uma amizade que não mais se deseja, evapore-se (**yó** = dissolver; **yọ** = livrar-se do perigo, safar-se; **yọ** = excluir).

Múkun = Aleijado, estropiado – No **ọdú Èjọnilẹ**, coxear, mancar, estar aleijado, impossibilitado ou com problemas para caminhar, simboliza as dificuldades que o peregrino precisa passar no árduo e penoso caminho que a ele é imposto em sua busca pela perfeição. Caminho delicado, complicado, nebuloso, confuso e cuja chegada ele não tem nenhuma garantia, mas que algo dentro dele o impele a dar continuidade, mesmo que tenha que sofrer perda de sua integridade física. Apresentar dificuldades para andar é uma forma de lembrar que o caminho em direção à iluminação precisa ser percorrido de maneira comedida, quando a prudência, a moderação e a modéstia são indispensáveis, para que o defeito físico não deixe de ser um lembrete e se transforme em um castigo pelos atos descomedidos. O deficiente físico deixa de ser um **múkun** para ser um **yarọ**, isto é, aquele que foi castigado. Analisando minuciosamente a palavra **múkun**, entender-se-á

melhor a diferença entre um processo e outro: **mu** = perder-se na multidão; **kùn** = resmungar, lamentar, friccionar óleo ou outra substância no corpo; **múkùn** = fazer queixas. **Múkun** é, então, o deficiente físico que tem direito de se lamentar, fazer queixas, cuidar-se com óleos de fricção, pois a imperfeição de seu corpo é decorrente do esforço feito para que alcance a individuação, enfim, seja um indivíduo e não apenas mais um na multidão.

O hábito de se queixar, tão criticado na sociedade atual, é considerado para o candomblé como algo natural e saudável nos humanos e por isto mesmo deve ser respeitado. **Ẹ̀jónilẹ̀** diz o seguinte em relação à manifestação de dor ou pesar: “Se alguém esconde sua doença, a doença o esconderá dentro do chão.” Reconheçamos, entretanto, que não é nada agradável ouvir uma pessoa que é permanentemente queixosa. Um **orin** cantado para a planta tapete-de-oxalá nos lembra: **Ewé Baba di ibárò o. Ọ̀sányìn baba ni bárù. Àbádà lò okun di ibárò ayaya. Ewé Baba ni bárù aikùn** = Folha tapete-de-oxalá, com o **àṣẹ** de Mestre **Ọ̀sányìn**, torne-me um conselheiro. Para que eu ajude as pessoas a carregarem suas cargas. Nas mudanças e nas contingências da vida, que eu faça uso de habilidade, para ajudar as pessoas a carregarem suas cargas sem queixar-me. ‘Mestre das Folhas’, torne-me um conselheiro bem disposto (ver **Ẹ̀dà-Ewéko/Ewé baba**).

Orí = Cabeça – Parte do corpo humano muito cultuado no **odú Ẹ̀jónilẹ̀**, a cabeça é tão importante para os africanos que é considerada a mais importante das divindades. Afinal, a cabeça simboliza “o ardor do princípio ativo. Abrange a autoridade de governar, ordenar, instruir. Simboliza, igualmente, o espírito manifestado, em relação ao corpo, que é uma manifestação da

matéria” (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1997, p. 151). É como diz **Eḡḡḡḡḡḡ**: “A cabeça governa o corpo, assim como um rei governa o povo.” Os regidos por **Eḡḡḡḡḡḡ** devem sempre cultuar **Orí**, a fim de que possam tomar decisões corretas, sem serem enganados pela avidez dos olhos. Para que consigam viver bem na Terra, precisam também ter em casa uma caveira de algum animal sacrificado para cultuá-la. O culto ao crânio é comum em muitos povos, que fazem uso desta parte do corpo para representar a cabeça e, conseqüentemente, o cérebro, órgão onde fica armazenada a força vital, tanto do corpo, quanto do espírito.

A cabeça pensa, o coração sente. Pensamentos claros, advindos de sentimentos puros, fazem com que uma pessoa caminhe com dignidade, mesmo quando curvado pelo peso das experiências adquiridas na jornada empreendida em busca do coração, “órgão central do indivíduo, corresponde, de maneira muito geral, à noção de centro.” O coração é o centro da individualidade, para o qual a pessoa retorna em sua caminhada espiritual. Essa jornada é demonstrada através da viagem de **Oṣàlá** até o reino da justiça – **Òyó** –. **Oṣàlá** saiu de **Ifón** para **Òyó** e no Seu retorno a **Ifón** parou para descansar em **Eḡḡḡḡḡḡ**, palavra que significa: Levanta quem está cansado, por ter atingido a maturidade. O mito do Eterno Retorno “o que não tem nem fim, nem começo”, é representado pelo rito universal da circum-ambulação, que consiste em girar persistentemente em torno de um objeto ou templo, geralmente consagrado, que pode estar aparente ou não, no intuito de reencontrar a própria natureza. É com esse objetivo que os iniciados do candomblé participam do ritual normalmente chamado **Şiré**. A roda (**òkiribiti**) sagrada do candomblé é um rito de circum-ambulação, que só é desfeita quando os iniciados se conectam com sua Essência Divina – **Oríṣa**.

Patiye = Flagelação – O ato de flagelar-se ou de ser flagelado com a intenção de domar os instintos, como se doma um cavalo que não aceita seguir o caminho que lhe é determinado, é comum em diversas religiões. No candomblé, o adepto é flagelado simbolicamente com vara de **átórí** (ver **Èdá-Ewéko/Átórí**), a fim de que suas faltas e injustiças, as quais tendem a causar culpa, sejam perdoadas. Em relação a **Ejonílè**, as faltas principais são a ingratidão e a arrogância.

■ Fontes Bibliográficas

BARROS, José Flávio Pessoa de; SILVA MELO, Marco Antonio e VOGEL, Arno. *A Galinha d'Angola – Iniciação e Identidade na Cultura Afro-Brasileira*. Pallas. Rio de Janeiro: 1993.

BARROS, José Flávio Pessoa de e NAPOLEÃO. *Ewé Òrìṣà – Uso Litúrgico dos Vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô*. 6ª ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: 2013.

BARROS, José Flávio Pessoa de; PALLESTRINI. *Ewé o Òsānyin – Sistema de Classificação de Vegetais nas Casas de Santo Jêje-Nagô de Salvador, Bahia*. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1993.

BENISTE, José. *Dicionário Yorubá-Português*. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: 2011.

BENISTE, José. *As Águas de Oxalá*. 2ª ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: 2003.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 11ª ed. José Olympio. Rio de Janeiro: 1997.

DETHLEFSEN, Torwald e DETHLEFSEN, Rüdiger Dahlke. *A Doença como caminho*. Cultrix. São Paulo.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo *Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro: 1987.

MOREIRA, Ana. Focus - *Antologia Poética*. Organização de Ivan de Almeida. Cogito. Salvador: 2011.

OXALÁ, Adilson de. Igbadu: *A Cabaça da Existência* – Mitos nã-gôs revelados. 2ª ed. Rio de Janeiro: 2001.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. *Orí Àpéré ó* – O Ritual das Águas de Oxalá. Summus. São Paulo: 2001.

SÀLÁMI, Síkírú. *A Mitologia dos Orixás Africanos*. Oduduwa. São Paulo: 1990.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nãgô e a Morte* – Pàde, Àsèsè e o Culto Égun na Bahia. Vozes. Petrópolis: 1976.

UYLDERT, Mellie. A Magia dos Metais – *Os segredos ocultos do mundo mineral*. Pensamento. São Paulo: 1990.

VERGER, Pierre Fatumbi. Ewé – *O uso das plantas na sociedade iorubá*. Companhia das Letras. São Paulo: 1995.

